



COLZA

UM LONGO APRENDIZADO

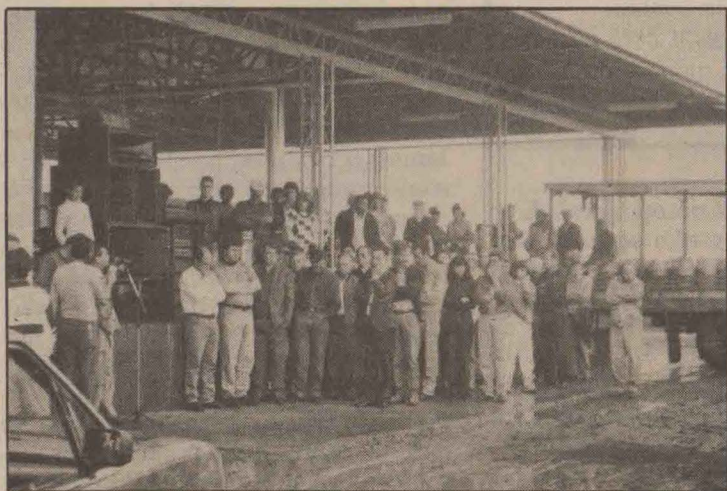
A colza chegou ao Brasil pela primeira vez em 1974, pelas mãos da Cotrijuí. São 18 anos de experiências acumuladas no plantio de uma cultura que, apesar de muitos problemas que ainda enfrenta, nunca esteve definitivamente fora das lavouras da região

— 12, 13 e 14



Antônio Baggio, de Coronel Bicaco: uma experiência de três anos

Posto de Leite em Jóia



Recém inaugurado, o Posto de Leite de Jóia já está recebendo 18 mil litros/dia

Uma parceria que deu certo

Com capacidade para receber 20 mil litros/dia, Posto de Recebimento e Resfriamento de Leite de Jóia é um exemplo prático de uma parceria que reuniu Cotrijuí, CCGL e Prefeitura Municipal

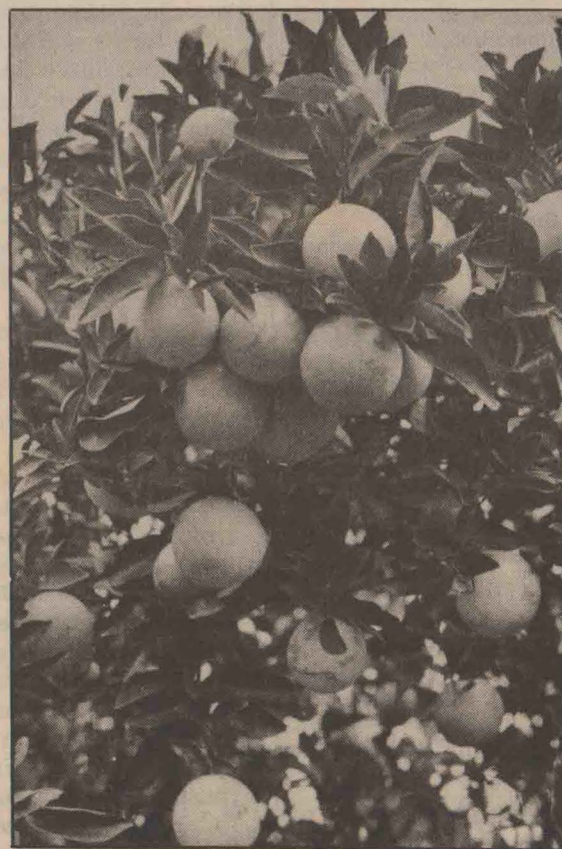
— 6

CITROS

Aposta segura

Mercado é o que não falta para a citricultura. Mas para chegar até ele é preciso plantar, colher e distribuir com qualidade

— 9



Laranja da região: favorecida pelo clima

**COOPERATIVA REGIONAL
TRÍCOLA SERRANA LTDA**


Ijuí - Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 111
Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-6400
Telex: 0552199 - Fax: (055) 332-5161
CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA nº 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

Porto Alegre - Av. Carlos Gomes, 111 -
10º andar - CEP 90030 - Fone (0512)
37-26-44, Fax 41-44-66 - Telex 511433 CTXT

Rio Grande - Terminal Graneleiro - 4ª
Secção da Barra - Distrito Industrial - CEP
96.204-000 - Fone (0532) 34-1500 - Telex
531120 - Fax (0532) 34.1500

Dom Pedrito - BR-293 - Km 237 - CEP
96450 - Fone (0532) 43-1002 - Telex 532362
CRTS

SUBSIDIÁRIAS
**- Cotriexport Cia. de Comércio
Internacional**

Av. Carlos Gomes, 111 - 10º andar - CEP
90030 - Fone (051) 3372644, Fax 41-44-66
- Telex 511433 CTXT

**- Cotriexport Corretora de Seguros
Ltda.**

Porto Alegre - Av. Carlos Gomes, 111 -
10º andar - CEP 90030 - Fone (0512)
37-26-44, Fax 41-44-66 - Telex 511433 CTXT

**Cotridata - Processamento de Dados
Ltda.**

Rua José Hickenbick, 66 - Ijuí/RS - CEP
98700 - Fone (055) 332-1999 - Telex 553726
CRTS

**- Transcooper - Serviços de
Transportes Ltda.**

Rua das Chácaras, 1513 - Ijuí/RS - CEP
98700 - Fone (055) 332-3065 - Telex 552212
TSCO

**- IRFA - Instituto Riograndense de
Febre Aftosa Ltda.**

Estrada do Lami, 6133
Bairro Belém Novo - Porto Alegre
Fone: 051-2591333

**ADMINISTRAÇÃO
DIRETORIA EXECUTIVA**

Presidente
Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-presidente
Euclides Casagrande

Superintendente/Pioneira
Celso Bolívar Sperotto

Superintendente/Dom Pedrito
Abu Souto Bicca

Conselho de Administração (Efetivos)

João Santos da Luz, Irani dos Santos
Amaral, Rubens M. Bressan, Jorge Alberto
Sperotto, José Rieth de Oliveira, Floriano
Breitenbach, Valdir Domingos Zardin,
Erno Schneider, Juarez Padilha, Flávio
Barreto e Antônio Carlos Nunes Campos.

Suplentes:

Enor Carniel, Arlindo Valk, Luiz Fernando
Löw, Ézio Barzotto, João Pedro Lorenzon,
Hélio Weber, Dair Fischer, Leocir Wadas,
José Moacir da Conceição e Ari Göergen.

Conselho Fiscal (Efetivos)

Rudi Bönnmann, Ingbert Döwich e Antônio
Carlos Xavier Hias.

Suplentes

Amauri Scheer, Léo Foletto e Zeferino
Pivetta.

CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM

Regional Pioneira.....	585.800 t
Rio Grande.....	220.000 t
Dom Pedrito.....	91.000 t
Total.....	896.800 t

COTRIJORNAL

Órgão de circulação ao quadro social,
autoridades, universidades e técnicos do
setor, no país e exterior.

Associado da ABERJE
REDAÇÃO

Dária C.L. de Brum Lucchese, editora;
Carmem Rejane Pereira; Raul Quevedo,
Porto Alegre

REVISOR

Sérgio Corrêa

- Impressão em Off-Set rotativa
Solna, na "A Tribuna Regional",
Santo Ângelo/RS.

Colza, na região desde 1974

A colza está ocupando neste inverno 820 hectares de lavoura na região. Todos os anos tem sido assim, desde que em julho de 1974 chegou ao Brasil um lote de sementes vinda da Alemanha e cultivadas por um grupo de produtores associados da Cotrijuí de Ajuricaba e Ijuí. Em fins da década de 70, fortalecida pela expectativa da indústria de transformá-la em óleo comestível e da promessa do governo de traçar uma política de incentivo à cultura, a colza chegou a ocupar, no Rio Grande do Sul, perto de 20 mil hectares. Na região, a lavoura andou ao redor dos 8 mil hectares. Frustradas todas estas expectativas — somou o incidente ocorrido na Espanha — e o não cumprimento da promessa do governo, a lavoura de colza entrou em banho-maria.

Na região de atuação da Cotrijuí, ela não chegou a desaparecer da lavoura. Alguns produtores nunca deixaram de plantá-la, embora reconheçam que os problemas técnicos — de cultivo, de manejo e de colheita —, ainda persistam. E, para estes produtores, colza ou canola é tudo a mesma coisa. "Tudo não

passa de uma jogada de marketing", dizem alguns técnicos informando que a canola nada mais é do que a colza sem a presença de ácido erúico e glucosinolato. Até aí, nem uma novidade, pois em 1978, a Cotrijuí lançou a sua cultivar CTC-4, um material de qualidade que até hoje tinge de amarelo algumas lavouras da região durante o seu florescimento. Matéria nas páginas 12, 13 e 14.

* A colza foi cultivada pela primeira vez, pelos seguintes produtores: Abílio Rodrigues Mafalda, de Timbozal, Norberto Oedmann e Ernesto Bortolini, Linha 23, Onorildo Zangirolami, Linha 21, Ivo Luiz Pizzolotto, Linha 13, Rodolfo Beno Gerke, Linha 30, Ângelo Montagner, Linha 17, Agenor A. Andrigheto, Monte Alvão, todos de Ajuricaba. Ainda foram pioneiros no plantio da colza em Ijuí Armindo Deckert, Vila Mauá, Ari Siede, Linha 8 Oeste, Lucídio Brum e Vitorio Dalla Rosa, do Barreiro, Hugo Lino Costa Beber, Santa Lúcia, Dary Meggiolaro, Boa Esperança, Joaquim Lorenzoni, Colônia Santo Antônio e Godofredo Borkenhagen, Itaí.

DO LEITOR

Inadimplência — causas e efeitos

* **Ademar Schardong**

Transcorrido mais de 120 dias da colheita de uma safra normal, haja vista que as duas safras anteriores frustraram os produtores por fatores de natureza climática, e por isso, não controláveis, os agricultores juntamente com as instituições financeiras estão convivendo com elevados índices de inadimplência (atrasos de pagamento) dos financiamentos rurais, notadamente os de custeio agrícola.

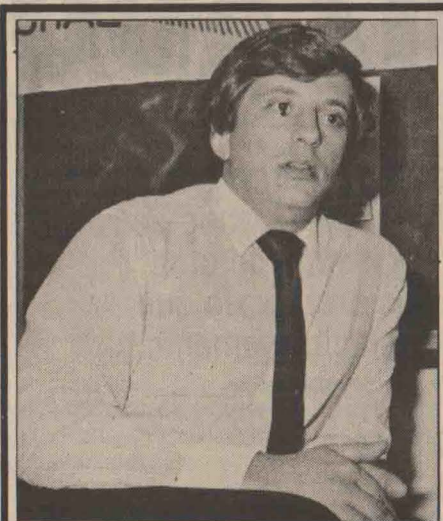
Para que possamos identificar a abrangência deste problema, basta analisar o perfil da Carteira de Crédito do Sicredi/RS, onde se verificará que um total de dezenove por cento (19 por cento) dos empréstimos concedidos continuam ainda pendentes de liquidação. Isso representa o valor totalizado, ou melhor, totalizava em 31 de agosto, Cr\$ 26 bilhões.

Para que se entenda melhor a composição desta intrincada situação, os produtores e as instituições financeiras que bancaram o financiamento da safra, hoje enfrentam sérios problemas de sobrevivência. E para que todos entendam o porquê dos problemas presentes, apresentamos os seguintes argumentos:

I — Por parte dos produtores — preços inadequados dos produtos na época de comercialização. Safra insuficiente em face dos compromissos prorrogados das safras frustradas de anos passados. Elevados encargos financeiros nos empréstimos de crédito rural. "Descasamentos" de moedas. Ou seja, os encargos do financiamento são reajustados em valores bem maiores do que a valorização dos produtos.

II — Por parte das instituições financeiras — desvio da produção empenhada em garantia. Desvio da aplicação dos recursos. Descasamento das taxas ativas e passivas, ou seja: as taxas de captação são maiores do que as taxas estabelecidas para o crédito rural.

Em consequência de todas estas constatações, cuja realidade é flagrante, e que pode se dizer, lamentável em toda sua problemática futura, estamos assistindo, apáticos, a degradação do sistema de financiamento rural, com irreversíveis prejuízos da economia



... "não estaria chegando a hora de as instituições financeiras, dentre as quais se enquadram as próprias cooperativas de crédito, pararem de operar com as costas viradas para o mercado?"

do setor agropecuário em geral. E se essa política não vier a ser revertida em curtíssimo prazo, o que poderá acontecer? Em nosso entender, essa situação vai gerar a seguinte série de dramáticos problemas:

I — Por parte dos produtores — diminuição substancial dos investimentos em tecnologia e práticas culturais, com enormes prejuízos da maior especialização e da produtividade em geral.

Formação de lavouras dependentes de insumos e sementes no sistema troca-troca. Essa prática, quando realizada à margem (fora) do sistema cooperativo, importa em encargos financeiros reais muito maiores.

Abandono de sagrados princípios de mercado, com os produtores perdendo as oportunidades de agregação de renda sob a oportunidade proporcionada pela lei de oferta e procura. Além da substancial perda da noção de custos financeiros reais.

II — Por parte das instituições financeiras — rigorosa seleção de mutuá-

rios. Isso vai resultar, seguramente, no financiamento cada vez maior dos que menos necessitam de crédito. O resultado dessa política, é fácil de prever, será a elitização do crédito, marginalizando ainda mais os pequenos produtores e inviabilizando-os de continuarem produzindo.

Obviamente que vamos ter uma concentração de recursos financeiros em atividades meio e não em atividades fim, como é usual em países de economias fortes e consolidadas.

Outra consequência igualmente desastrosa para a economia agropecuária, será a silenciosa perda de credibilidade nos produtores rurais em face ao risco que representa uma operação de crédito rural.

O desenrolar silencioso de toda essa situação nos remete à seguinte reflexão:

Não será chegada a hora dos produtores rurais, através de suas cooperativas, mais as autoridades constituídas, quer do município, do estado e do país, avançarem no sentido de modernizar o atual sistema de comercialização? Uma das perspectivas que assinalamos para andar naquela direção é a entronização no mercado de "commodities". Ou seja, a entrada do setor nas bolsas de cereais, o que eliminaria o atravessador. Isso pode ser feito, facilmente, pelas cooperativas de produção.

Outra questão que se coloca é se não estaria chegada a hora de as instituições financeiras, dentre as quais se enquadram as próprias cooperativas de crédito, pararem de operar com as costas viradas para o mercado? Pensamos que se modificarmos esse procedimento iremos crescer economicamente, pois vamos viabilizar as garantias necessárias para que os certificados de mercadorias tenham maior credibilidade no mercado ao invés de ficarem a mercê do descasamento de moedas com o produtor.

Estas são questões que, pelas nossas observações, merecem reflexão dos associados, dirigentes e executivos do complexo cooperativo do nosso estado e mesmo do país.

* **Ademar Schardong é presidente da COCECER/RS**

Destaque cooperativista

Junto a mais 24 representantes de empresas e instituições do setor agropecuário nacional, o presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, foi agraciado com o troféu Destaque A Granja do Ano/92. A promoção é realizada pela revista A Granja da Editora Centauro, há sete anos, com o objetivo de premiar os esforços, produtos ou serviços do agribusiness brasileiro, uma esfera da produção que hoje participa com 40 por cento do Produto Interno Bruto. Como reconhecimento ao seu trabalho de promover um novo perfil de desenvolvimento regional através de programas de recuperação e conservação do solo e de verticalização da agropecuária, a Cotrijuí levou neste ano o troféu Destaque em Cooperativismo. Entre todas as cooperativas brasileiras foi a mais destacada pelos assinantes da revista em todo o Brasil, devido ao seu desempenho econômico e social.

A solenidade de entrega dos troféus às 25 lideranças do setor agropecuário aconteceu no dia quatro de setembro, no auditório da Farsul, no Parque de Exposições Assis Brasil, durante a 15ª Expointer em Esteio. O evento foi aberto pelo diretor-presidente da revista Hugo Hoffmann que comparou os produtores premiados a heróis modernos que correm riscos e aceitam desafios. Conclamou todos ainda a apostar em maiores produtividades, aproveitando para isso o tripé existente: terra, clima e gente, para o desenvolvimento no campo. A cerimônia contou também com a presença dos secretários de Agricultura do Rio Grande do Sul e do Mato Grosso do Sul, Carlos Cardinal e Arrésio



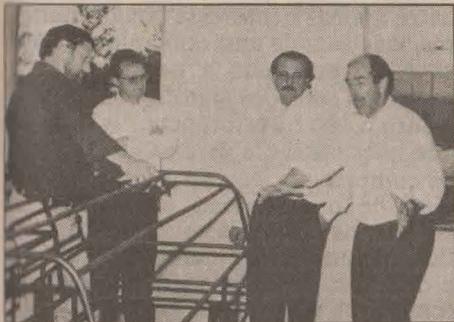
O deputado José Fetter Júnior entregou o troféu ao presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva

Paquer; do presidente do Supremo Tribunal Eleitoral, Paulo Brossard; do deputado federal José Fetter Júnior; e do diretor federal do Ministério da Agricultura no RS, Cléber Canabarro Lucas.

As 25 empresas, instituições e produtores destacados pela revista A Granja são os seguintes: Pecuária de Corte - Fazenda Brumado, SP; Pecuária de Leite - Cooperativa Agrícola Batavo, PR; Equinos - Haras Vila Velha, PR; Ovinocultura - Cabanha Cerro Coroad, RS; Suinocultura - Sadia Concórdia S/A, SC; Nutrição Animal - Purina Nutrimentos, SP; Defensivos Animais - Merch Sharp & Dome, SP; Sementes - Agrocere, SP; Tratores - Maxion, SP; Implementos, preparo

do do solo e plantio - Semeão S/A, RS; Adubos e corretivos - Adubos Trevo S/A; Máquinas de Colheita - SLC S/A, RS; Sistema de Irrigação - Corborundum do Brasil Ltda; Defensivos Agrícolas - Basf Brasileira S/A; Silos e Armazéns - Kepler Weber S/A; Caminhões e utilitários - Mercedes Benz do Brasil S/A; Produtor de Arroz - Cooperativa Arrozadeira Extremo Sul Ltda; Produtor de Cana - Fazenda Santa Elisa; Produtor de Soja - Fazenda Itamarati, MS; Produtor de Milho - Fazenda Mitacoré, PR; Produtor de Trigo - Coopervale, PR; Produtor de Cítricos - Sucocítrico Central Ltda; Pesquisa Agropecuária - Embrapa; Cooperativismo - Cotrijuí, RS; Banco - Banco do Brasil S/A.

A visita do vice-governador



João Gilberto Coelho, ladeado à esquerda por Telmo Frantz e à direita por Ruben Ilgenfritz

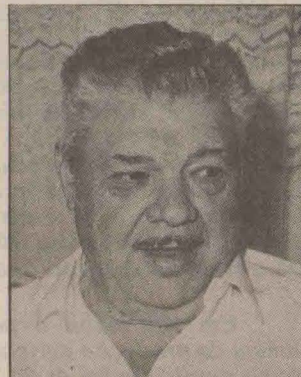
Acompanhado pelo presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, pelo reitor da Universidade de Ijuí, Temo Frantz e pelo chefe de Pesquisas do CTC, Luís Volney de Mattos Viau, o vice-governador do Estado e secretário de Ciência e Tecnologia, João Gilberto Luccas Coelho, aproveitou a visita que fez a Ijuí para participar dos atos de inauguração dos Núcleos de Agropecuária, Informática e Eletrônica do Programa Regional de Cooperação Científica e Tecnológica do Noroeste do Estado, dia 11 de setembro, para conhecer o Centro de Treinamento da cooperativa. Na oportunidade João Gilberto conheceu alguns dos programas de pesquisas que a Cotrijuí vem fazendo, com especial atenção para a piscicultura e ainda conferiu os resultados da aplicação de recursos do PRCT na construção de uma nova maternidade para suínos no CTC.

Nilo Bonfanti

1926 — 1992

Faleceu, no dia 19 de setembro, em Porto Alegre, onde também foi sepultado, Nilo Francisco Bonfanti, um dos fundadores da Cotrijuí. Nasceu em 4 de outubro de 1926, na cidade de Garibaldi, Nilo Bonfanti veio para Ijuí, onde teve expressiva participação comunitária. Era casado com dona Erci e pai de Aline e Liane.

Em julho de 1957, ao lado de um grupo de triticultores da região, Nilo Bonfanti ajudou a fundar a Cotrijuí, da qual foi eleito primeiro presidente e reeleito para mais duas gestões: a de 1960 e a de 1966. Em 1970, fundou a Cooperativa de Eletrificação Rural. Foi eleito seu primeiro presidente, cargo que ocupou até 1979, quando licenciou-se para concorrer à Prefeitura Municipal. Ainda neste mesmo ano deixa a Ceriluz e assume a direção da Banrisul Distribuidora de Títulos e Valores Imobiliários, em Porto Alegre, o que não o impedia de continuar, ainda por muitos anos, integrando a diretoria da Ceriluz. Mas foi durante a sua gestão que a Ceriluz introduziu as primeiras fábricas de postes de concreto nas cooperativas da região.



Um dos grandes incentivadores de projetos de irrigação em lavouras no município, foi ainda de responsabilidade de Nilo Bonfanti a iluminação do Estádio 19 de Outubro e a criação da Regional Data que, anos mais tarde, deu origem ao Centro de Processamento de Dados da Cotrijuí, depois Cotridata. Ao atuar como secretário do município, de Energia na administração de Emídio Perondi, foi responsável pela montagem do segundo grupo gerador da Usina do Passo de Ajuricaba. Em Porto Alegre, ainda assumiu uma das diretorias do Badesul.

"Maiores e Melhores"

A Cotrijuí novamente se destaca no ranking das "Maiores e Melhores", anuário da revista Exame que registra o desempenho global de todas as empresas brasileiras ou não que atuam no país. Entre 20 cooperativas do setor agropecuário, a Cotrijuí é a 8ª cooperativa brasileira por receita operacional bruta.

Lição de ética

Entre tantas datas comemorativas, o brasileiro ganhou uma que merece destaque no calendário da cidadania: 29 de setembro de 1992, o dia do impeachment, ou o dia em que o Brasil, apoiado nas denúncias da imprensa, na pressão popular e na firmeza do Congresso Nacional, oficializou uma posição já consagrada com a CPI que comprovou o envolvimento do presidente Fernando Collor, Paulo Cesar Farias, o PC e seus asseclas na mais estrondosa rede de corrupção. Por 441 votos na Câmara dos Deputados, o Brasil, que ainda está muito longe de viver uma verdadeira democracia, deu uma lição histórica de ética ao mundo inteiro: mandou embora alguém que foi colocado no Planalto para governar e, ao invés disso, limpou os cofres públicos.

APAJU - A Associação dos Profissionais em Agronomia de Ijuí, a Apaju, tem nova diretoria. A eleição ocorreu no dia 20 de setembro, quando foram eleitos com presidente Francisco Tenório Falcão Pereira e como vice Jaime Winsch. Como 1º secretário foi eleito Jorge A. Patz, 2º secretário, Cireneu Andrichetto, 1º tesoureiro Francisco A. Traesel e 2º tesoureiro, Egon Eidt. A nova diretoria tem como metas congregar e defender os interesses da categoria e ainda integrar-se a comunidade nos assuntos pertinentes ao setor agropecuário e outros que visem ao crescimento e desenvolvimento da comunidade regional.

Estado repassa trator a região Noroeste



Massey Ferguson 299
Apoio ao trabalho de microbacias

O projeto regional de microbacias elaborado pela Cotrijuí e executado com apoio da Emater, ganhou um reforço no dia 11 de setembro. O apoio veio através de um convênio firmado entre a Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado com a Cotrijuí, assinado em Tenente Portela, com a presença do secretário substituto Eugênio Portela. Pelo convênio a Cotrijuí ficou encarregada de administrar um trator doado pelo Estado à região do Conselho Regional de Desenvolvimento do Noroeste Colonial.

O trator, um Massey Ferguson 299, tracionado e equipado com terraço e subsolador, será utilizado em vários municípios da região, mas atendendo de início Tenente Portela. Os serviços realizados pelo trator são feitos por um funcionário da Cotrijuí também responsável pela manutenção da máquina. A escolha do CRD em priorizar os programas de recuperação do solo da região se deu pelo reconhecimento do trabalho desenvolvido pela Cooperativa neste setor.

Importância política

A participação do setor agrícola na receita dos 11 municípios da área de atuação da Cotrijuí chega a 72 por cento

A agricultura, que até então tinha um caráter econômico, assume hoje uma importância política que não se restringe apenas aos agricultores que vivem em cima da terra. A constatação é do presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, chamando a atenção para essa nova característica que passa a marcar a agricultura e que também tem muito a ver com o bem-estar daqueles que vivem nos centros urbanos, "particularmente em nossa região".

Citando dados levantados pela Divisão Agrotécnica da cooperativa, setor de Economia Rural, Ruben Ilgenfritz mostra que 72 por cento das receitas dos municípios onde a Cotrijuí atua vem do setor agrícola. Nesta análise não estão sendo considerados o que hoje se chama de agribusiness - os ditos negócios da agricultura -, como por exemplo as receitas geradas na comercialização de produtos que são transformados na região. É o caso das rações, das sementes, dos óleos vegetais, da erva-mate beneficiada e das farinhas. Também não estão sendo considerados os transportes e os serviços. "Tudo isso que foi levantado e que representa 72 por cento da receita dos municípios e que não foi considerado é, na verdade, o que o setor primário representa para a região onde vivemos", ressaltou o presidente da Cotrijuí, apostando num maior

desenvolvimento a partir da ampliação das relações entre os setores que formam a comunidade.

FUNÇÃO POLÍTICA - Dentro desta nova realidade, coloca que todos, sejam pessoas físicas, entidades, setor público ou privado, instituições de ensino ou de serviços, têm uma função política muito forte a cumprir. Aponta como grande desafio a capacidade de se distribuir claramente as tarefas e poder executá-las com harmonia, "procurando sempre somar esforços".

Uma das grandes reivindicações da região, lembradas por Ilgenfritz da Silva, está relacionada com a qualidade do solo. "O trabalho de microbacias é uma das formas mais inteligentes e mais organizadas para usarmos adequadamente o solo no seu contexto global. É toda uma nova relação com a terra que precisamos rever", disse. Essa relação não acontece apenas em termos de produtividade. Ela também aparece no escoamento da produção, via estradas. "Mas como termos boas estradas se nós mesmos estamos jogando a água das nossas lavouras para os seus leitos", questiona, lembrando que pelos 600 mil hectares de lavoura que formam a área de atuação da Cotrijuí na região, passam cerca de 20 mil quilômetros de estradas. Em 8 mil quilômetros deste total, a lavoura é mais alta que a estrada. "É

claro que nós, como produtores e em especial os de leite, precisamos de estradas decentes. Só que também não podemos continuar jogando a água das nossas lavouras para fora", critica. O livro, "Programa para a Próxima Década", produzido pela Cotrijuí no final do ano passado, contempla todas estas necessidades levantadas pelo presidente Ruben Ilgenfritz e as formas de desenvolver estes programas.

Na verdade, observou, o agricultor precisa ter consciência do que realmente quer, sem ficar apenas estabelecendo relações reivindicatórias, "pois esse crescimento tão necessário para a região, só deverá ocorrer, na sua opinião, se o produtor souber transformar em fatos políticos as suas necessidades. Essas cobranças vão levar os legisladores e executivos da região a uma nova postura.

SIGNIFICADO - Como na região o setor agrícola detém a minoria dos eleitores - a maioria se concentra nas cidades -, o presidente da Cotrijuí chamou a atenção da população urbana para que sinta o significado das ações dos municípios em relação ao meio rural. Mas enfatizou para o fato de que esta é uma postura que não pode ser adotada simplesmente pelos candidatos que foram eleitos pelo meio rural, "mas também por todos os eleitores e candidatos eleitos pelo meio urbano, pois não se pode esquecer

que em alguns municípios da região, a participação da agricultura na receita chega a casa dos 90 por cento. Isto significa que, tanto para as cidades como para o meio rural, nada pode ser mais importante politicamente do que o homem permanecer trabalhando na terra.

Mas essa decisão de fazer com que o homem permaneça trabalhando em cima da terra, não pode, segundo entende, ser paternalista, de favor. "É uma questão de criarmos condições para que, quem esteja em cima da terra, tenha viabilidade econômica melhor para continuar produzindo do que se estivesse na cidade."

IMPORTÂNCIA - Por toda esta nova situação que a região vem vivenciando é que estas últimas eleições são consideradas pelo presidente da Cotrijuí como de grande importância. É um pleito que tem muito a ver com um novo comportamento que já iniciou, que já se estabeleceu e que precisa ter continuidade. E a criação ou manutenção de secretarias de agricultura nas estruturas organizacionais dos municípios da região, servindo não apenas para que os agricultores batam às suas portas, mas também para serem executoras de acordos e decisões políticas que ocorrem nos poderes executivos e legislativos, deverá pesar muito na continuidade desta nova postura. "É importante, observa, a participação do poder legislativo nessa vontade do poder executivo de colocar no orçamento do município recursos para serem aplicados no setor agrícola.

O que está em jogo nesses entendimentos que vêm sendo mantidos, não é apenas o interesse dos agricultores, mas de toda uma comunidade, deixando claro pregando a necessidade de que essas relações signifiquem crescimento e não interferência. "A relação que queremos é a de dividir tarefas e de cumprir obrigações e isso não implica, de forma alguma, em interferência interna em nossa entidade", simplifica, chamando agricultores, políticos e cidadãos comuns para transformarem-se em sujeitos do processo.

Ruben Ilgenfritz registra uma expectativa muito grande e positiva em relação as últimas eleições pois delas dependerá o crescimento e fortalecimento das parcerias já firmadas. É importante que essas ações sejam coordenadas de forma construtiva e de forma de libertação do processo de crescimento e de consolidação do bem-estar de todos".

A participação de cada um

A importância da agricultura na economia da região tem como prova mais evidente a contribuição que oferece a receita dos 11 municípios onde a Cotrijuí atua: 72,96 por cento, em média. A análise é do economista rural, Luís Juliani, do Setor de Economia Rural da Cotrijuí, Divisão Agrotécnica. Os dados levantados vão de 1981 a 1988. Não estão incluídos no estudo as vendas de insumos e a transformação dos produtos agrícolas.

Miraguaí é o município em que a agricultura, nos oito anos analisados, ofereceu maior participação na receita. A média foi de 87,13 por cen-

to. Mas em 1985, essa participação chegou a 90,52 por cento. Em seguida, aparece Chiapetta com uma média de 86,21 por cento. A participação da indústria, neste mesmo período, foi de 0,34 por cento. Em 1986, essa participação da produção agrícola na receita do município chegou a 93,07 por cento. Apenas em 1988, essa média baixou dos 70 por cento na avaliação dos oito anos.

Em Ajuricaba a participação média da produção agrícola na receita do município foi de 84,74 por cento, variando de 78,54 a 88,77 no período de 1981 a 1988. A participação

da indústria, neste mesmo período, foi de 1,9 por cento. Já em Ijuí, em razão da maior participação da indústria e do comércio - a média é de 20,18 por cento - a presença do setor primário na receita do município é bem menor: 29,20 por cento. Mas em 1984, essa participação chegou a 35,60 por cento.

No município de Augusto Pestana, a média de participação da agricultura na receita é de 81,28 por cento; em Coronel Bicaco é de 79,28 por cento; em Dom Pedrito, 59,87 por cento; Erval Seco, 85,51 por cento; em Jóia é de 84,42 por cento; em Santo Augusto, 54,46 por cento e Tenente Portela, 70,55 por cento.

CONTRIBUIÇÃO RELATIVA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA PARA A RECEITA DOS MUNICÍPIOS DA ÁREA DE AÇÃO DA COTRIJUI

Município	ANOS								Média
	81	82	83	84	85	86	87	88	
Ajuricaba	78,54	81,85	88,77	83,38	84,65	86,71	88,36	85,71	84,74
Augusto Pestana	84,85	80,27	82,53	79,26	84,28	80,80	74,52	83,74	81,28
Chiapetta	83,20	88,03	75,95	88,61	88,18	93,07	86,28	86,40	86,21
Coronel Bicaco	79,51	75,53	81,78	81,55	76,32	81,97	80,67	76,92	79,28
Dom Pedrito	69,83	70,96	58,28	54,98	67,73	61,57	52,64	43,00	59,87
Erval Seco	88,67	83,62	87,26	89,73	87,39	82,89	83,67	80,85	85,51
Ijuí	27,75	26,76	33,19	35,60	31,78	30,45	24,23	23,85	29,20
Jóia	—	79,67	83,12	83,83	90,63	87,85	81,92	83,93	84,42
Miraguaí	83,53	86,46	86,87	86,38	90,52	89,01	86,36	87,92	87,13
Santo Augusto	52,82	51,19	51,96	59,90	57,55	64,98	50,97	46,35	54,46
Tenente Portela	69,78	70,95	75,03	68,66	82,80	73,98	61,53	61,74	70,55
Média	71,84	72,29	73,15	73,80	76,53	75,75	70,10	69,12	—

Fonte: Secretaria da Fazenda (RS)/Gerhke — Unijui

Elaboração: Divisão Agrotécnica/Economia Rural

Não são considerados a venda de insumos e tão pouco a comercialização de produtos industrializados

MILHO BOM NÃO ACAMA. G-85



Nem a força do vento derruba a produtividade dele.



© CIBA GEIGY
Dá a maior produtividade

Trabalho em parceria

Cotrijuí e Emater assinam convênio de parceria nas áreas de microbacias e administração rural

"Uma economia nacional forte não se alimenta de peças de computador e menos ainda de automóveis de luxo. Ela se alimenta de comida. E comida é gerada na terra, na lavoura. Daí toda a nossa atenção para o campo, que é gerador e alimentador de todas as riquezas sólidas e duradouras. E é isso que nós queremos para o Brasil".

A afirmação é do médico-veterinário Ricardo Capelli, diretor técnico da Emater, quando falou sobre a importância do convênio assinado com a Cotrijuí visando a implantação das microbacias hidrográficas e coordenação de cursos de administração rural.

Segundo o técnico, o trabalho que a Emater e a Cotrijuí preparam-se para realizar na região abrangida pela cooperativa, que alcança grande extensão do Noroeste do Estado, visa transformar a fisionomia sócio-econômica da região, com a soma de benefícios conquistados pelo trabalho mais racionalizado dos produtores. Esse trabalho vai ser traduzido pela ampliação da assistência técnica, em especial nas pequenas e médias propriedades rurais.

170 MIL PROPRIEDADES - Hoje a Emater atinge com seu trabalho cerca de 170 mil propriedades rurais de um contingente de 430 mil das existentes no Estado, diz Capelli. Mas o objetivo do governo e de nós, os técnicos, em particular, é cobrir todas as economias com a boa tecnologia que temos condições de dar. Mas a Emater, por si só, não tem condições humanas e menos ainda financeiras para atingir esse objetivo. É aí que se pode aquilatar a importância de convênios como esse que fizemos com a Cotrijuí, pois ele soma esforços do setor público com o particular, além de natural racionalização dos trabalhos de pesquisa e de campo, que vão chegar no destino numa única linguagem técnica para a melhor compreensão e assimilação por parte dos agricultores.

O convênio das microbacias e administração rural significa um primeiro passo, mas muito importante na caminhada que se inicia. Outros deverão vir no futuro, pois a Emater quer aumentar a abrangência de sua atuação. E a forma mais econômica e eficaz é o trabalho em parceria com entidades e empresas afins, privadas ou públicas, que tenham condições de influir e somar resultados em seu meio.

INTEGRAÇÃO PARA O COLETIVO - O convênio firmado com a Cotrijuí vai gerar, pela ação conjunta, trabalhos de especialização na administração rural, conservação dos solos de forma permanente através das microbacias hidrográficas especificadamente. Mas o próprio convênio contempla outras áreas. Com o tempo, e a partir do andamento dos trabalhos numa primeira fase, também iremos atacar.

O que isso vai representar tanto para a Cotrijuí como para a Emater? Em primeiro lugar, enfatiza Ricardo Capelli, a união das duas entidades na busca de uma integração satisfatória buscando o objetivo geral no interesse coletivo, acima de tudo, que é o fortalecimento das propriedades rurais e, obviamente, dos próprios produtores. Estes, em última análise, serão os grandes beneficiados.

Dessa forma - estamos certos - iremos semear transformações e benefícios econômicos aos produtores. Obviamente que vai ter que haver um exame em conjunto, não apenas das lideranças das instituições envolvidas. Penso que não adianta o diretor-presidente da Emater e o dr. Ruben Ilgenfritz da Silva trabalharem a cúpula do projeto. O trabalho conjunto precisa envolver as bases desde um primeiro momento. Os técnicos de ambas as instituições e os agricultores devem assumir um objetivo comum, uma linguagem comum de identidade de propósitos.

SOMANDO RESULTADOS - Capelli entende que mesmo havendo uma participação efetiva da Cotrijuí e da Emater, não podemos deixar fora as outras instituições que possam nos dar apoio material e até nos ajudarem em orientações de caráter técnico para o melhoramento de nosso trabalho. Com isso, penso, estaremos somando nossas ações na busca de resultados mais globalizados.

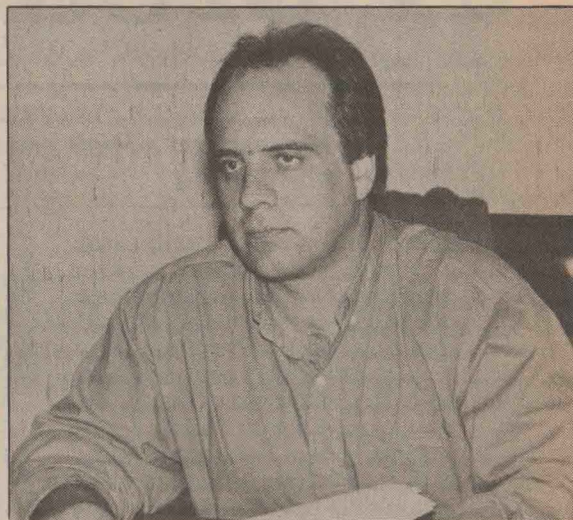
Anteriormente, é preciso que se diga, acontecia do técnico da Emater visitar uma propriedade pela manhã e à tarde por lá chegar um técnico da cooperativa, muitas vezes falando linguagem diferente, o que era ainda pior, pois não só representava maiores custos como gerava dúvidas na mente dos produtores, que não sabiam exatamente qual das orientações seguir. O que se pretende agora é que haja um reordenamento do trabalho. E enquanto um técnico estiver numa propriedade, o colega de outra instituição visita uma segunda propriedade, e assim, sucessivamente, para evitar gastos desnecessários e uma possível dialética diferente de orientação técnica.

ERA DE MERCOSUL - Ricardo Capelli acha que esse é o grande passo para a conquista de resultados econômicos e sociais, principalmente

quando estamos às vésperas da intensificação do intercâmbio no Cone Sul, através do Mercosul, um mercado que vai exigir muito de competência dos parceiros em termos de qualidade e de preços dos produtos. Vai ser uma era de competitividade e os produtores devem se preparar para o que vai significar um co-tejo. E principalmente o Rio Grande do Sul, cujos produtos de intercâmbio em quase tudo se assemelham aos da Argentina e do Uruguai, principais parceiros do Brasil nesse mercado.

IMPORTÂNCIA DO SOLO - É neste momento de internacionalização da economia e regionalização dos blocos que intercambiarão entre si, que se faz necessária a união de esforços a começar pelas economias internas. Pois se não tivermos vontade de colaborar com nossos vizinhos, como vamos ter forças e vontade política para enfrentar a concorrência?

Ricardo Capelli, diretor técnico da Emater Trabalho de ação conjunta



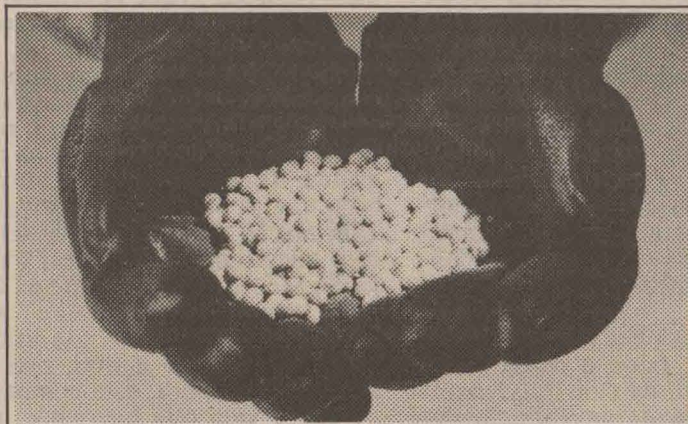
O solo é de importância fundamental nesse jogo. Da resposta do solo em termos de produtividade é que vamos poder concorrer em igualdade de condições com os países do Prata. Daí a contribuição que o projeto Bacias Hidrográficas vai proporcionar aos produtores da região.

Sendo o solo a matéria-prima básica do agricultor, é ele também seu maior capital. E esse capital deve ser mantido, conservado e melhorado.

É essa a filosofia que pretendemos implantar. E contamos com a participação do quadro técnico da Cotrijuí e de seus associados, que sabemos ser dos mais esclarecidos e politizados do Rio Grande do Sul.

O técnico informou que além da Cotrijuí, a Emater também já assinou convênio de participação com a Cotrel, de Erechim, para a realização de trabalho semelhante.

Proteção Nunca é Demais.



Proteja a Semente da Soja com TECTO 100.

Os fungos patogênicos das sementes e do solo só fazem diminuir o seu lucro. Podem reduzir o número de plantas por área, aumentar a probabilidade de replantio, ocasionar a perda da época adequada de plantio, baixar a produtividade, aumentar os custos de produção e disseminar doenças. Quando as sementes são tratadas e protegidas por TECTO 100, obtêm-se: controle eficiente dos fungos patogênicos, emergência máxima, redução da probabilidade de replantio, economia de insumos, mão-de-obra e a melhor época de plantio. Use TECTO 100. Um seguro que também pode ser um investimento.



TECTO 100
A Proteção Necessária

MSD AGVET
Divisão de Merck Sharp & Dohme Farmacêutica e Veterinária Ltda.
Av. Dr. Faria Lima, 1815 - 12º andar - CEP 04551 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 814-5280

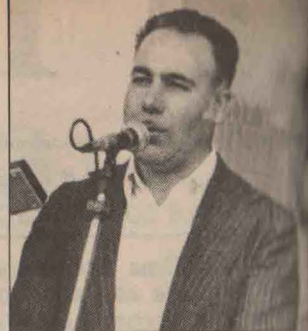
AC 16/87

* Marca Registrada

(B) A - TT - A - 16/87

A produção valorizada

CCGL, Cotrijuí e Prefeitura Municipal juntam suas forças e instalam Posto de Recebimento e Resfriamento de leite em Jóia com capacidade para receber 20 mil litros/dia



Juarez Padilha

Buscar uma melhor qualificação para o produtor de leite e agregar uma maior receita às propriedades. Com esta proposta, a Cotrijuí em parceria com a CCGL e a Prefeitura Municipal, instalaram um Posto de Recebimento e Resfriamento de Leite em Jóia. "A inauguração do Posto de Leite representa a colocação em prática de duas propostas que vêm sendo discutidas na região pela Cotrijuí há mais de um ano", resume o gerente da cooperativa na Unidade de Jóia, Antonio Joreci Flores numa referência a parceria praticada entre a Central, a cooperativa e a Prefeitura Municipal e a viabilização do produtor.

O Posto de Recebimento e Resfriamento de Leite instalado em Jóia é o 31º do sistema CCGL. A estrutura física do Posto permite que ele receba e resfrie até 50 mil litros de leite/dia, mas a capacidade atual é para 20 mil litros/dia. "Para ampliar esta capacidade, basta apenas instalar mais um tanque, pois a estrutura já está pronta", assinala Flores. O Posto recebe atualmente 18 mil litros de leite/dia. Neste mesmo dia também foram inauguradas as novas instalações da Unidade da Cotrijuí em Jóia.

Os atos de inauguração do Posto de Leite contou com a presença do presidente e do diretor técnico da CCGL, Frederico Dürr e Ernesto Krug, do presidente e do superintendente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva e Celso Sperotto, respectivamente, do prefeito municipal Jorge Leal, do presidente da Câmara de Vereadores, Paulo Abreu, do gerente da Plataforma de Leite de Ijuí, Carlos Vieira e do presidente da Credipel, Bruno Van Der Sand. Ainda prestigiaram a solenidade os presidentes do Sindicato Rural, Pedrinho Patias, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jóia, João Manuel da Silva, diretores contratados, gerentes, conselheiros, representantes e associados da Cotrijuí.

PRIVILEGIADO - Em nome dos produtores de Jóia, falou o conselheiro de Administração da Cotrijuí, Juarez Padilha destacando a inauguração do Posto de Recebimento e Resfriamento de Leite de Jóia como um acontecimento significativo e que vem representar a viabilização da fixação do homem rural em seu meio. "Estou me sentindo privilegiado por poder participar deste ato", disse o conselheiro da Cotrijuí destacando a atividade leite como um dos meios mais dinâmicos para fazer com que o produtor continue produzindo. Mas disse que a fixação do homem vai depender de condições para que possa continuar produzindo cada vez mais e melhor. "De nada adianta querer segurar o homem na terra em condições precárias".

"Graças a nossa organização como produtores, a distribuição de trabalho, a nossa convicção de objetivos e a nossa capacidade de entender que o mundo vive hoje um processo de evolução, de mudanças, é que hoje estamos aqui em Jóia, inaugurando um novo Posto de Recebimento e Resfriamento de Leite", observou o presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, destacando o crescimento que o leite teve na região. "Saíndo



O Posto de Recebimento e Resfriamento de Leite em Jóia
A capacidade é para 20 mil litros de leite/dia

do nada e comercializado sob a forma de produto pasteurizado, o leite produzido na região representa hoje 60 por cento da produção do Estado e tem como destino, na sua quase totalidade, a indústria. "A agroindústria se criou no leite, como consequência da organização do produtor", ressaltou. **PARCERIA** - Ruben Ilgenfritz chamou atenção "e esse é um dos motivos responsáveis pelo nosso crescimento, pela nossa evolução", para a necessidade de se fortalecer ainda mais as relações entre o produtor rural, as suas entidades representativas e o poder público. "É com o poder público que precisamos exercer uma parceria mais vigorosa", disse apostando nesta postura como forma de alcançar a maturidade política.

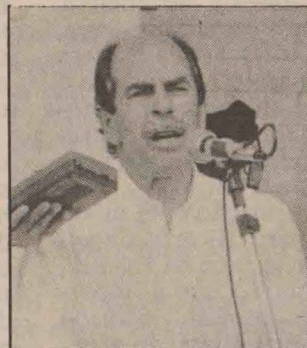
Dizendo-se satisfeito com o entendimento que hoje existe e que efetivamente tem servido para refletir os verdadeiros anseios de uma comunidade, Ruben Ilgenfritz da Silva lembrou que as primeiras tratativas para a instalação de um posto de leite em Jóia iniciaram na época em que Oswaldo Meotti era presidente da Cotrijuí, Celso Sperotto vice e Walter Frantz superintendente. "As dificuldades iniciais foram muitas, mas hoje, mais do que nunca, está comprovado que a vida que queremos, temos que construí-la. Só que para isso, precisamos estar profundamente organizados em nossas bases", mostrando-se recompensado, em nome da cooperativa e de seus associados, pela parceria estabelecida. "Precisamos continuar parceiros de ações políticas comuns".

O 31º POSTO - O Posto de Recebimento e Resfriamento de Leite de Jóia foi o 31º do sistema CCGL que agrega ainda mais 12 indústrias, sen-

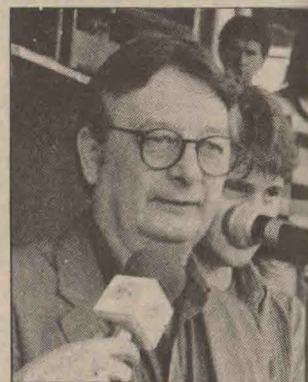
do que duas delas estão localizadas na Argentina. O recebimento de leite da CCGL, chega hoje a 1 milhão e 400 mil litros de leite/dia. 500 mil litros de leite por dia são transformados em queijo, somando ao todo 40 tipos diferentes, e outros 500 mil comercializados sob a forma de leite pasteurizado. O restante da produção gera outros 72 produtos diferentes. Da produção de leite em pó, a CCGL vende, todos os meses para a Amazônia cerca de 600 toneladas. "Toda essa produção é fruto do trabalho de mais de 50 mil produtores de leite", destacou Dürr.

De um mercado historicamente importador de leite, o produtor vive, neste ano, uma situação atípica. "Por incrível que pareça, este é o primeiro ano em que importamos pouco leite e o pior, temos produto sobrando, estocados em nossas indústrias", disse o presidente da Central de Leite, responsabilizando o baixo poder aquisitivo do consumidor brasileiro pela atual situação. Garantiu, no entanto, que esta é uma situação transitória. Acreditada que, no momento em que mudar a política recessiva que vem sendo praticada no Brasil, poderá faltar produto. "É para este momento que temos que estar preparados".

NOVAS PERSPECTIVAS - O prefeito Jorge Leal considerou a inauguração do Posto de Leite como um momento histórico. "Ninguém mais tem condições de trabalhar sozinho", disse o prefeito fazendo coro às palavras do presidente da Cotrijuí. Nessa nova caminhada, onde o que realmente vale é a soma de esforços, Jorge Leal disse ser improdutivo a realização de trabalhos paralelos. "O Posto de Leite está pronto porque a Prefeitura



Ruben Ilgenfritz



Frederico Dürr



Jorge Leal

ra, a Cotrijuí e a CCGL uniram suas vontades e pegaram juntas", disse reforçando a necessidade das parcerias se fortalecerem no incremento à produção.

O prefeito Jorge Leal classificou a instalação do Posto de Leite em Jóia como um fato a trazer para o município novas perspectivas sócio-econômicas. "Temos certeza que daqui para frente, os nossos produtores vão passar a encarar a atividade sob outro ângulo, investindo no aumento da produção através do melhoramento dos seus plantéis", apostou o prefeito, embora admita que hoje muitos dos produtores já jogam para a receita do leite as despesas da propriedade. Tem certeza que o retorno econômico gerado pela atividade leite haverá de agregar novos empregos, "inclusive na cidade".



O corte da fita do escritório da Cotrijuí na Unidade...
... foi feito pelo superintendente Celso Sperotto e pelo associado Alóides Bazzan

É MILHO MESMO!

Milho híbrido de qualidade, milho híbrido mais produtivo. É assim que a Germinal trabalha. E é assim que o produtor gosta.



© CIBA GEIGY

Dá a maior produtividade



A capacitação do produtor

Capacitar o produtor para que alcance melhores resultados na atividade leite. Esta é uma das propostas da Cotrijuí e da CCGL e que vem sendo passada ao produtor através de uma série de cursos realizados no CTC.

Dos 10 programados para este ano, oito já foram realizados

"Transferir ao produtor, de forma simples, todo o nosso conhecimento. Esta é a nossa proposta", diz o gerente de Produção Agropecuária da Cotrijuí, Otalíz de Vargas Montardo, apostando na inteligência do produtor para assimilar conceitos técnicos e novos conhecimentos. Com esta proposta, "de desmistificar conceitos", é que a Cotrijuí vem realizando, desde o início do ano, no Centro de Treinamento, cursos de Gado Leiteiro para os cooperados da CCGL.

O ano deverá fechar com 10 cursos realizados, com vagas, cada um deles, para 20 produtores do sistema CCGL e cinco para associados da Cotrijuí. Oito cursos já foram realizados e, em Ijuí, a fila de espera por uma vaga cresce a cada dia. Pelo acordo firmado, a Cotrijuí participa do curso com o seu quadro técnico, com o treinamento aos produtores, alojamento e alimentação. A CCGL, além de remunerar a Cotrijuí pelos serviços prestados - treinamento dos produtores -, alojamento e alimentação, ainda está financiando a construção de uma nova sala de ordenha no CTC e já repassou, em forma de comodato, um resfriador de leite a granel.

A participação da Cotrijuí no treinamento dos produtores cooperados do sistema CCGL, está ocorrendo em função da própria estrutura do CTC, hoje desempenhando os papéis de gerador e de difusor de tecnologia e pela qualificação da sua equipe técnica. "Em vez de investir na construção de uma escola, a CCGL optou por aproveitar a nossa estrutura para estes treinamentos", explica Otalíz Montardo.

ABRANGENTE - O curso tem um programa abrangente e procura dar ao produtor uma visão geral da propriedade. "A linha didática é um tanto provocativa e leva o produtor a pensar", diz o médico veterinário citando como exemplo de provocação, o fato do treinamento mostrar que hoje, ao contrário do que muitos ainda pensam e pregam, não se produz leite só com concentrados. Conhecendo as características de cada componente, é possível o produtor misturar em casa mesmo, a sua ração, sem ter que comprá-la pronta, com custos agregados.

No programa do treinamento, assuntos que vão desde a conservação de solos, sistemas de produção, gerenciamento agrícola, implantação de forrageiras, nutrição, sanidade, entre outros. "Na verdade, o que queremos é colocar na cabeça do produtor que o leite não existe como atividade isolada. Ele faz parte de uma proposta para toda a propriedade", justifica. Com esta visão que procura repassar aos produtores, a proposta da Cotrijuí e da própria CCGL, é levar o produtor de leite a entender que, hoje, cada vez mais, ele terá, "mesmo que pequeno", de se transformar num empresário rural. O processo produtivo não só engloba a parte que antecede a propriedade rural - aquisição de insumos, conhecimentos, planejamento das atividades -, como também a parte de dentro da propriedade. Esta a razão pela qual o treinamento começa com

um assunto que parece nada a ver com a atividade leite: a conservação de solos. "Mas é da fertilidade do solo que depende todo o resto do processo produtivo", insiste Otalíz.

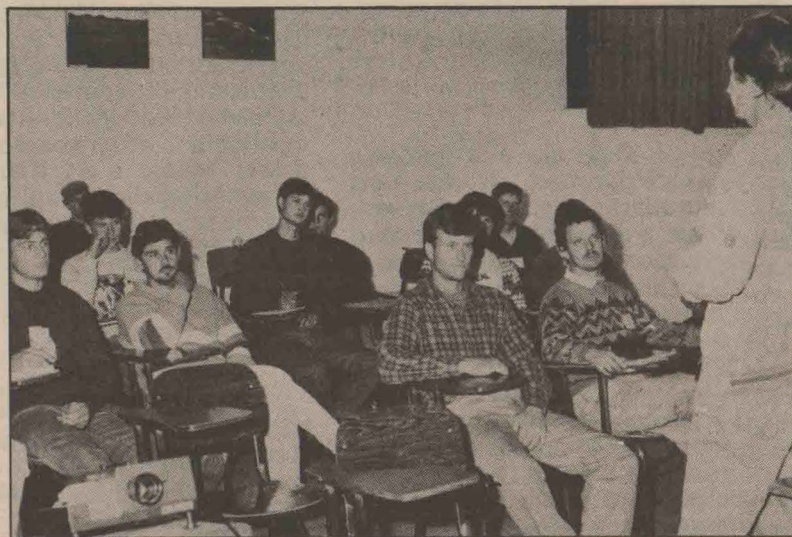
O treinamento bate forte na questão do gerenciamento agropecuário, pois é através dos registros do que acontece dentro da propriedade, que o produtor terá condições de avaliar seus resultados e o desempenho de cada atividade. Essa visão geral do processo produtivo vai levar o produtor a entender que a atividade não termina no exato momento em que o freteiro recolhe o leite na porteira e que

quem faz o preço final do produto é o consumidor. "É claro que, para entender todo esse processo, o produto precisa andar muito bem informado, entender dos negócios de agricultura" assinala Otalíz.

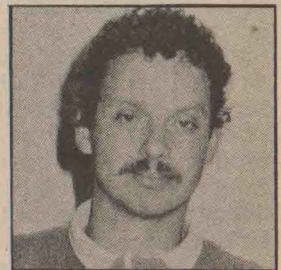
VOLTA ÀS ORIGENS - Moacir Tischer, de 24 anos, abandonou, há pouco tempo, a vida de operário de uma fábrica de calçados, para voltar às suas origens: o meio rural. Filho de agricultor, Moacir é associado da Cooperativa Regional Agropecuária Languiru, de Teutônia. Participou do curso incentivado pelos técnicos da cooperativa já que, há pouco mais de meio ano, assumiu a atividade leite na propriedade do sogro com a proposta de não apenas aumentar, mas também melhorar a produção de um plantel de 15 animais que recém agora começa a ser trabalhado.

Embora tenha dado nota 8 para o curso, o Moacir garante que as suas expectativas em relação ao aprendizado que levaria dessa semana de treinamento foram totalmente preenchidas. E como exemplo, cita algumas perguntas que trouxe anotadas para serem levantadas durante o curso. As respostas para a questão do crescimento dos cascos dos animais, e para as falhas que ocorrem com a inseminação artificial em alguns animais, apareceram durante o curso. O mesmo aconteceu com a vontade de saber como fazer silagem de aveia, ervilha e alfafa. "O curso contemplou estes assuntos", disse Moacir, proprietário em sociedade com mais dois outros produtores, de uma ensiladeira para milho. Ele ainda faz parte de um outro grupo, formado por 20 produtores, proprietários de um silo para grãos, construído com recursos do Feaper.

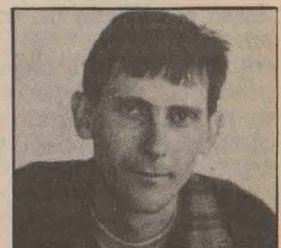
PECADOS - O Renato Menna Barreto Fauth, associado da Cooperativa Agrícola de Pontão, um município novo distante 40 quilômetros de Passo Fundo, saiu do curso convencido de que é pela sanidade e pela alimentação que o produtor comete os maiores pecados na atividade leiteira. Proprietário de 200 hectares, Renato entrou para a atividade leite em janeiro deste ano. Em março foi a Castro, numa excursão de produtores, para visitar algumas propriedades e conversar com produtores de leite. E foi



Nas aulas teóricas, a transferência...
...de conhecimentos para serem adaptados às propriedades



Renato Fauth



Moacir Tischer

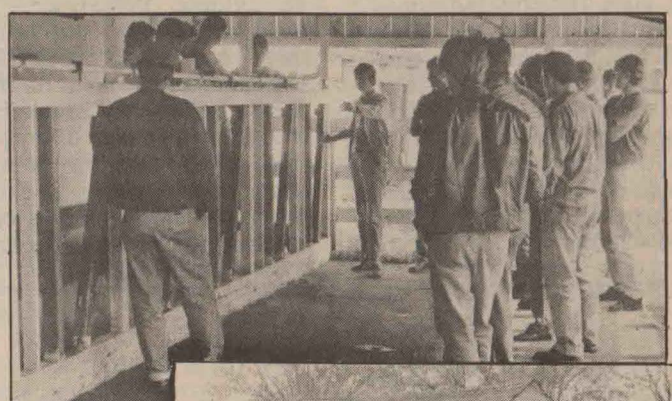
em Castro que ouviu falar do curso da CCGL que vem sendo realizado pela Cotrijuí. Assim que chegou a Pontão, entrou para a lista de espera, "e, só agora consegui chegar aqui", dizia Renato, formado em administração de empresas.

A passagem pelo CTC e os ensinamentos adquiridos durante toda uma semana de treinamento podem resultar numa virada em antigos conceitos e na própria condução da atividade, reconhecia Renato, que também

soube tirar proveito da convivência com outros produtores. "Foi uma troca de experiências", dizia ele satisfeito com a possibilidade de ampliar seus conhecimentos. "Estou voltando para Pontão com uma vontade muito grande de trabalhar com eficiência para alcançar melhores resultados".

Convencido de que hoje tanto a agricultura como a pecuária não funcionam sem resultados, Renato lembrou do tempo em que seus avós trabalhavam com apenas um animal por hectare. "Aqui fiquei sabendo que, se aliar manejo à tecnologia, é possível trabalhar com até 15 animais por hectare", observava surpreso com a descoberta e prometendo recomendar o curso para outros produtores interessados.

Mais experiente, mas não menos surpreso, Sérgio Pawlak, associado da Cooperativa Mista São Luiz, de Santa Rosa, saiu do curso prometendo adaptar os ensinamentos recebidos à realidade da sua propriedade. Quando recebeu o convite para participar do curso, Sérgio achou que só teria a ganhar. "Nós sempre estamos fazendo as coisas erradas", disse o produtor que também é técnico agrícola, ressaltando a necessidade de uma reciclagem

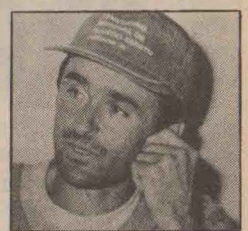


Na sala de ordenha e no campo:
a comprovação da teoria



para aprimorar os conhecimentos. Com um plantel de 10 animais, e uma produção diária de 160 litros de leite, Sérgio saiu do curso levando muitas informações sobre alimentação, sanidade, genética e manejo, "os assuntos que mais me prenderam a atenção".

Assim como Renato, o Sérgio recomenda o curso para muitos dos técnicos de cooperativas que atuam na atividade. "Eles poderão ter uma visão diferente da atividade leite", disse, lembrando que no primeiro dia ficou um pouco assustado com o andamento do curso, até porque não tinha entendido muito bem a proposta. Mas com o correr das palestras, as preocupações foram esquecidas e a briga maior ficava por conta da disputa de um espaço para fazer perguntas. "O tempo passava tão rápido, que teve dias que perdemos até a janta", disse, satisfeito com o fato de ter conseguido contemplar as suas necessidades de aprendizagem.



Sérgio Pawlak

Em fase de crescimento

Vivendo um novo momento, inaugurado a partir da assinatura de um convênio com a Cooperativa Central Oeste de Santa Catarina para a comercialização de linguiça toscana e salame tipo italiano, a unidade industrial da Cotrijuf em São Luiz Gonzaga, avalia hoje a possibilidade de elevar ainda mais a sua produção/mês de embutidos. Com um abate situado ao redor de 9 mil suínos/mês, a projeção é fazer com que a salsicharia produza 460 toneladas de embutidos/mês, independente da adoção do trabalho em dois turnos. "Já estamos trabalhando para elevar essa produção", confirma o gerente Administrativo Comercial da Unidade industrial, Wiliam Velasques.

A possibilidade, ainda em estudo, de ampliar de um para dois os turnos de trabalho na salsicharia, elevaria em mais 100 toneladas/mês a produção de embutidos. Esse foi, inclusive, um dos assuntos tratados num encontro realizado no dia 28 de setembro e que reuniu 26 representantes, distribuidores e vendedores de todo o Estado. Coordenado pelo gerente Administrativo Comercial, o encontro

teve a finalidade de aproximar ainda mais a indústria de sua equipe externa de apoio. Além de visitarem a planta industrial, e de conhecerem toda a linha de produtos, o grupo também conheceu um pouco da estrutura organizacional da própria Cotrijuf.

O grupo e a gerência do Frigorífico fizeram uma avaliação da situação das vendas e do mercado, já de olho na possibilidade de elevar ainda mais a produção de embutidos. "O encontro com os nossos distribuidores e representantes nos deu segurança para que déssemos prosseguimento ao estudo que estamos fazendo no sentido de implantar na salsicharia, um sistema de trabalho em dois turnos", observou confiante o Wiliam Velasques.

MEDIDAS - O crescimento da unidade industrial - em abril ela abatia 5 mil suínos/mês - é o resultado de algumas medidas adotadas internamente pela gerência administrativa e industrial do frigorífico. O Velasques começa apontando uma maior participação das cooperativas coirmãs no fornecimento de maté-

ria-prima, reestudo da área de vendas e redefinição de metas, redução na linha de produtos - os embutidos totalizam hoje 400 toneladas contra apenas 180 produzidas até cerca de cinco meses atrás e uma maior integração das áreas comercial e industrial. "Essas medidas nos possibilitaram uma melhor programação de nossas vendas e da compra de matéria-prima", explica o gerente administrativo comercial do frigorífico, sem esquecer de envolver neste processo todo o quadro funcional.

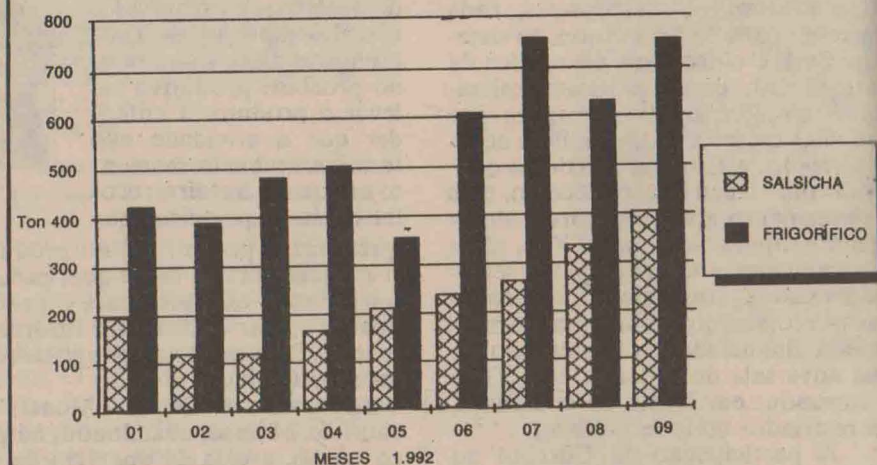
O Velasques não tem dúvida alguma que o incremento à industrialização - conferir gráfico - vem fazendo com que a unidade industrial apresente uma nova performance. Hoje, ao contrário do que ocorria até alguns meses atrás, cerca de 55 por cento do abate feito no frigorífico tem como destino a salsi-

charia. "A nossa meta é elevar para 63 por cento essa participação", assinala dizendo que atualmente a unidade vem trabalhando com um volume menor de carne suína in natura.

Do volume de embutidos produzidos pela unidade industrial da Cotrijuf em São Luiz Gonzaga, 35 por cento envolvem a produção de linguiça toscana e salame tipo italiano, esses dois comerciali-

zados com a marca Aurora. Esse volume representa 26 por cento do total de faturamento da planta industrial", informa Velasques, dizendo ainda que a meta é elevar de 110 para 165 toneladas/mês "isso dentro das previsões de uma produção de 460 toneladas/mês de embutidos", a produção de linguiça toscana. A produção de salame deverá passar de 22 para 28,6 toneladas/mês.

PRODUÇÃO DA SALSICHARIA E FRIGORÍFICO
• SÃO LUIZ GONZAGA •



Recadastramento Rural do Incra.

Ajude a revelar o retrato de um novo Brasil. Chegou a hora de fazer o recadastramento rural. De 1 a 30 de setembro, todo proprietário de terra é obrigado a recadastrar. Não deixe para a última hora.

De 1 a 30 de setembro, procure o Incra ou a Prefeitura da sua cidade.



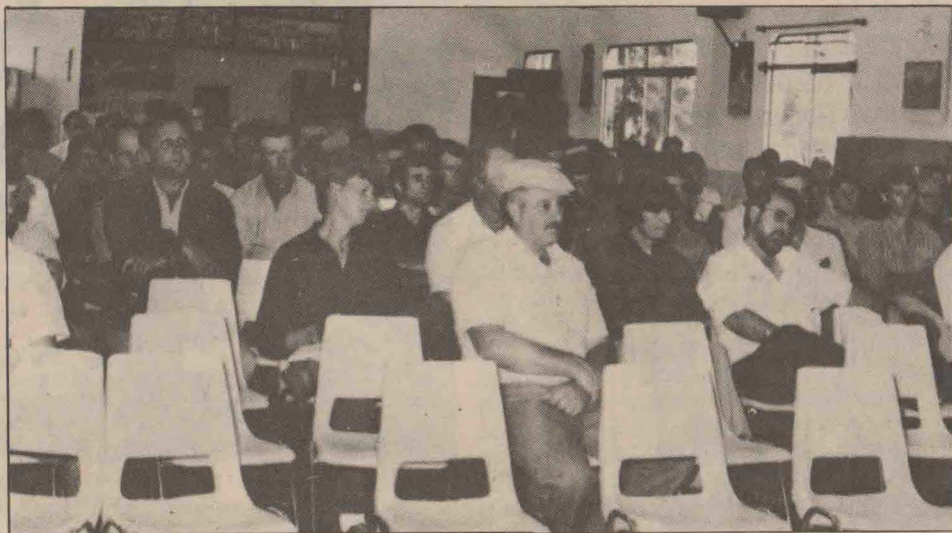
No caminho certo

Apostar na citricultura é uma grande decisão da região. A conquista do mercado, no entanto, depende prioritariamente de uma profissionalização da atividade que resulte em qualidade dos pomares e da distribuição do produto

"A grande linha de citricultura é a linha da modernidade", afirmou o engenheiro agrônomo Cláudio Lot, diretor da Divisão de Citrus da Cooperativa Agropecuária Holambra, de São Paulo. O agrônomo, que também é pós-graduado em Administração de Empresas na Califórnia, Estados Unidos, e diretor da marketing da Associação de Exportadores de Hortigranjeiros, esteve em Ijuí no dia 29 de setembro falando sobre o perfil da atividade e do mercado da laranja para produtores, técnicos e funcionários da Cotrijuf, em seminário realizado na Afucotri.

O seminário de citricultura também teve a presença do engenheiro agrônomo Gilberto Barella, assessor técnico do programa de citros da Coopercentral de Chapecó, e da engenheira de alimentos Elizabete Mezaro, da mesma cooperativa. Barella falou sobre o projeto de citricultura da Cooperativa e os investimentos na industrialização.

Ao falar em modernidade, o diretor da Holambra sintetizou uma chamada feita também na região da Cotrijuf, com o objetivo de qualificar uma atividade que envolve hoje 500 produtores numa área de 600 hectares de pomares comerciais. "Temos área, solo, clima e mão-de-obra" disse, na abertura do seminário, o supervisor de Hortigranjeiros da Cotrijuf, João Agostinho Boaro, ao apresentar o projeto de citricultura da Cooperativa que também é desenvolvi-



Seminário
Produtores, técnicos e gerentes participaram da avaliação de mercado

do de forma integrada e outras atividades. "Um dos nossos principais objetivos agora é trabalhar pela conquista de um mercado, em que apesar do grande potencial de demanda existente, se mostra estreito na oferta", disse Boaro. Reafirmou, por isso, a preocupação da Cooperativa não somente com o tamanho do projeto - o setor possui uma meta de chegar aos seis mil hectares em quatro anos - mas prioritariamente com a sua qualidade, para o que é fundamental a diversificação de variedades e a utilização de porta-enxertos que possibilitem maior eficiência na produção e na colheita.

O MERCADO - Para o diretor da Holambra, o mercado interno de citros e em especial o da laranja é um mercado pobre. "Mas por enquanto", completou o agrônomo, avaliando que este mercado pode se expandir num curto espaço de tempo, dependendo dos rumos da economia brasileira. E é isso que um produtor moderno, ou seja um citricultor e não um laranjeiro, tem que tomar consciência,

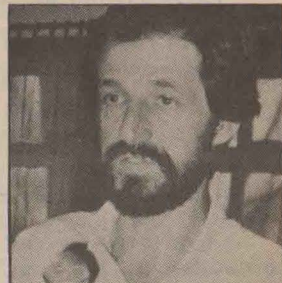
disse Lot, avaliando o perfil da atividade a nível nacional. A sua afirmação é um alerta no sentido de o produtor vir a se qualificar para atender um consumidor cada vez mais exigente.

Nessa busca de qualidade, a profissionalização é fundamental, afirmou o agrônomo, justificando-se pela própria trajetória da citricultura no Brasil. O setor se expandiu no País a partir do "boom" da indústria de sucos, ao ponto de se contar atualmente com uma produção de 270 milhões de toneladas de caixas de laranja, das quais 230 milhões são destinadas a indústria. O Brasil, exemplificou ainda, passou de 900 mil toneladas para cerca de um milhão de toneladas de suco sendo que a citricultura foi atrás sem aquela qualidade necessária exigida pelo mercado in natura.

A dependência do preço da indústria é uma consequência desse processo, apontou Lot, lembrando que em grandes safras brasileiras ou quando ocorre uma geada na Flórida - estado americano de maior produção de citros -, os preços da fruta fresca são tão oscilantes que levam a bancarrota os produtores aventureiros, aqueles que não investem em produtividade e vendem a laranja na roça. "Se a gente for caminhar nesta linha não teremos futuro", avisa, dizendo que o citricultor tem que plantar e vender assessorado por uma estrutura credenciada como as cooperativas.

Mas a falta de profissionalização não acontece somente dentro dos pomares. Segundo Lot, a citricultura sofre ainda pelo excesso de atravessadores existente na comercialização de hortigranjeiros, que atuam ainda com estrutura precária de transporte e embalagens. "Muitas empresas brasileiras ainda vendem a fruta a granel em cima de caminhões, ou usam as superadas embalagens de retorno". A citricultura, portanto, precisa ser desenvolvida com outra mentalidade, disse o agrônomo, apoiado em uma experiência de quem trabalha com um grupo onde de três milhões e meio de caixas de laranja produzidas e comercializadas, 70 por cento vão para o mercado in natura - na maioria mercado interno - e 30 por cento são repassados a indústria.

Na opinião do diretor da Holambra, o citricultor precisa profissionalizar a sua atividade, agregando valor à fruta produzida por ele. Isso significa contar com assistência técnica, trabalhar eficientemente no controle de pragas e doenças e fazer com que uma laranja colorida, com bastante suco, casca fina e vermelha, chegue no mer-



Antonio
Cláudio Lot
Diretor
da Holambra

cado com estas características. Essa é a grande arte da citricultura, falou ainda Lot, salientando que a partir deste procedimento o produtor assegura o seu lugar num mercado interno e externo, que deseja fruta limpa e sem doenças.

SITUAÇÃO FAVORÁVEL - Apostando no projeto de citricultura da região, Lot disse também que os produtores daqui estão no caminho certo ao optarem por esta atividade. O citricultor regional conta com um suporte geográfico privilegiado, que permite a interrupção do ciclo de doenças causadas pelos ácaros da ferrugem e da leprose, e ainda por produzir em pequena escala, utiliza mão-de-obra familiar. Somente nestes aspectos já há um ganho real expressivo, pois enquanto o custo de produção de uma caixa de 40 quilos de laranja em São Paulo é de 1,80 dólar, no Rio Grande do Sul é de apenas 1,20 dólar.

Segundo Lot, a região tem é que incrementar essa produção com uma maior diversificação de variedades. "São muitas as opções e há espaço de mercado para todas", disse, visualizando em primeiro plano o grande potencial da laranja Valência no Estado.

"Se algum brasileiro conseguir colocar a Valência na Europa do dia 15 de julho até o dia 15 de outubro vai ganhar muito dinheiro, garantiu o agrônomo. Em São Paulo, explicou, não há Valência nessa época e ainda a que é produzida lá é pálida pela ausência do frio. Quando a laranja está pronta, a exportação fica inviável porque a Europa já está aplicando um imposto de importação - que em outros períodos é de 60 por cento - de 22 por cento para proteger a laranja da Espanha.

Tudo isso potencializa um projeto de citros no Sul, falou Lot apresentando ainda a potencialidade de mercado de inúmeras variedades, como as bergamotas Clementinas, - espécie se semente - muito produzida no Uruguai e na Argentina, os pomelos e os limões Siciliano e Taiti. São todos citros com consumo certo na Europa e alguns países, ao contrário do Brasil, não fazem por menos para abarcar este mercado. O Chile, por exemplo, exporta um bilhão e meio de dólares em frutas, Israel, um bilhão e meio, África do Sul, três bilhões e o estado americano da Califórnia, cinco bilhões. O Brasil, por sua vez, exporta somente 80 milhões de dólares, sendo apenas 40 por cento de citros.

Falando ainda de espaço de mercado, Lot lembrou o Mercosul, "que embora demore um pouquinho, deve abrir as portas para a produção brasileira. Temos possibilidade de um grande intercâmbio entre São Paulo e Argentina, Rio Grande do Sul e Chile e Nordeste", avaliou o agrônomo, mas para isso, voltou a frisar, é necessário fazer um trabalho de qualidade. "É preciso que o consumidor tenha certeza de que a laranja foi tratada, que ela foi bem colhida e bem distribuída".

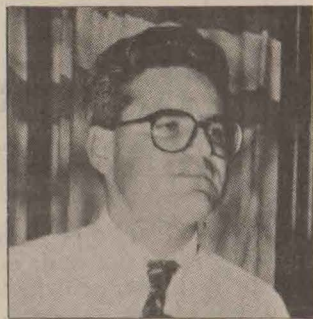
Coopercentral trabalha pela industrialização

Com aproximadamente cinco mil citriculturas, a Coopercentral - Cooperativa Central Oeste Catarinense -, com sede em Chapecó, está apostando na citricultura há dez anos, época em que, segundo o assessor técnico Gilberto Barella, começou a se incrementar os pomares. "Quem tinha laranja caipira ou comum começou a implantar novas variedades levando cada agricultor a contar hoje em média com 250 plantas. Isso representa segundo o agrônomo, quatro mil metros quadrados por produtor, ou 40 por cento de implantação do projeto a nível de pomares.

A ponta de lança do projeto de citros da Coopercentral não é o mercado in natura. A melhoria dos pomares foi feita aos poucos desde a criação de uma pequena indústria de sucos com dois extratores. Como os resultados em produtividade foram crescendo, a Cooperativa resolveu avançar no projeto, ao ponto de contar hoje com a projeção de uma planta industrial com 22 extratores. Com essa nova estrutura, o objetivo da Coopercentral é exportar 100 por cento do suco produzido, cinco por cento a mais do que vem fazendo com a produção atual.

RENTABILIDADE - Quem vai sustentar a maior parte desta indústria tam-

Gilberto
Barella



bém aposta bastante na citricultura, como afirma o agrônomo, dizendo que o produtor só não planta mais por falta de recursos". Essa boa aceitação vem de uma rentabilidade dos pomares, que se comparados ao milho e a soja ultrapassam em quatro e cinco vezes mais. A lucratividade é, segundo Barella, bem contabilizada por produtores que até atingem 215 quilos por planta e também é uma realidade para a maioria que colhe em média 160 quilos por planta ou 55 mil quilos por hectare. Como incentivo para a produção de citros, os associados da Coopercentral contam com os troca-troca de mudas por leite ou quilos de laranja. Esse programa, no entanto segundo o agrônomo deve ser ampliado para que a Cooperativa consiga atingir suas metas. "Em três anos poderemos colocar 5 milhões de mudas", aposta Barella, esperando uma produção de oito milhões de caixas de laranjas, capaz de ser absorvida pela indústria que será implantada em 1995.

TRIGO Cultura estratégica

Os prejuízos provocados pela redução de trigo neste ano, somente comprovam a sua posição como cultura estratégica para a economia nacional. A advertência foi reafirmada no 1º Seminário de Trigo, em Cruz Alta, em que participaram Norman Borlaug, prêmio Nobel da Paz 1970 e OCB, Fecotrigo, Embrapa, Abitrigo, entre outras entidades ligadas a triticultura

Em torno de um tema bastante provocativo - Trigo no Brasil: um bem nacional ou um ônus social - aconteceu em Cruz Alta, no dia 18 de setembro, o 1º Seminário Nacional do Trigo. O encontro, que integrou as atividades da 5ª Fenatrigo e teve a coordenação da Fundacep - Fecotrigo, reafirmou a necessidade de todos os setores envolvidos com a triticultura continuarem apostando e investindo no produto nacional.

Para coroar o debate, participou como palestrante de abertura o engenheiro agrônomo Norman Ernest Borlaug, prêmio Nobel da Paz de 1970 e integrante do Cimmyt (Internacional Maize and Wheat Improvement Centre) que defendeu o melhoramento genético e o uso de tecnologias conservacionistas através da cultura e também uma maior aplicação do seus resultados pela cooperação internacional.

O único agrônomo a receber a titulação e também membro da Universidade do Texas, Estados Unidos, enfatizou ainda que o avanço da produção agrícola traduzido por maiores volumes tem que vir acompanhado de uma distribuição equitativa da produção. Como muitos dos pesquisadores brasileiros, Borlaug salientou que é preciso que os países continuem a investir na pesquisa a fim de reduzir os seus custos de produção. O trigo, segundo o Nobel da Paz, "não é importante somente para produzir pão, mas para fazer rotação com soja, milho e outras culturas, protegendo o solo contra a erosão".

Preocupado com a redução da lavoura brasileira, o pesquisador também lançou questionamento em relação ao Mercosul. Na sua opinião é preciso se refletir sobre como ficariam as garantias de preços acordados hoje com a Argentina, caso o Brasil deixasse de produzir trigo.

DESISTÍMULO - O presidente das Cooperativas Brasileiras, Wilson Thiesen, abriu a defesa do trigo nacional, não sem antes apontar os inúmeros fatores que afetaram a cultura num curto espaço de tempo, e que contribuíram significativamente para a desestruturação da produção. Estes fato-



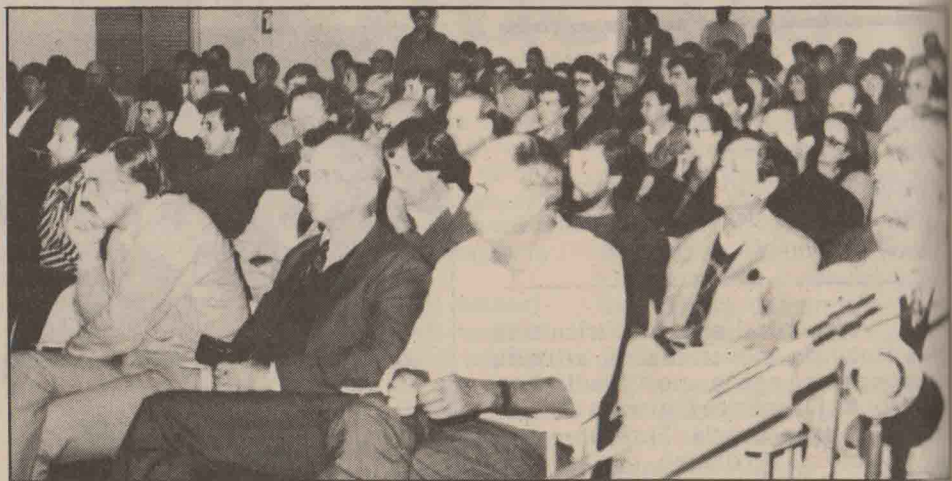
Norman Borlaug
Distribuição equitativa

res são independentes e vão desde o clima até o congelamento artificial de preços em 1991. "Só em 1990, foram perdidos 50 por cento da safra brasileira em função do clima, privatização e também da industrialização", citou Thiesen.

Fazendo um alerta às autoridades governamentais, o presidente da OCB disse que o trigo é um bem nacional, e buscar sua auto-suficiência é uma estratégia para incrementar a economia de municípios médios e pequenos. Apostar e investir na cultura significa maior geração de empregos, tributos e diretamente na produção agrícola, melhorar a conservação do solo e ajudar na viabilização da soja, através do aumento da produção e da redução de custos.

A convicção de que o trigo é um bem nacional e que o desistímulo à produção brasileira tem consequências graves para a economia, foi mais uma vez confirmada pelo presidente do Conselho de Administração da Fecotrigo e deputado federal, Odacir Klein. Apoiado em dados contabilizados pela entidade, Odacir apresentou os prejuízos decorrentes desta última safra. Em primeiro lugar, o deputado salientou que os 739 mil hectares que deixaram de ser plantados com trigo neste ano, no Rio Grande do Sul, equivalem a uma produção de um milhão e 219 mil toneladas, representando uma perda de 179 milhões de dólares em receitas estaduais.

Como se não bastasse essa perda de receita, a área plantada com a cultura neste ano - apenas 461 mil hectares - ocupou somente 38 por cen-



Casa da Cultura, Cruz Alta
A importância do trigo em questão



Odacir Klein
Se um setor quebrar todos vão juntos

to do seu potencial no Estado, provocando já para a próxima safra de soja, um aumento de 15 por cento no seu custo de produção. Além disso, Odacir mostrou que essa lacuna na produção do cereal agregou perdas ainda maiores pela ociosidade de máquinas e implementos agrícolas, aumento do desemprego e redução na venda de fertilizantes e outros insumos.

REIVINDICAÇÃO CONJUNTA - Os números comprovam que uma redução dessas traz prejuízos para o produtor, para o Estado, para o comércio e a indústria, sem gerar benefício nenhum para o consumidor, destacou o deputado. Por isso, defende Odacir, todos os setores precisam se envolver na defesa da triticultura nacional para buscar uma política mais adequada aos interesses brasileiros.

A política esperada por Odacir,

Produção competitiva

Trabalhando pela auto-suficiência e agora na época da comercialização privatizada, prioritariamente pela qualidade do produto, a pesquisa brasileira, mesmo se ressentido da falta de recursos, também aposta na produção e na sua competitividade com os países integrantes do Mercosul. É o que afirma um dos palestrantes que esteve em Cruz Alta, o pesquisador Euclydes Minella, do Centro Nacional de Pesquisa do Trigo, da Embrapa de Passo Fundo.

Segundo Minella, o País vai continuar produzindo trigo, pois o produto é uma cultura estratégica tanto em termos de preço, como também é um sustentáculo da produção agrícola no sul do Brasil, onde em curto espaço de tempo, não há nenhuma cultura que o substitua em larga escala. O seu papel também é importante no Brasil Central dentro do esquema de rotação de culturas das áreas irrigadas substituindo as monoculturas do tomate e da ervilha. Além de tudo isso é fundamental como cobertura de solo no inverno.

"Temos solo, clima e tecnologia para sermos auto-suficientes e para

que inclui recursos para pesquisa, para formação de estoques reguladores e preço condizente com custos de produção, entre outras, não pode, no seu entender, partir de uma visão paternalista. "Ela tem que ser buscada pela pressão da sociedade civil", enfatizou, lembrando que para isso é necessário que os setores envolvidos com a triticultura deixem de assumir uma postura de competição. "Já é consenso entre todos os setores da importância de termos uma produção de trigo expressiva, para que o país não fique com um abastecimento cada vez maior, totalmente dependente do produto internacional", o que somente contribuiria para a elevação do preço no mercado internacional.

É preciso, arrematou Klein, que todos os setores apoiem a produção, citando como exemplo, o fato de também a indústria moageira se mobilizar conjuntamente com o grupo para buscar recursos para a pesquisa. "Se alguns dos setores da triticultura quebrarem, todos serão atingidos", alertou, lembrando, por fim, que no momento que as importações começarem a alcançar níveis mais altos, o grão vai ser substituído pela farinha.



Euclydes Minella

exportar inclusive o trigo duro exigido pela indústria", assegurou o pesquisador, dizendo no entanto, que infelizmente, toda esta produção de qualidade não depende somente da pesquisa. Depende de mecanismos de proteção contra o duping internacional, da formação de estoques reguladores e também de preços compensatórios ao custo de produção.

Apesar da falta de estímulo, o desafio da pesquisa é não parar, disse ainda Minella, afirmando que o setor não trabalha para dois anos, mas sim para os próximos trinta anos. E isso significa pensar na diversificação industrial, para o que se desenvolve uma perspectiva de produção de oito ou 10 toneladas por hectare. Para espaços de tempos menores, também já existem respostas através de variedades que podem chegar facilmente a dois mil e 500 a três mil quilos por hectare, e fortalecendo assim a competitividade do trigo brasileiro.

Verba para Apsats

Três condomínios rurais da região foram premiados neste mês de setembro. As Apsats União Centenária de Ijuí, São José, de Ajuricaba e Nossa Senhora da Saúde, de Tenente Portela tiveram as cartas de crédito confirmadas pelo Fundo Estadual de Apoio ao Desenvolvimento de Pequenos Estabelecimentos Rurais - Feaper. O ato oficial da assinatura aconteceu no dia três de setembro, no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio e contou com a presença do governador Alceu Collares e do secretário da Agricultura e Abastecimento, Carlos Cardinal.

As três Apsats estão voltadas para suinocultura e tiveram recursos

Cr\$ 500 milhões-Ijuí, Cr\$ 450 milhões - Ajuricaba e Cr\$ 315 milhões - Tenente Portela. Os recursos, que ainda estão por chegar, serão liberados em duas parcelas e beneficiarão um total de 81 produtores. A Apsat União Centenária será o primeiro condomínio implantado no município.

A assinatura do convênio com o Feaper foi acompanhada pelo secretário municipal de Desenvolvimento Econômico de Ijuí, Luis Hocevar Filho, representantes dos outros municípios e pelas diretorias dos condomínios. Estiveram em Esteio, Hugo Deckmann, presidente da União Centenária, Deniz Antonio Dallabrida, de São José e Emílio Walter, da Apsat Nossa Senhora da Saúde.

Investir para ganhar mais

O resultado econômico de qualquer atividade agropecuária é proveniente da integração de uma série de fatores.
A conclusão é do pesquisador da Epagri de Santa Catarina, Daltro Soldatelli

Como obter lucro nestes tempos em que os custos de produção comem pela perna grande parte dos resultados alcançados em qualquer atividade agropecuária? "Para se ter lucro é preciso não poupar nos custos variáveis", ensinou aos novos representantes da Cotrijuí o engenheiro agrônomo Daltro Soldatelli, da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Difusão de Tecnologia de Santa Catarina = Gerência Sócio - Economia. Daltro Soldatelli esteve em Ijuí no dia 19 de agosto, ocasião em que falou aos recém empossados representantes da Cotrijuí sobre Gestão Agrícola e o Agricultor "Dinheiro-se faz com dinheiro bem aplicado, insistiu, sem deixar de reconhecer que o resultado econômico das propriedades agrícolas é proveniente da interação de uma série de fatores.

Mostrando resultados de trabalhos realizados em algumas propriedades de Santa Catarina, Soldatelli tentou provar que as propriedades agrícolas que têm aplicado dinheiro em custos variáveis, são justamente aquelas que têm apresentado os melhores resultados econômicos - lucro por hectare. São, na verdade, propriedades que apresentam um sistema de produção mais intensivo. "Para que um resultado econômico seja alto, é preciso que o desembolso de dinheiro feito pelo agricultor também seja alto e aplica-

do em itens importantes e que possam oferecer retornos", salientou o palestrante apontando como exemplo de item importante os insumos.

Na tabela 1, por exemplo, é possível evidenciar a importância dos custos variáveis no desempenho econômico das propriedades agrícolas. Como as tabelas mostradas abaixo trazem resultados de análises feitas em propriedades agrícolas de Santa Catarina, Soldatelli separou-as em subgrupos: o Cabeça e o Cola. O subgrupo Cabeça representa a média dos produtores com maior eficiência econômica - lucro por hectare - SAU. O subgrupo Cola representa a média dos produtores com menor eficiência econômica dentro do mesmo grupo analisado.

O USO DO SOLO - "O uso mais intensivo do solo proporciona um melhor resultado econômico", disse, ainda recomendando, para este caso, consórcios, culturas de inverno - cereais, pastagens, adubação verde, entre outras - e a rotação de culturas. Também garantiu que do uso intensivo do solo, o produtor não vai tirar apenas vantagens técnicas. Ele ainda estará agregando vantagens econômicas através de uma melhor distribuição da mão-de-obra e do uso do maquinário. Além disso, vai poder obter rendas maiores e a mais regulares, e reduzir

os riscos relativos às perdas de colheita e de queda nos preços dos produtos.

A Tabela 2, apresentada por Soldatelli deixa claro a importância do uso intensivo do solo e a sua relação com o lucro.

A presença intensiva de animais produtivos - suínos, bovinos, aves, entre outros - também influi no resultado econômico das pequenas e médias propriedades. "A presença de animais não utilizadores de solo, como suínos e aves, é importante para o bom desempenho econômico", observou ainda garantindo que as propriedades com a presença intensiva de animais apresentam melhores resultados econômicos que aquelas que só produzem grãos. Oferecem ainda ao produtor maior estabilidade, segurança e melhoria no fluxo de caixa. A tabela 3 mostra a importância dos animais produtivos no lucro das propriedades agrícolas. **DIVERSIFICAÇÃO** - "As pequenas e médias propriedades agrícolas devem depender de mais uma atividade econômica", pregou Soldatelli sugerindo a adoção de três a cinco atividades. Mas fez um alerta: o produtor não pode confundir diversificação com pulverização de atividades. Disse que a pulverização de atividades leva a um índice alto de diversificação e essa situação faz com que o produtor perca o controle no uso dos fatores de produção - terra, capital e mão-de-obra. Sugeriu a diversificação das

atividades, para o pequeno e o médio produtor, por entender que ela oferece, além de uma certa estabilidade, maior segurança e resultados econômicos à propriedade. Conferir tabela 4.

Ao atacar a questão da diversificação de forma equilibrada das atividades agrícolas, o pesquisador da Epagri puxou um outro ponto, ainda bastante delicado: o dos rendimentos obtidos. Começou mostrando que o lucro de uma propriedade agrícola não depende apenas do volume produzido ou do preço alcançado no mercado, mas principalmente do rendimento alcançado. "É o rendimento que vai exercer grande influência no lucro da propriedade", reforçou, tentando mostrar aos representantes a necessidade do agricultor trabalhar com produtividade.

A produtividade é um fator considerado controlável, "pois o produtor tem condições de aumentar os rendimentos de suas atividades através do uso de tecnologias apropriadas. Esta a razão pela qual o produtor não pode poupar em custos variáveis". E como o produtor, de forma isolada, exerce pouca influência sobre o mercado e a formação de preços a saída para a propriedade agrícola, a obtenção de maiores lucros, passa a depender dos rendimentos a serem alcançados", disse apontando para o único caminho capaz de viabilizar qualquer atividade agrícola.

QUALIDADE



É FUNDAMENTAL

COMPRE SEMPRE NAS LOJAS



COTRIJUI

TABELA 1 - LUCRO E CUSTOS VARIÁVEIS

ESPECIFICAÇÃO	CABEÇA	COLA
Lucro/ha SAU (US\$)	131	-135
Custos Variáveis/ha SAU (US\$)	392	193

FONTE: ACARESC

Resultado de análise de grupo de propriedades agrícolas.
Palma Sola-SC, ano agrícola 1990/91.

TABELA 2 - LUCRO E O USO INTENSIVO DO SOLO

ESPECIFICAÇÃO	CABEÇA	COLA
Lucro/ha SAU (US\$)	25	-384
% da SAU c/uso principal-agricultura	81,14	73,06
% da SAU c/uso principal+adicional-agric.	104,14	86,06
% da SAU c/ Superf. Forrageira-Principal	16,00	16,00
% da SAU c/ S.F.P. + Adicional-Pastagem	30,00	24,00

FONTE: ACARESC

Resultado de análise de grupo de propriedades agrícolas.
Palma Sola-SC, ano agrícola 1989/90.

TABELA 3 - LUCRO E ANIMAIS PRODUTIVOS

ESPECIFICAÇÃO	CABEÇA	COLA
Lucro/ha SAU (US\$)	25	-384
Porcas/ha SAU	0,45	0,10
Vacas/ha SAU	0,19	0,16
U.A. Total/ha SAU	1,26	0,65
U.A. Bovinos/ha SAU	0,52	0,43
U.A. Suínos/ha SAU	0,65	0,16

FONTE: ACARESC

Resultado de análise de grupo de propriedades agrícolas.
Palma Sola-SC, ano agrícola 1989/90.

TABELA 4 - LUCRO E O ÍNDICE DE DIVERSIFICAÇÃO

ESPECIFICAÇÃO	CABEÇA	COLA
Lucro/ha SAU (US\$)	25	-384
Índice de diversificação	2,93	6,54

FONTE: ACARESC

Resultado de análise do grupo de propriedades agrícolas.
Palma Sola-SC, ano agrícola 1989/90.

Uma história de quase 20 anos

A colza chegou ao Brasil em 1974 pelas mãos da Cotrijuí e só não se firmou como opção de inverno porque faltou incentivo oficial e, um incidente ocorrido na Espanha, retraiu o mercado

COLZA

Colza ou canola. "É tudo a mesma coisa", simplifica o vice-presidente da Cotrijuí, Euclides Casagrande, sem querer entrar no mérito das discussões. "O que importa é que a colza chegou ao Brasil em 1974, pelas mãos da Cotrijuí. As variedades que ainda hoje nossos associados continuam cultivando, é a CTC-4, originária da Alemanha e melhorada em nosso Centro de Treinamento", observa o vice-presidente da Cotrijuí.

O primeiro lote de sementes de colza, provenientes da Alemanha, chegou a Ijuí em julho de 1974, atrasando o plantio em dois meses. Em dezembro, o Cotrijornal trazia, na página 4, uma matéria onde contava que a Cotrijuí estava se preparando para fazer sua primeira colheita de colza, "plantada em caráter experimental em 20 hectares e distribuídos em 16 lavouras diferentes. No ano seguinte, em outubro, o Cotrijornal anunciava a chegada a

Ijuí, a convite da Cotrijuí, do diretor do Instituto de Melhoramento Genético de Plantas da Universidade de Göttingen, da então Alemanha Ocidental. Especialista em genética de plantas, principalmente as oleaginosas, o professor Gerard Röbbelen permaneceu cinco dias em Ijuí, observando o andamento das experiências que a Cotrijuí vinha fazendo com a colza na época. Durante entrevista concedida à imprensa, disse que a região era propícia para o cultivo da colza, podendo transformar-se, portanto, numa importante alternativa de cultivo no inverno.

Apesar dos problemas iniciais de técnica de plantio, de maturação e de colheita, a colza começou muito bem, chegando a ocupar, em fins da década de 70, 20 mil hectares em todo o Rio Grande do Sul. Só na área de atuação da Cotrijuí, a lavoura chegou a oito mil hectares.

"Ela só não se transformou realmente em uma alternativa de cultivo para o inverno, porque um incidente ocorrido na Espanha, com a intoxicação de algumas pessoas que consumiram óleo com corante, ocasionou uma forte retração no mercado", relembra Euclides Casagrande. As palavras do

vice-presidente da Cotrijuí são reforçadas pelas do ex-chefe do Departamento de Trigo/Citrin/Banco do Brasil. Eloy Gomes, que hoje é assessor da diretoria da Associação Brasileira da Indústria de Trigo, esteve, inclusive em Ijuí, no início dos anos 80, visitando o CTC e conhecendo o trabalho que a Cotrijuí vinha realizando com a colza. Ao participar do III Simpósio de Grãos Armazenados do Rio Grande do Sul, realizado em Ijuí, Eloy Gomes destacou o pioneirismo da Cotrijuí no cultivo da colza.

Hoje, dentro de uma nova expectativa, cooperativas como a Cocamar e a Coamo, do Paraná, estão importando sementes de canola do Canadá e da Argentina, informa Eloy Gomes. Entre as variedades que melhor têm se adaptado, estão as do Canadá, "pois as da Argentina apresentam um ciclo muito longo, inviabilizando o plantio da soja. Mas são lavouras plantadas em caráter experimental, porque a canola continua sendo uma cultura de alto risco, observa o ex-chefe do Ctrín, reconhecendo, no entanto, que existe uma grande expectativa por parte do produtor em relação a cultura.

OLEO COMESTÍVEL - Entusiasmo pela desempenho da lavoura e pe-

Em outubro de 1975, o professor Gerald Röbbelen... pela primeira vez, para observar o andame

lo interesse do produtor em encontrar uma nova alternativa para o inverno, a Cotrijuí partiu para a industrialização. "Foi uma experiência que fizemos", recorda o vice-presidente, na época diretor de Operações da cooperativa. A mesma história é lembrada pelo ex-diretor de Comercialização da Cotrijuí, Bruno Eisele. "O óleo era de excelente qualidade", diz ele, comparando-o ao óleo de oliva na cor e sabor. A experiência a nível de industrialização só não avançou em função do problema ocorrido na Espanha, reforça Eisele, um produtor que só deixou de cultivar colza há uns dois anos. Apesar de admitir que ainda hoje um dos entraves do cultivo da colza é a falta de conhecimento em relação a cultura, Bruno Eisele reconhece que o corpo técnico e um grupo de produtores da Cotrijuí detêm a maior expe-

CTC-4, uma cultivar de qualidade

"A Cotrijuí e um grupo de associados nunca deixaram de acreditar na colza em função das suas qualidades". A observação é do engenheiro agrônomo Luís Volney Mattos Viau, rector da região detém a maior experiência no cultivo da colza no país, "tanto no que diz respeito ao plantio, condução da lavoura e colheita, ainda a fase mais crítica da cultura". Um possível incremento do plantio de colza ou "canola, como vem sendo chamada", na região Sul do Brasil, vai depender, segundo o chefe de Pesquisa do CTC, do suporte que a indústria oferecer para a produção.

Mas afinal de contas, o que é canola? têm perguntado alguns dos agricultores. A canola é uma marca de qualidade que os apresentamos para a colza que apresenta baixos teores de ácido erúico e de glucosinatos. A palavra vem da associação das primeiras sílabas da "canadian low acid oil", ou seja, a colza canadense que produz óleo de baixo teor de ácido erúico, desenvolvida no Canadá a partir do melhoramento genético. A informação é do Volney Viau, que acompanha os trabalhos de melhoramento da colza desde 1974.

O ácido erúico é uma substância que ativa o colesterol quando o óleo é consumido por pessoas, e o glucosinato é um alcalóide tóxico que permanece no farelo destinado a alimentação animal, explica o pesquisa-

dor do CTC. A colza que apresenta estes baixos teores e qualidade, é a mesma produzida na Europa e que leva o nome de Doble Zero (OO) ou Sinola. "Os primeiros experimentos que realizamos na região tiveram a colaboração da Universidade de Göttingen, da Alemanha, relembra.

VÁRIAS VARIEDADES - A partir das sementes trazidas da Alemanha, a Cotrijuí, via CTC, criou várias cultivares de colza, entre elas o CTC-4, "cultivada até hoje na região". Depois da participação da Universidade de Göttingen, a Cotrijuí, na época com seis anos de pesquisa e experiência, buscou o apoio de outras instituições. "A idéia era criar um programa de colza para o sul do país, com o objetivo de promover o desenvolvimento de um projeto integrado de pesquisa e assistência técnica, sem esquecer a comercialização", recorda Volney Viau. Entrava em discussão, também naquela ocasião, a necessidade do governo estabelecer um programa de custeio para a cultura, "para que o produtor pudesse investir na colza". O que realmente aconteceu, pois a lavoura de colza chegou a ter VBC oficial.

Fruto de todo este trabalho do Comitê da Colza, constituído em 1980, o Rio Grande do Sul plantou 20 mil hectares com a oleaginosa. A produção estava organizada, "pois tínhamos material genético apropriado e as indústrias de óleo, preocupadas com a

ociosidade de seus parques industriais, até garantiram apoio para a comercialização da produção". Neste mesmo período, o governo federal propôs substituir o óleo de colza produzido para ser utilizado em testes de motores em combustão. Este fato tentava dar outra utilização para o óleo de colza. E o pior: o governo não cumpriu a sua promessa. A Cotrijuí, que estava acreditando na proposta do governo, ficou com toda a sua produção de grãos estocada, exportando, mais tarde, para o Japão. A esta situação, o Volney Viau acrescenta o incidente ocorrido na Espanha com o óleo de colza adulterado.

Volney Viau não tem dúvidas de que estes fatores, descumprimento da promessa do governo em adquirir o produto e o incidente da Espanha interferiram no interesse da indústria em continuar incentivando o cultivo da colza. A demora no esclarecimento do incidente provocou uma certa retração no consumo da colza no mundo todo. **SEM PARALISAR** - O programa da Cotrijuí também começou a andar em ritmo mais lento depois da retração do mercado, "mas nunca chegou a paralisar". Nestes dois últimos anos, a Cotrijuí retomou seu trabalho de pesquisa, em função do novo interesse e especulações que começam a surgir e que estão diretamente relacionados com os novos hábitos alimentares, "pois hoje o que se busca é o consumo de produtos de qualidade. E o óleo de colza se coloca acima do óleo de

soja em termos de qualidade", diz ele, lembrando que o seu consumo vem sendo recomendado pelas Sociedades de Cardiologia Americana e Brasileira.

Deixando de lado os interesses, o mais importante, segundo o pesquisador, é que a colza está ocupando 820 hectares em toda a área de atuação da Cotrijuí, sendo que desta área total, cerca de 400 hectares estão cultivados em Coronel Bicaco. "Para alguns produtores, a colza continua sendo uma excelente alternativa de inverno".

Área e produtividade da colza na região da Cotrijuí - 1980 a 1992.

Ano	Área (ha)	Produtividade (kg)
1980	663	728
1981	4.250	1.064
1982	750	908
1983	1.930	920
1984	2.840	598
1985	1.198	590
1986	2.490	418
1987	2.490	429
1988	638	323
1989	195	1.038
1990	545	1.114
1991	1.350	860
1992	820	-

Fonte: Divisão Agrotécnica - Economia Rural/Cotrijuí

Um Comitê para organizar a produção

O Comitê da Colza se reuniu pela primeira vez no dia 8 de janeiro de 1980, sob a presidência do então secretário de Agricultura do Estado, Balthazar do Bem e Canto. Integravam o Comitê, a Fundação de Amparo à Pesquisa - Fapergs - representada por Edmundo Kanan Marques; a Emater por Lino Hamann; a Cotrijuf, representada por Ruben Ilgenfritz da Silva, presidente e por Lufs Volney de Mattos Viau, pesquisador; o Departamento de Pesquisas da Secretaria da Agricultura, representado por Marcy Falcão Mendes; o Centro Nacional de Pesquisa de Trigo/Embrapa, por Júlio Lambhy; o Sindicato das Indústrias de Óleos Vegetais do Rio Grande do Sul, representado por Luiz Vianey Tombesi; o Instituto de Pesquisas Agronômicas da Secretaria da Agricultura, por João Manoel Carvalho Pompeu; a Fecotriga, por Fernando Souza; a Associação Nacional de Difusão de Adu-bos, representada por Ronaldo Breno Retzhold; o Instituto Privado de Fomento à Soja, por Cláudio Magalhães e Janina Conil Gomes; o Ipagro, por Mídio Antônio Barni; a Olvebra, por Martinho Clóvis Carmelo de Farias e Javier Nunes Plazola; a Coordenadoria Estadual de Planejamento Agrícola da Secretaria da Agricultura, representado por Ivo Borssato.

O objetivo, além da instalação do Comitê, era o de traçar uma política de introdução da cultura da colza no Rio Grande do Sul, "enfocando desde aspectos econômicos, armazenagem, comercialização e industrialização", relembra Lufs Volney de Mattos Viau e ainda compatibilizar a participação técnica e financeira das entidades envolvidas para o desenvolvimento do programa. Neste mesmo dia foi formado um grupo de Trabalho, com a função de elaborar um documento estabelecendo a estratégia de introdução da cultura no Estado. Esse Grupo foi constituído por Lufs Volney de Mattos Viau, da Cotrijuf, Paulo Ebling Rodrigues, da Emater, do já falecido Carmine Rosito, pela Fecotriga, por Cláudio Magalhães, do Instisoja e por Nídio Antônio Barzi, da Secretaria da Agricultura do Estado.

primeiro à esquerda - visitou a Cotrijuf...
as experiências com colza na região

na no cultivo desta oleaginosa, a nível de condução da lavoura de colheita. "É ainda hoje uma opção de inverno", encerra.

Num destes anos em que a lavoura ocupava uma área significativa, Cotrijuf chegou a receber 500 toneladas de produto. Mas forçada pela queda do mercado, juntou a sua produção com a de outras cooperativas e, via Terminal de Rio Grande, para o Japão, onde foi utilizada, na forma de óleo, na indústria siderúrgica. "Foram ao todo três mil toneladas", lembra ainda Euclides Casagrande.

Mesmo com mercado retraído e consumo restrito à criação de pás-sa, a colza continuou, de qualquer forma, ocupando espaços na região. Os produtores continuavam plantando colza, em pequenas áreas, dentro de esquemas de rotação de cultura. Parte da área tem sido incorporada ao solo e outra parte os produtores deixaram para a produção de grãos", relembra Euclides Casagrande, fazendo-o de lembrar uma história de 20 anos de experiência.

Segredo: plantar na época certa

Plantar na época certa e em áreas onde foi passado o herbicida Scepter. Esses dois grandes segredos para uma boa colza. A constatação é do produtor da Rosa Lima, proprietário de 60 hectares em Vila Diniz, interior de Coronel Bica, tirada em três anos de experiência com a cultura. Assim como o seu Antônio Baggio, Edi partiu para a colza como de inverno há três anos atrás. "Com seis hectares e hoje estou plantando 25", conta o produtor.

A primeira lavoura foi decisiva para Edi. Em seis hectares colheu 110 sacos de colza. "Fiquei satisfeito com o rendimento da lavoura", diz ele. A lavoura passada não apresentou a mesma performance anterior. Por falta de experiência, cometeu um pequeno deslize durante o plantio e pagou caro: semeou a colza numa área onde anteriormente havia passado o herbicida Scepter. A colza nasceu mal, "mas mesmo assim, colhi em seis hectares, cerca de 90 sacos", explica. Neste ano, Edi plantou, neste inverno, 25 hectares. A lavoura não apresentou um bom desenvolvimento porque as chuvas retardaram o plantio, para fins de junho. "Este é o segredo da colza: plantar na época

Edi Lima
Sempre
sobrou
algum
retorno



certa", observa. Cerca de 12 hectares serão gradeados e incorporados ao solo. O resto da lavoura, em melhores condições, pretende deixar para produzir semente. **REPETIR** - Apesar dos altos e baixos na sua investida na colza, Edi ainda não se deu por satisfeito e já está se programando para repetir os mesmos 25 hectares no próximo inverno. "É uma excelente opção para o inverno", diz referindo-se ao baixo custo de implantação e ao retorno econômico que agrega à propriedade, "mesmo que a colheita seja pequena". Com a primeira safra, Edi conseguiu pagar uma plantadeira e ainda guardar um resto de dinheiro. "Foi daí que me entusiasmei".

Mas os benefícios da colza, segundo o produtor, não aparecem apenas no caixa. Ela é citada, tanto pelo Edi como pelos demais produtores como uma planta melhoradora do solo. "O resultado da soja plantada em cima da colza é outro", observa.

Antônio Baggio,
Coronel Bicaço,
e à esquerda o
engenheiro
agronomo
Odilonomar
Becker
Nos planos, o
cultivo de 100
hectares no
próximo inverno



O manejo é importante

A primeira experiência do seu Antônio Baggio, proprietário de 400 hectares em Barro Preto, interior de Coronel Bicaço, com a colza, aconteceu há três anos. Plantou oito hectares e fez uma lavoura desastrosa. Para diminuir os prejuízos, decidiu incorporar a planta ao solo. Tentou repetir a experiência em 1991, em 15 hectares de lavoura, mas um ataque repentino de lagartas levou uma parte da produção. "Colhi pouco mais de 100 sacos de semente", conta ele. Quando identificou o ataque de pragas, já era tarde demais, "nem valia mais a pena gastar com inseticida".

Teimoso e com vontade de conhecer melhor uma cultura que veio para o Rio Grande do Sul no início da década de 70, seu Antônio voltou a repetir a área com colza neste inverno, plantando novamente a variedade CTC 4. "Estou investindo na colza porque é uma cultura interessante, bem melhor de lidar (que o trigo) e com um lugar no mercado", vem apostando o produtor. Ele também tem apontado como fator determinante para a sua decisão, a questão dos custos, "bem menor que no caso do trigo ou do girassol".

Mas o grande projeto do seu Antônio, que na safra anterior não plantou um grão de trigo, é eleger três culturas para ocuparem as suas terras durante o inverno: a colza, o trigo, "que não podemos deixar de plantar", e o girassol. A idéia é chegar a 100 hectares de colza - planos já para o

próximo ano -, 100 de trigo e 100 hectares de girassol. Mas da colza, apesar dos insucessos, seu Antônio não se cansa de falar bem. Garante que, quem tem problemas no solo, só tem a ganhar com o cultivo da colza. "O solo é o grande beneficiado", diz ele depois de ter observado que a soja, quando plantada em cima da colza, produz melhor.

NO PONTO - Uma lição, o seu Antônio já pode tirar nestes três anos de experiências: a colza é uma planta que precisa ser colhida no ponto. Se "dormir no ponto", qualquer ventinho joga toda a semente no chão. Ele também afasta a idéia errada que a maioria dos produtores têm de que a colza é um inço. "A colza é um inço como qualquer outra planta. Tudo é uma questão do produtor saber manejar a terra", garante seu Antônio, tendo como base a sua experiência de três anos.

Para quem ainda duvida das suas palavras, seu Antônio convida para fazer uma visita à sua propriedade. "Estou trabalhando com a planta há três anos e não existe um pé de colza fora da lavoura", diz tentando convencer os mais teimosos. Para quem não conhece colza, ele apresenta a planta como parente da mostarda. "O pessoal fica admirado e acha a lavoura linda. Tem uns que duvidam do meu conhecimento e ainda querem insistir que estou plantando é mostarda", diz.

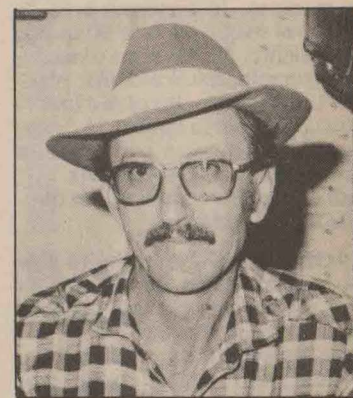
Pensando em voltar

Em Canhada Funda, também interior de Coronel Bicaço, os irmãos Cembranel - Arno, Arnor e Ezequiel - têm ainda hoje, uma boa lembrança dos tempos em que chegaram a plantar 65 dos seus 250 hectares de terra própria com colza. Eles começaram em fins da década de 70, logo que a Cotrijuf trouxe a colza para a região e mantiveram a cultura na propriedade durante cerca de oito anos. "Só paramos com a colza porque o preço não estava ajudando", conta Ezequiel, para quem o último ano foi o mais difícil. Como haviam financiado a lavoura e tiveram, em função do clima, perdas de 80 por cento da área, os prejuízos foram grandes. "Então, conta, decidimos substituir a colza pelo girassol, até porque o rendimento também era maior".

Mas hoje, como o trigo tem área de plantio limitada dentro da propriedade, acrescido ainda de uma política indefinida, os Cembranel estão voltando a pensar na possibilidade de reintroduzir a colza no esquema de culturas de inverno. "Experiência nós já temos, diz Ezequiel, programando começar com uma área de 20 hectares nessa primeira aposta.

PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS - Ezequiel conta que no começo, não foi muito fácil de lidar com a colza, "uma cultura ainda pouco conhecida no país e que ninguém sabia ao certo como conduzi-la". No primeiro ano, a lavoura não passou dos 15 hectares. A área foi toda semeada e depois gradeada, mas não funcionou muito bem. A germinação ficou desparelha. No ano

Ezequiel
Cembranel
Experiência
de oito anos



seguinte, dobraram a área e semearam em carreira, a exemplo da soja, eliminando os inços com capinas. Mas nos dois últimos anos de cultivo da colza, mudaram o sistema, utilizando para o plantio a semeadeira de trigo, em carreiras de 25 centímetros de distância. "Este foi o melhor sistema de plantio que encontramos", relembra Ezequiel, garantindo, por outro lado que, apesar dos problemas iniciais, a colza sempre deixava algum retorno. Também recorda que nos primeiros anos, não havia lagarta na lavoura. Ela só apareceu algum tempo depois, trazendo grandes prejuízos. "Se o produtor se descuidar um pouquinho, principalmente logo após a floração, a lagarta colhe a lavoura antes do tempo", alerta quem ainda guarda uma experiência acumulada em oito anos.

A experiência do seu Waldemar

"A colza é como o carbúnculo. Quando ataca, mata". A afirmação é do produtor Waldemar Michael, de Rincão dos Pampas, interior de Coronel Barros, referindo-se aos riscos que a planta oferece na lavoura. Sensível às variações climáticas, assim como está na lavoura, no minuto seguinte pode estar no chão. "É como um bilhete de loteria. Se faz a planta, mas nunca se sabe ao certo o que se pode colher".

Quem ouve o seu Waldemar tirar estas conclusões sobre a colza até pode ficar um pouco assustado. Mas elas são resultantes de um longo aprendizado, de mais de 15 anos, de onde tirou muitas lições. Seu Waldemar começou a plantar colza cerca de dois anos depois que a Cotrijuf trouxe para a região as primeiras sementes e não parou mais. Teve muito sucesso, mas também amargou alguns prejuízos. Alguns por descuido, outros por desconhecimento. Mas hoje, a convivência com a cultura já leva a ir mais longe em suas experiências. Neste ano, partiu para o plantio direto e acha que encontrou o caminho.

MELHORADORA - Fazendo coro aos demais produtores, seu Waldemar também não tem dúvidas de que a colza é uma excelente opção de cultivo para o inverno, pois sempre deixa algum retorno. Mas o mais importante, na sua opinião, é a sua condição de planta melhoradora do solo, pois quebra o ciclo da monocultura. O rendimento da soja, plantada em cima da colza é sempre superior e, quando antecede ao trigo, retarda o aparecimento de doenças fúngicas na área.

Quando a questão é solos, seu Waldemar prefere a colza em lugar da aveia. Embora reconheça que a aveia, por ser fibrosa, leva mais tempo para se decompor no solo, prefere a colza para incorporar, "uma planta mais em conta", diz se referindo ao baixo custo de implantação de uma lavoura. Para um hectare de planta, são necessários, no caso da colza, apenas três quilos de semente. Já a mesma área de aveia vai exigir de 70 a 90 quilos de semente. No inverno passado, por exemplo, seu Waldemar plantou 120 hectares de colza e incorporou 95. Colheu apenas 25. "Ainda aposto na colza como planta melhoradora do solo", diz ele, sem deixar de reconhecer as qualidades da aveia.

PROBLEMAS - A colheita ainda é o problema da colza. Depois de madura, ela tem que sair da lavoura na hora. Se esperar, pode colocar toda a safra fora. "Ainda não conseguimos nos adaptar à colheita", observa lembrando que na Europa, os produtores passam uma segadeira e fazem uma maturação forçada, "o que aqui no Brasil não é possível de ser feita". O próprio seu Waldemar admite que, no início, teve prejuízos na hora da colheita por descuido e até por falta de informação. Mas apesar de colocar a colheita como um fator limitante, "principalmente para quem não tem uma boa estrutura de maquinário na propriedade", concorda que mesmo assim, a colza sempre deixa uma margem de lucro, "mesmo nos piores anos". Desde que começou a plantar, tem colhido entre 1.500 a 2.000 quilos por hectare, mas

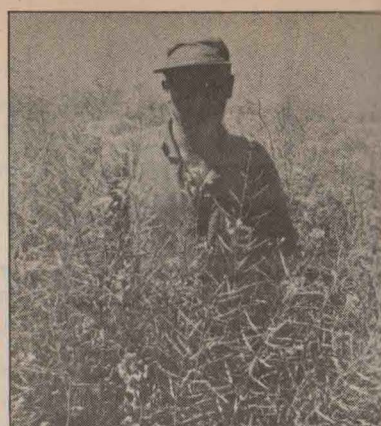
faz um alerta: o produtor precisa aprender a lidar com colza.

"A colza é um inço como qualquer outra planta", diz seu Waldemar, discordando daqueles produtores que deixaram de plantá-la com o argumento de que inça a terra. Garante que tudo é uma questão de saber manejar o solo após a colheita. Também reconhece que a colza não germina parelha quando semeada em

área onde foi passado o Scepter.

Essa perda de identidade da colza na região tem como causas, na opinião de Waldemar Michael, a euforia da soja e do trigo e os insucessos da lavoura. "Esses fatores fizeram com que a colza perdesse espaços", reconhece, mas critica quem está pensando em substituir o trigo pela colza. Defende a permanência do trigo na lavoura até por uma

questão de sobrevivência do próprio agricultor. Diz que dentro de um sistema de rotação numa propriedade, o trigo não pode ficar de fora. "Ilude-se o produtor que pensa em abandonar o trigo para plantar a colza. Quem não consegue produzir trigo de maneira eficiente, com rendimentos elevados, também não vai obter melhores resultados com a colza", avisa.

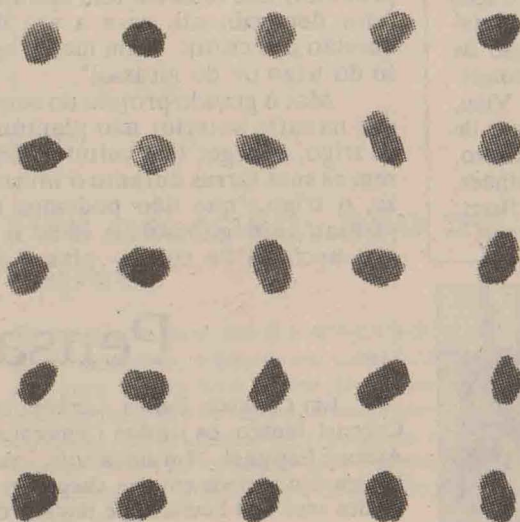


Waldemar Michael,
de Coronel Barros
Experiência com plantio direto



TREVO

GRÃOS PARELHOS, LAVOURA PARELHA.



85% dos grãos se concentram
na faixa entre 1,41 e 4,00 mm.



O que faz o grânulo do NPK Trevo ser único no mercado é a sua uniformidade: 85% dos grãos se concentram na faixa entre 1,41 e 4,00 mm. Esta granulometria mais uniforme que a exigida pelo Ministério da Agricultura faz com que os Adubos Trevo não sofram segregação e escorram perfeitamente na plantadeira, garantindo uma adubação uniforme e uma lavoura mais parelha.



ADUBOS TREVO

Produtores visitam o Irfa

Um grupo formado pelo Conselho de Administração e Fiscal, mais representantes e funcionários da Cotrijuí visitam o Irfa. A mesma viagem incluiu no roteiro visita a CCGL, em Teutônia

"A busca de qualidade é o que garante o nosso espaço no mercado", afirmou o diretor do Instituto Rio-Grandense de Febre Aftosa, Irfa, o médico veterinário Carlos Quintana, durante uma visita realizada pelo Conselho de Administração, Fiscal e representantes da Cotrijuí, no dia quatro de setembro. A viagem que iniciou seu roteiro com uma visita a unidade industrial da Cooperativa Central Gaúcha de Leite, CCGL, em Teutônia, serviu para dar continuidade a um processo de integração do quadro social com as duas entidades.

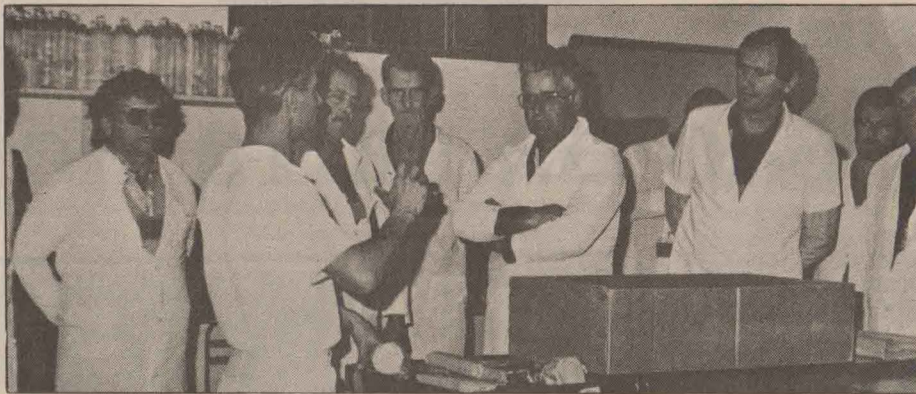
O diretor do Irfa recebeu o grupo de associados da Cooperativa, auxiliado pela equipe técnica do Instituto formada pelo gerente técnico Luis Francisco Cruz Ferreira, pelo responsável pela produção de vacinas, Claudio Silveira, por Flávio Machado Vieira e Adriano Marcelino, do setor de bacteriologia e Marino Stradtioni, do setor de envase.

QUALIDADE - Fundado em 1956 e incorporado à Cotrijuí em 1987, o Irfa se destaca em todo o território nacional e também vem conquistando significativo mercado em países da América Latina como a Bolívia, Peru, Uruguai e Argentina. Esse espaço de mercado se deve a comercialização de vacinas e toda uma

linha de produtos quimioterápicos para uso animal realizada pelo Instituto. Somente na área vacinas são dois milhões de doses produzidas por mês, no que se salientam a anti-aftosa, oleosa, e a Foot-Vac, única na América Latina destinada ao combate da podridão do casco de ovinos e sendo responsável pela participação do Irfa em 10 por cento do mercado nacional.

O Instituto situado em 56 hectares no bairro do Lami, em Porto Alegre, também começou a investir na linha agrícola nos últimos anos, através da criação de um inoculante para a soja, o Nitrofix, desenvolvido em conjunto com o Instituto de Pesquisa Tecnológica de São Paulo, o IPT. "A partir deste ano estaremos comercializando 100 mil doses do insumo, atendendo prioritariamente o quadro social da Cooperativa", informou Quintana, lembrando ao mesmo tempo que a demanda pelo produto é de no mínimo 500 mil doses.

Trabalhando um produto de alta eficiência e produzido em dois tipos - estéril e não estéril - com maior e menor resistência ao transporte de estocagem na propriedade, respectivamente -, o Irfa, segundo seu diretor, entende que a indústria precisa competir em preço mas também em qualidade. Dentro dessa óti-

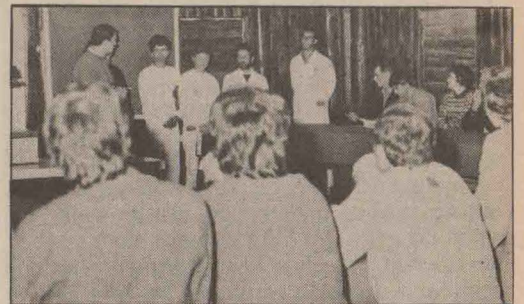


Explicação sobre a produção de vacinas com Tupi Souza, responsável pela sala de meios

ca, a empresa se esforça ao máximo para desenvolver novos mercados, mas sempre tendo como princípio que é preciso fazer isso com competitividade.

A visita ao Irfa proporcionou aos associados a observação de todos os setores do Instituto. O grupo passou pelo biotério-viveiro de cobaias para experiências; pelo setor de fabricação do inoculante para a soja; pelo setor de pro-

O diretor Carlos Quintana e a equipe técnica do Irfa apresentaram os trabalhos de produção e pesquisa desenvolvidos pelo Instituto



dução de vacinas; pelo setor de bacteriologia e também

pela Soprosul, indústria de embalagens plásticas.

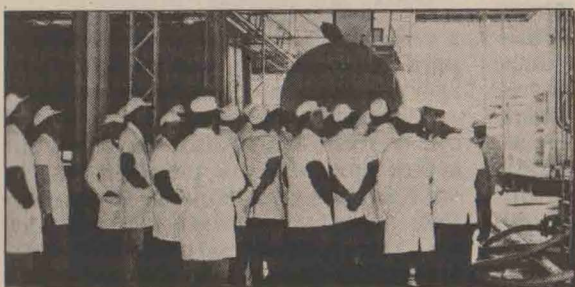
TEUTÔNIA

Maior unidade da CCGL

Em Teutônia, o grupo de associados da Cotrijuí visitou a maior unidade industrial da CCGL, onde foram recebidos pelo gerente industrial Lauro Feldkircher e por Francisco Abraão. Depois de uma breve exposição em vídeo, o grupo tomou conhecimento de todos os setores da empresa, incluindo desde a recepção do leite, setor de pasteurização, resfriamento e envase. Os associados visitaram também o setor de produção de creme, manteiga, sorvetes, leite esterilizado, sucos e ainda a área de secagem e fracionamento do leite em pó, setor de produção de ração animal e armazenagem.

Conforme informou o gerente industrial da CCGL

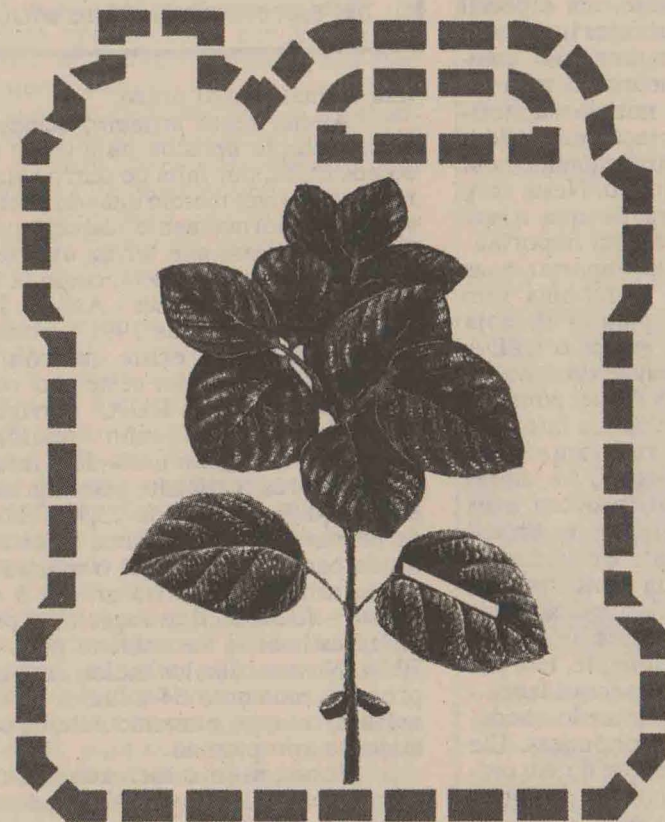
em Teutônia, a empresa trabalha com médias um pouco oscilantes devido a própria característica da produção leiteira. Atualmente, segundo Lauro, a média de produção em leite pasteurizado está em 270 mil litros ao dia, em leite Longa Vida, 200 mil litros/dia. No setor de produtos sólidos, a empresa trabalha hoje com uma média de 12 mil quilos/dia em creme de mesa, 20 mil quilos/dia de manteiga. Também são secados 30 mil quilos/dia de leite em pó desnatado e 10 mil quilos/dia de soro, ainda de 60 a 70 toneladas/mês de terneleite e suileite. Na área de sucos são produzidos 60 mil litros por semana e a partir de outubro dois mil e 500 potes de sorvete por dia.



Visita incluiu pelo setor de recepção do leite

DUAL[®]

ESPAÇO RESERVADO PARA A SOJA.



ATENÇÃO

Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (máscara, luvas, etc.). Consulte um Engenheiro Agrônomo.

ANDEF
VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO

TAMBÉM RECOMENDADO PARA AS CULTURAS DE FEIJÃO, MILHO E CANA DE AÇÚCAR.

CIBA-GEIGY
DIVISÃO AGRÍCOLA

RECOMENDADO
TAMBÉM
PARA O
PLANTIO DIRETO

036 0492

DUAL é Produto Registrado no Ministério da Agricultura e Reforma Agrária sob o nº 000889 - Marca Registrada da Ciba-Geigy - Basileia Suíça.



SOJA

Pressão da safra norte-americana

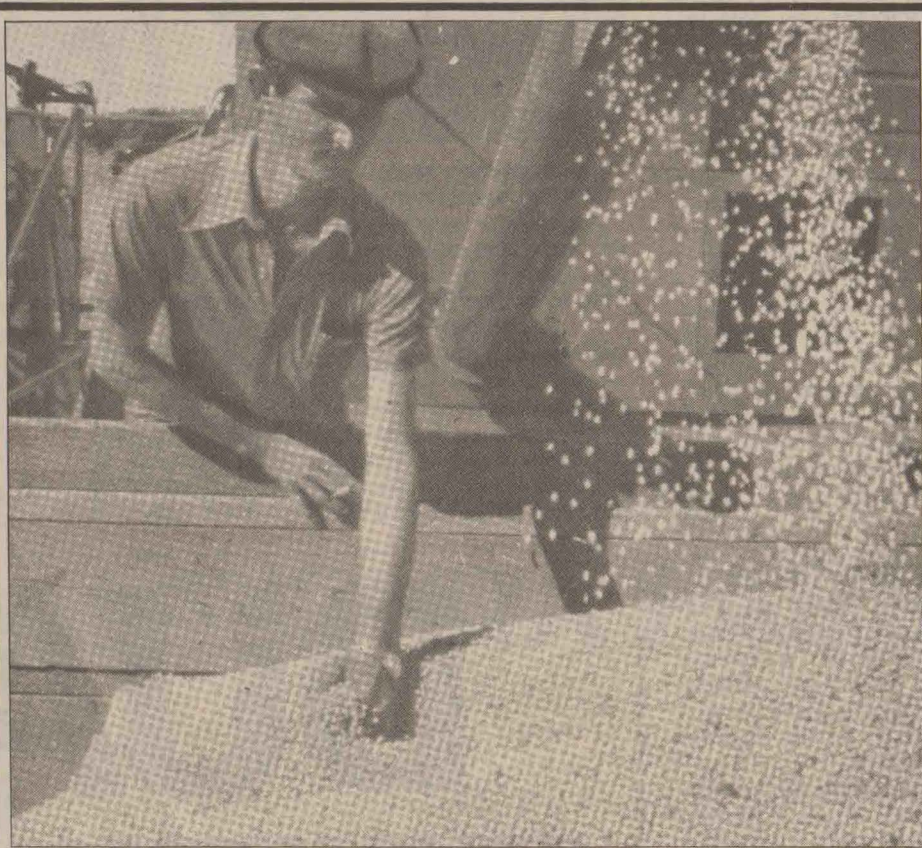
As cotações da soja no mercado internacional voltaram a cair significativamente no final de julho passado. Na verdade, elas jamais estiveram muito elevadas neste ano já que se mantiveram dentro do patamar de US\$ 5,50 e US\$ 6,50/bushel, ou, em outros termos, em torno do ponto de equilíbrio estabelecido pelo mercado que é de US\$ 6,00/bushel. A diferença ocorrida neste ano, em relação ao ano passado, é que durante um rápido lapso de tempo, entre a segunda quinzena de maio e a primeira quinzena de junho, o mercado viu as cotações do grão em Chicago subirem para o nível superior do patamar acima indicado, ou seja, as cotações, em alguns dias, estiveram acima de US\$ 6,00/bushel.

Passado este momento conjuntural de euforia, as coisas voltaram ao normal no fechamento do dia 7 de agosto, Chicago já havia caído para US\$ 5,41/bushel.

Altas em Chicago ficaram por conta de uma especulação sem sustentação

Como havíamos prevenido há mais tempo, após três anos de cotações em baixa, os operadores junto ao mercado de Chicago, em especial os especuladores - batizados igualmente de "fundos de investimentos" -, necessitavam trazer o mercado para cima. Assim, qualquer notícia ou motivo, mesmo sem sustentação na realidade, passa a ser momentaneamente bom para se chegar ao objetivo. Neste ano, passada a expectativa de que a ex-URSS poderia vir a receber importantes créditos e com isto importar boas quantidades de soja e definida sem surpresas a área de plantio de soja nos EUA - em 31 de março o USDA anunciou uma primeira estimativa de área em 23,2 milhões de hectares - o mercado ficou apenas com o fator clima para especular. Isto porque, como veremos mais adiante, há muito tempo a demanda não provoca mais nenhum "boom" de preços em Chicago de forma importante e duradoura.

Ocorre que muita gente que vem atualmente operando no mercado internacional da soja, neste contexto, inclua-se o Brasil igualmente, tem pego os seus desejos - e necessidades - por realidade. Ora, o mercado obedece, no fundo, as leis econômicas. Ele conhece uma estrutura que no seu cerne se modifica ao sabor da evolução econômica mundial a qual responde aos impactos deixados pela relação entre a oferta e a demanda. Neste meio, a especulação tem atuado e, em certos casos, temporariamente ditado a tendência do mercado. Daí, acreditamos nós, a confusão de muitos. Ao olhar apenas conjuntamente a situação, acabam aceitando incondicionalmente o que a especulação dita, muitas vezes sem fundo de realidade, e não o que a estrutura econômica, mais lenta, indica em cima de uma li-



As cotações da soja no mercado internacional voltaram a cair. As altas registradas em Chicago durante curto espaço de tempo, ficaram por conta das especulações sem sustentação

nha de mais longo prazo.

Assim, neste primeiro semestre a especulação apostou num clima seco nos EUA, por falta de outro assunto significativo, mesmo quando as chuvas caíam normalmente naquele país. Estudos indicam que talvez uma seca venha a ocorrer em 1993, como já informamos há oito meses - Análise Especial de dezembro de 1991 -, porém, no momento nada existe que confirme isto. Ao contrário, neste ano, com a área plantada nos EUA, corrigida para cima em 30 de junho - relatório do USDA divulgado nesta data informa que a área realmente plantada com soja naquele país foi de 23,9 milhões de hectares - e com o clima transcorrendo bem como está até o momento - este artigo foi escrito no dia 9 de agosto - ficou fácil avançar uma primeira estimativa de colheita para os EUA. Nossos cálculos indicaram num primeiro momento 54 milhões de toneladas, ou seja, o mesmo volume colhido no ano passado.

Mesmo assim o mercado insistiu na possibilidade de seca forçando as cotações em Chicago a subirem acima dos US\$ 6,00/bushel em alguns momentos entre maio e junho passados, especialmente na primeira quinzena de junho. Tanto isto é verdade que a cotação média de junho ficou em US\$ 6,10/bushel contra US\$ 5,64/bushel para o ano de 1991 e US\$ 5,99/bushel em maio. Embora o aumento não tenha sido extraordinário, o mesmo foi importante. Para o grão, pela primeira vez, desde meados de 1990, as cotações médias ultrapassaram os

Mesmo relativizando um pouco estes entusiasmos, se nada ocorrer com o clima de forma a prejudicar a colheita, parece certo hoje que os EUA irão colher bem acima das 54 milhões de toneladas. Neste contexto, não há como manter as cotações em Chicago elevadas, nem mesmo artificialmente.

Oferta: apenas a China acusa problemas

Com a produção norte-americana prevista nos níveis vistos acima, tudo indica que os EUA estarão mais presentes no mercado internacional como exportadores em 1992/93 confirmando o que se viu já neste ano. De fato, suas exportações de grãos de soja passaram a 20,8 milhões de toneladas contra 18,2 milhões em 1990/91 e em farelo já atingiram 4,3 milhões em 1991/92 contra 3,4 milhões no ano anterior. Desde o início da atual década este vem sendo o objetivo maior dos EUA: recuperar as partes de mercado perdidas para o Brasil e a Argentina. Nem que para que isto seja necessário se faça subsidiar as exportações através do programa EEP e outros.

A tendência inclusive é do ano comercial norte-americano 1992/93 - setembro/agosto - encerrar com um forte estoque, fato que deverá ajudar a fazer pressão baixista sobre os preços no imediato - conforme a tabela nº 1.

TABELA Nº 1: EUA - BALANÇO DA PRODUÇÃO DE GRÃOS DE SOJA - 1989/90 a 1992/93 (em milhões de toneladas)

	1989/90	1990/91	1991/92	1992/93(*)
Estoque inicial	4,95	6,50	8,95	8,43
Colheita	52,35	52,40	54,04	56,00
Importação	0,08	0,11	0,14	0,14
Exportação	17,03	15,26	18,50	19,00
Trituração	31,25	32,20	33,60	34,00
Estoque final	6,50	8,95	8,43	8,97

(*) Estimativa com base no relatório USDA de 9/7/92 e previsões privadas feitas no início de agosto/92.

US\$ 6,00/bushel. Mas, não havendo fatos reais que justificassem tal movimento, o mercado não se sustentou e caiu violentamente a partir da segunda quinzena de junho. A tal ponto que a média de julho em Chicago ficou próxima à verificada no ano passado, isto é, em US\$ 5,66/bushel.

A situação se agrava na medida em que os especuladores passaram rapidamente a uma posição otimista em relação a colheita norte-americana, na esteira do que começa a se evidenciar na realidade. Assim, a expectativa do mercado, no momento em que escrevamos este artigo, era de que a colheita da soja nos EUA venha a atingir entre 55,8 e 56,6 milhões de toneladas - o analista privado norte-americano Sparks chegou a anunciar uma colheita de 59,1 milhões de toneladas. Atenção portanto ao volume de safra a ser divulgado pelo relatório oficial do USDA previsto para o dia 12 de agosto.

Quanto ao Brasil, após a boa colheita de 1992 - em torno de 19 milhões de toneladas -, tudo indica que haverá ainda mais soja no próximo ano. Pelo menos é nisto que os operadores apostam no momento, após sintetizarem as seguintes informações:

- governo brasileiro promete liberar US\$ 5,0 bilhões - na Europa fala-se em US\$ 6,0 bilhões - para a próxima safra de verão;

- produtores, insatisfeitos com os preços internos verificados com o milho e o algodão na última safra, deverão plantar mais soja;

- o mercado começa a adiantar a cifra de 21,5 milhões de toneladas para a próxima safra de soja brasileira - por enquanto, pura especulação.

Enfim, é importante salientar que o Brasil conseguiu exportar razoavelmente para os países asiáticos em detrimento da Europa Ocidental. Este comportamento foi favorecido pela frustração da safra chinesa nes-

te ano, fato que levou a própria China a importar soja no mercado internacional. Os europeus, descontentes com os problemas de qualidade apresentadas pelo nosso produto e com as greves nos portos brasileiros, passaram a valorizar mais o produto argentino e voltaram a comprar farelo norte-americano - este produto retornou ao mercado da CEE após quinze anos de ausência.

A Argentina, por sua vez, após colher uma boa safra de soja - 10,7 milhões de toneladas segundo estimativas -, retardou a sua comercializa-

ção. Além dos pontos de economia interna, entre eles o problema cambial no país, tal estratégia se explica pelo fato de que os argentinos decidiram deixar passar a pressão brasileira - o Brasil vendeu rapidamente a maior parte de sua safra. Isto significa dizer que ainda existe uma boa oferta de soja argentino no mercado mundial fato que auxilia a manter as cotações internacionais em baixa.

Enfim, a China registra uma frustração em sua safra de soja - colheita de 9,8 milhões de toneladas em 1991/92 contra 11 milhões colhidas

regularmente nos últimos anos -, fato que a leva ao mercado internacional como importadora de grãos. Cerca de 500.000 toneladas de grãos sul-americanos serão assim comprados excepcionalmente este ano, pelos chineses, para que estes não percam partes do mercado do farelo conquistadas junto ao Sudeste Asiático. Tudo indica que a situação vai melhorar na China, a partir deste mês de agosto, na medida em que a colheita 1992/93 se inicia tendo como previsão um volume de 11 milhões de toneladas, ou seja, uma volta a normalidade.

Produtos concorrentes na CEE

A colza, uma das principais concorrentes, deverá sofrer uma redução em sua produção mundial em 1,6 milhão de toneladas e europeia em um milhão de toneladas

Além da oferta, a pressão sobre as cotações internacionais da soja vem de outros dois pontos. A demanda, evidentemente, assim como a concorrência das outras matérias-primas utilizadas nas rações animais.

No que tange a concorrência de outros produtos, podemos salientar os mais importantes, utilizados atualmente em profusão nas rações animais europeias em particular. Em primeiro lugar, temos a colza. Esta oleaginosa deverá sofrer uma redução em sua produção mundial - 1,6 milhão de toneladas - e europeia - 1,0 milhão de toneladas - em 1992/93. A produção na CEE deverá ficar portanto em 6,3 milhões de toneladas! Tudo indica portanto que haverá, no interior da CEE, 650.000 toneladas de farelo e colza a menos neste ano comercial que acaba de se iniciar. A produção europeia de farelo de colza será de 3,35 milhões de toneladas, o que significa o seu mais baixo volume nos últimos seis anos. Somando-se as importações previstas, a oferta total em farelo e colza na CEE está sendo estimada em 4,1 milhões de toneladas para 1992/93 contra 4,8 milhões no ano anterior.

Paralelamente haverá uma redução na oferta de óleo de colza, da ordem de 450.000 toneladas, no mercado europeu em 1992/93. A situação se agravará mais ainda pelo fato de que a Polônia, tradicional fornecedor de colza para a CEE, deverá assistir a uma redução na sua disponibilidade de grãos para a exportação da ordem de 200.000 toneladas. Neste sentido, a CEE se orientará em direção da China e da Índia na busca da colza. De fato, nos últimos três anos a China mais do que dobrou as suas exportações de farelo de colza para a CEE, as quais passaram de 296.000 toneladas em 1989/90 para 675.000 toneladas em 1991/92.

Na verdade, este aumento pela demanda em farelo de colza se deve ao fato de que o consumo de grãos inteiros nas rações animais europeias tem crescido significativamente nestes últimos dois anos. Na França, por exemplo, estima-se que tal consumo atingirá 250.000 toneladas em 1991/92.

O girassol, segunda oleaginosa em importância na CEE, deverá registrar, ao contrário da colza, um aumento na sua produção. A mesma deverá alcançar 4,28 milhões de toneladas neste ano contra 4,03 milhões no ano passado. Espera-se uma redução na oferta à exportação de farelo de girassol para o segundo semestre da ordem de 200.000 toneladas em função de um forte movimento triturador ocorrido no primeiro semestre do ano. Um

fato importante a ser considerado atualmente em favor da produção de girassol na CEE encontra-se na situação de qualidade encontrada junto ao farelo importado da Argentina. De fato, o farelo de girassol argentino deverá baixar de qualidade nos contratos de exportação, ficando em 33/34 por cento profat contra os atuais 37/38 por cento que os argentinos não conseguem mais produzir.

Enfim, quanto a soja, a produção europeia é pequena e em franco processo de estagnação e mesmo de recuo. Por enquanto, a mesma se situa em torno de 1,5 milhão de toneladas na Comunidade!

Demanda: estagnada e face ao agravante da crise econômica

Diante do exposto acima e com o agravante da existência atualmente de uma forte crise econômica mundial, a qual não poupa nem mesmo os grandes países industrializados, o consumo em geral, e o da soja em particular, vem estagnando e até mesmo recuando. Nestas condições, apenas um produto altamente competitivo consegue se manter no mercado. Para tanto, qualidade e preço são os pontos centrais.

No caso do farelo de soja por exemplo, os europeus se queixam atualmente de que o produto importado, em especial do Brasil, vem reduzindo a sua qualidade nos últimos dois anos. De um valor protéico a 46 por cento em 1990, o referido produto passou a 45,5 por cento em média, entre outubro/91 e abril/92. Estudos estão sendo feitos para determinar se tal redução provém de uma degradação na qualidade do grão ou se a mesma é causada pelo processamento industrial. Mais um alerta que deixamos aqui aos "misturadores" brasileiros que aos poucos vão colaborando para que nosso produto perca espaço no mercado europeu, um mercado onde a participação do farelo de soja brasileiro é amplamente majoritária.

Este é um dos motivos que explica a redução nas importações de soja por parte da CEE neste ano, apesar do produto, em termos de preço, estar relativamente competitivo graças ao recuo nas cotações internacionais e, mais recentemente, ao forte recuo nas cotações do dólar em relação as moedas europeias.

Por outro lado, esperar que a CEI venha a comprar grandes quantidades é, por enquanto, utopia. Não há dinheiro interno e não há mais crédito externo, especialmente o norte-

americano. Enquanto o mercado espera pelo ano que vem - espera-se que os EUA dêem novos e abundantes créditos em 1993 -, a CEI aumentou um pouco suas importações entre outubro/91 e maio/92. Em farelo as mesmas alcançaram 1,99 milhão de toneladas contra 1,70 milhão no ano anterior, sendo que mais de 92 por cento originárias dos EUA contra 60 por cento no ano passado. Isto significa que os EUA controlam atualmente, graças aos seus créditos, o mercado da ex-URSS. Tal controle foi favorecido neste ano pela ausência da CEE e da Índia com ofertantes quando no ano passado os mesmos venderam respectivamente 270.000 toneladas e 210.000 toneladas para a CEI.

No final de junho, o volume global de farelos importados pela CEI atingia 2,4 milhões de toneladas acusando assim um crescimento de 13 por cento sobre o ano anterior na mesma época. O que explica em boa parte este comportamento é o fato de que a colheita de cereais em 1992 está sendo estimada em alta - 200 milhões de toneladas contra 152 milhões em 91. Isto libera mais dinheiro para a compra de oleaginosas.

Além disso, em função de um aumento menor no preço interno do pão, em relação ao preço da carne e dos ovos, a atividade moageira, para a fabricação de farinha, tem crescido na CEI levando um maior volume de cereais a serem destinados ao consumo humano. Entretanto, para contrabalancear estes aspectos favoráveis ao consumo de proteínas vegetais, cabe destacar que se espera uma nova redução do rebanho animal, fato que tende a levar uma diminuição no consumo de rações.

Assim, salvo um problema climático importante, que venha a reduzir consideravelmente a produção de soja junto aos países produtores, torna-se difícil vislumbrar aumentos importantes junto às cotações da soja em Chicago para o restante deste ano e talvez mesmo para o início do ano que vem. Ao contrário, no curto prazo, sob pressão da safra norte-americana, cuja colheita inicia em setembro,

Assim, salvo um problema climático importante, que venha a reduzir consideravelmente a produção de soja junto aos países produtores, torna-se difícil vislumbrar aumentos importantes junto às cotações da soja em Chicago para o restante deste ano e talvez mesmo para o início do ano que vem. Ao contrário, no curto prazo, sob pressão da safra norte-americana, cuja colheita inicia em setembro, poderemos assistir ainda a novas quedas das cotações internacionais da soja.

COTRIJUI

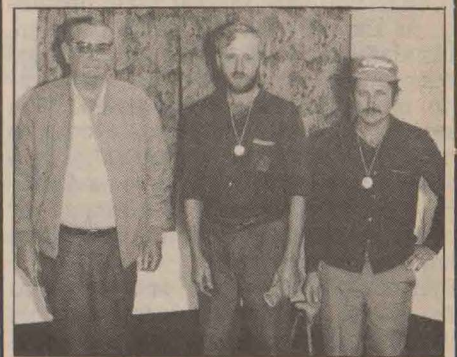
Terminal Graneleiro faz 20 anos

Há 35 anos, um grupo de agricultores da região de Ijuí reuniram-se e formaram a Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda., a Cotrijuí, apostando na força do associativismo e na determinação dos pequenos produtores. A experiência, mais do que correta, resultou numa das maiores cooperativas agrícolas gaúchas, que expandiu-se e hoje congrega cerca de 16.500 produtores espalhados por toda a região Noroeste do Rio Grande do Sul.

Em 1969, diante das dificuldades cada vez mais notórias no escoamento das safras do Estado, a cooperativa, em assembléia geral com a presença dos então 4.000 associados, aprovou o projeto de construção de um terminal graneleiro no porto de Rio Grande. Finalmente, em 16 de outubro de 1972, entrava em funcionamento o Terminal Graneleiro "Luiz Fogliatto" da Cotrijuí, obra pioneira que marcou o início de uma nova era para o agricultor do Estado.

Com seus 200 metros de cais acostável, o terminal possibilita a atracação de navios graneleiros de até 60 mil toneladas a um calado de 40 pés. Apresenta ainda uma cadência de embarque na ordem de 2 mil t/h e uma capacidade estática de 220 mil toneladas, distribuída em oito armazéns horizontais pré-moldados. O terminal pode receber os produtos por vias rodoviária, ferroviária e hidroviária a uma cadência de 500 t/h em cada uma das modalidades operacionais. Moegas de descarga para caminhões e vagões, secadores e instalações administrativas completam o complexo da Cotrijuí localizado na 4ª Seção da Barra de Rio Grande.

Chiapetta premia os melhores no milho



Os ganhadores
O 1º, 2º e 3º lugar no concurso
(da esq. para dir.)

Semente de milho, adubo e calcário para três, dois e um hectare. Esta foi a premiação correspondente ao 1º, 2º e 3º lugares recebida pelos ganhadores do concurso Produtividade do Milho 91/92, promovido pela Prefeitura Municipal de Chiapetta. O primeiro colocado foi o produtor Ezalmir Stopiglia que conseguiu tirar 135,7 sacos de milho por hectare. O segundo lugar ficou com o produtor Sigfrid Wally, que alcançou 132,7 sacos por hectare e o terceiro lugar com o Joel Estopilha com 125 sacos por hectare. A entrega dos prêmios foi realizada no dia 29 de julho último na unidade da Cotrijuí em Chiapetta.

Uma mostra do potencial genético da região

A consolidação do processo de integração lavoura/pecuária poderá ser conferida durante a 8ª Expo-Feira Agropecuária que acontece no Parque Regional de Feiras e Exposições Assis Brasil de Ijuí de 13 a 19 de outubro. Na vitrine, o potencial genético da região, tanto a nível de pecuária de leite como da suinocultura

O avanço da integração agricultura/pecuária nas propriedades rurais da região poderá ser conferido durante a 5ª Expo-Ijuí, a 6ª Fenadi e a 4ª Movest, através da realização de mais uma exposição-feira de gado leiteiro e de gado de corte. A 8ª Expo-Feira Agropecuária acontece de 13 a 19 de outubro, no Parque Regional de Feiras e Exposições Assis Brasil de Ijuí e deverá servir de espaço para a mostra e comercialização de animais da região.

Mostrar o potencial genético da região, e, por consequência, o bom padrão de qualidade dos animais, é uma das propostas da Expo-Feira. João Miguel de Souza, diretor da Divisão Agrotécnica da Cotrijuí e um dos integrantes da Comissão de Agropecuária acrescenta ainda a esta proposta, a intenção de transformar a exposição-feira em instrumento de transferência de informações entre técnicos e produtores da região.

A 8ª Expo-Feira Agropecuária terá também mostra de suínos, equínos, ovinos e pequenos animais. Na área de leite, existe a expectativa em relação a participação de expositores de outras regiões do Estado, como de Santana do Livramento, por exemplo. "Essa procura é uma evidência muito forte do crescimento da pecuária de leite na região", diz João Miguel. A mostra e comercialização de gado leiteiro será ainda complementada pelo concurso de leite, com competição de ordenha de 24 horas.

A suinocultura, uma atividade que tem tradição na região, também está se preparando para marcar forte presença na Expo-Feira. A Granja Modelo, instalada no Parque por ocasião dos festejos de 100 anos de Ijuí, está sendo modernizada e readequada. "Ela será uma mostra de como a criação de suínos deve ser manejada", diz o João Miguel explicando que na Granja, o suinocultor poderá acompanhar todas as fases de criação do animal em uma propriedade.

PREMIAÇÕES - Na seção Gado de Corte, serão premiados animais machos e fêmeas. Na 1ª categoria serão premiados os machos com até 14 meses; na 2ª, os machos de 14 a 18 meses; na 3ª, os machos de 18 a 26 meses e que apresentarem certificados de aptidão reprodutiva e, na 4ª cate-

ria, os machos de 26 a 60 meses, também portadores de certificados de aptidão reprodutiva. A partir da 5ª categoria serão premiadas as fêmeas, classificando-se nesta faixa os animais com até 14 meses de idade; na 6ª categoria, serão premiadas as vaquilonas de 14 a 24 meses; na 7ª, as vacas jovens, de 24 a 36 meses e na 8ª, as vacas adultas de 36 a 96 meses - prenhes positivas ou cria em pé.

Durante a Expo-Feira também serão premiados animais de leite, desde que integrem as classes e categorias de machos PO, classes e categorias de fêmeas PO e na classe e categoria de fêmeas PPC. Também será concedido premiação à fêmea que apresentar melhor conformação de úbere. Esta premiação poderá ser disputada por fêmeas inscritas em qualquer categoria, desde que estejam em lactação. Os animais que receberem os títulos de Grande Campeão e Reservado de Grande Campeão nas raças, Melhor Úbere e Produção Leiteira, também receberão premiações.

De acordo com o programa oficial, a entrada dos animais a galpão e o julgamento de admissão de bovinos de corte, ovinos e equínos acontecerá no dia 13 e a dos bovinos leiteiros e suínos, no dia 14. Dia 15, a partir das 15 horas, acontece o julgamento de classificação de ovinos; às 10 horas, julgamento de classificação de gado de corte e, às 14 horas, julgamento de classificação de equínos. No dia 16, na sexta-feira, às 9 horas, julgamento do gado leiteiro e, às 20 horas, entrega dos prêmios. A comercialização e remates de gado a galpão e gado rústico ocorre no dia 17 e no dia 18, a partir das 10 horas, o desfile dos animais premiados.

OUTROS EVENTOS - A Comissão de Agropecuária programou outros eventos paralelos a Expo-Feira. Um deles é o Encontro Estadual de Técnicos em Aquicultura, que terá como palestrantes José Ubirajara Timm, gerente da Câmara Setorial de Pesca, órgão ligado ao Conselho Nacional de Agricultura, que vem falar sobre Perspectivas da Piscicultura no Brasil e a professora Ema Leboutz, diretora do Curso de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para falar sobre a Piscicultura nos Estados Unidos.

SEMPRE É TEMPO DE G-600



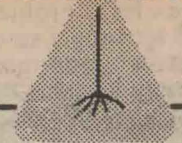
Sai ano, entra ano e ele continua muito produtivo, nas mais variadas situações.

© CIBA GEIGY

Dá a maior produtividade



PESQUISA & DESENVOLVIMENTO



AGRÍCOLA

Coordenação do eng. Agr. M. Sc. Luís Volney de Mattos Vian

AVEIA EXIGE QUALIDADE

Um aspecto importante para a comercialização dos produtos de origem agrícola reside na sua qualidade. O grão de aveia não foge a esta regra, razão pela qual o produtor terá que conduzir suas lavouras dentro de determinado padrão para que seu produto possa ser comercializado. Tratando-se de grãos de aveia, é fundamental que apresentem determinadas características para que possam ser aproveitados, proporcionando maior eficiência na sua industrialização.

A qualidade da aveia é importante no processo de moagem do referido grão. A dimensão do grão deve ter um comprimento entre 8 - 9 milímetros e largura de 2,5 a 3 milímetros. O rendimento industrial ou a quantidade de grão pelado é determinado pela quantidade de casca que apresenta e também pela umidade do grão. O rendimento do moinho é reduzido quando o produto apresenta impurezas ou grãos chochos.

Analisando a aveia comercializada pela Cotrijuí, nota-se que em alguns aspectos não tem atendido às necessidades da indústria. Na tabela A, pode-se observar algumas análises realizadas pela indústria, onde as amostras de números 1, 2, 3 e 4 correspondem ao produto produzido pela Cotrijuí e, a amostra 5, se refere a produto comercializado pelo Paraná.

Alguns aspectos do grão produzido pelos produtores associados da Cotrijuí precisam ser melhorados, pois encontram-se fora do padrão requerido pela indústria. Em síntese, o padrão de lavoura/indústria deverá obedecer às normas expostas no quadro B.

Por outro lado, o rendimento industrial das aveias desenvolvidas pelo melhoramento genético tem evidenciado valores considerados bons quando comparados pelo obtido em países tradicionalmente produtores de aveia. As cultivares utilizadas pela Cotrijuí têm registrado os valores para rendimento industrial mostrados no quadro C.

Uma análise do comportamento dessas aveias na presente safra revela que estes materiais estão apresentando alto ataque de ferrugem da folha. Essas variedades deverão dar lugar a novas cultivares que estão sendo desenvolvidas pela equipe de melhoramento de Comissão Sulbrasileira de Pesquisa de Aveia. Das linhagens relacionadas no quadro D, no mínimo dão origem a 3 novas variedades, pois encontram-se em fase final de avaliação. São linhagens que apresentam bom rendimento industrial.

Portanto, é importante que seja observado o padrão da lavoura para a obtenção da resposta do potencial genético do caráter rendimento industrial.

TABELA A

PRODUTO	LIMITE PERMITIDO	1	2	3	4	5
Aveia branca	90% (mínimo)	90	93	92	89	99
Aveia fina	2% (máximo)	0,1	0,2	2	0,4	0,1
Aveia preta	2% (máximo)	0,9	0,5	1,2	3,1	0
Aveia descascada	5% (máximo)	7	6	5	7	0,2
Impurezas	2% (máximo)	0,5	0,1	0	0,4	0,1
Grãos manchados	15% (máximo)	14	14	28	12	0,2
Cereais	48 grãos (máximo)	48	12	20	14	0
Invasoras	10 grãos (máximo)	23	10	105	30	1
Outros grãos	8 grãos (máximo)	0	0	3	0	0
Peso do hectolitro	52 (mínimo)	54	57	48	55	57
Umidade	13% (máximo)	12	13	12	13	12

TABELA B

FATORES	UMIDADE	TOLERÂNCIA
Aveia branca	Panícula	95% (Pureza mínima)
Aveia preta	Panícula	1/50 m2
Aveia fina	Panícula	1/50 m2
Cereais	Planta	1/1.000 m2
Plantas invasoras	Planta	1/500 m2

TABELA C

CULTIVAR	RENDIMENTO INDUSTRIAL
UPF-7	62
UPF-13	79
UPF-14	69
CTC-1	74
UFRGS-7	64
UFRGS-10	76

TABELAS C e D

Obs: Análise realizada pela Universidade de Passo Fundo

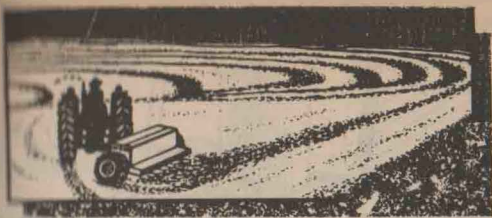
TABELA D

LINHAGENS	RENDIMENTO INDUSTRIAL (%)
UPF 850380	76
UPF 850296	74
UFRGS 884077	69
UFRGS 881969	74
UFRGS 71547	72
UFRGS 5898101	71
CTC 84 B 1412-2	69
CTC 87 B 210-1	71
CTC 87 B 178-5 b	77
CTC 87 B 214-1	78

DUAL

ESPAÇO RESERVADO PARA A SOJA

DUAL ® Produto registrado no Ministério da Agricultura e Reforma Agrária sob o nº 000889 - Marca Registrada da Ciba-Geigy, Basileia, Suíça.



SOLOS

Coordenação do eng. agr. Rivaldo Dhein/CTC e do Clube Amigos da Terra de Ijuí

A importância da análise física

A análise vai determinar não apenas os níveis de fertilidade do solo, mas também as suas características físicas e biológicas

Alberto Rossetto

Nesta época do ano, os agricultores retiram amostras de solo de suas lavouras, a fim de verificarem os níveis de nutrientes e a acidez do solo, visando obterem uma boa lavoura de verão.

Em alguns casos, ao se interpretar a análise, verifica-se que quimicamente o solo está bem, ou seja, apresenta boa fertilidade. Porém, o produtor informa que nesta área, sua lavoura não tem produzido o esperado.

O que poderia estar acontecendo neste caso?

Eliminadas as possibilidades de erro de amostragem, resta a possibilidade quase que certa, que as partes física ou biológica do solo estejam deterioradas. Neste caso, embora a fertilidade sendo alta, a lavoura terá seu potencial de produção afetado, devido ao solo não apresentar condições adequadas para seu desenvolvimento.

Desta forma, é importante se conhecer não somente a fertilidade do solo, mas também suas características físicas e biológicas. Em relação a física do solo, como limitante à produção, devemos considerar os seguintes fatores: formação de camada compactada, adensamento, porosidade, textura, estrutura, estabilidade de agregados.

Formação de camada compactada: Ocorre normalmente devido ao intenso tráfego de máquinas agrícolas, e a utilização de implementos sempre na mesma profundidade. Pode ser detectada na lavoura, cavando-se um buraco de 30 cm de profundidade, e com auxílio de uma faca, verificar se existe, qual a espessura e a que profundidade está a camada compactada. Regular o subsolador na profundidade obtida e rompê-la. É importante destacar que a escarificação ou "pateação" não garantem a descompactação do solo, por não trabalharem na profundidade em que a mesma ocorre.

Adensamento do solo: Ocorre pelos mesmos motivos que provocam a compactação e também pela desestruturação do solo. Em outras palavras, seria o aumento da densidade do solo ou peso do mesmo em determinada unidade de volume. Está relacionado com o tipo de preparo do solo, conforme pode-se verificar na figura 01. Analisando-se somente a profundidades de 0 - 15 cm, temos que um

metro cúbico de solo de mato pesa 1.200 Kg, enquanto que o mesmo volume de solo no preparo convencional pesa 1.350 Kg. Já no plantio direto, o peso é de 1.210 Kg, assemelhando-se com o solo de mato.

Porosidade do solo: É o volume que o solo possui de macro e microporos. O ideal é que a soma destes dois ocupem 50 por cento do volume do solo, sendo cada um em torno de 25 por cento.

Em um solo degradado, esta relação é alterada, notando-se um decréscimo na porosidade e especialmente nos macroporos, responsáveis pela rápida drenagem da água da chuva e aeração do solo. Já os microporos são responsáveis pelo armazenamento de água.

A porosidade está diretamente relacionada com o adensamento, e também com a infiltração da água da chuva. Disto pode-se concluir que um solo degradado nestas características, apresenta maior suscetibilidade para erosão e contribui para a diminuição da produtividade.

Estrutura do solo e estabilidade dos agregados: Refere-se quanto a forma e disposição dos agregados. É uma característica importante, pois dela também dependem as demais. Assim, um solo que possui uma boa estabilidade de seus agregados, manterá uma boa porosidade e pouco adensamento. Quanto maior for o tamanho dos agregados, melhores serão as características físicas e menores serão as possibilidades de degradação. A estabilidade de agregados está relacionada com o preparo do solo, como pode ser visto na figura nº 02.

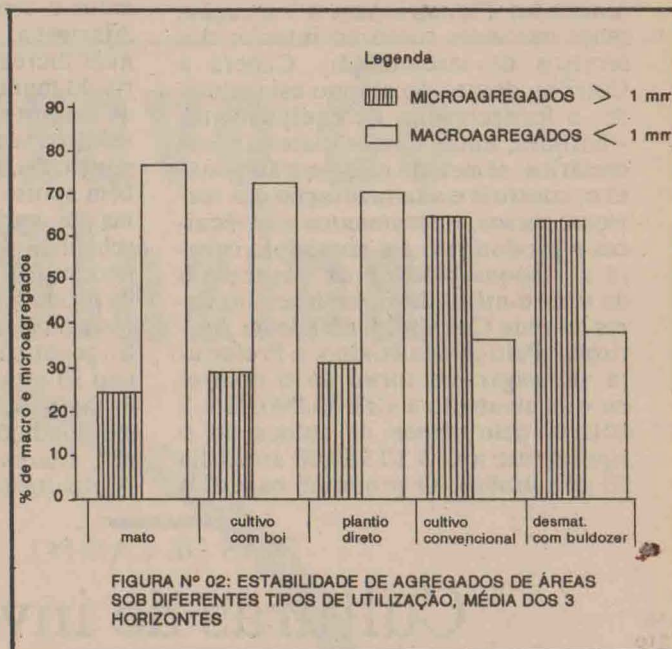
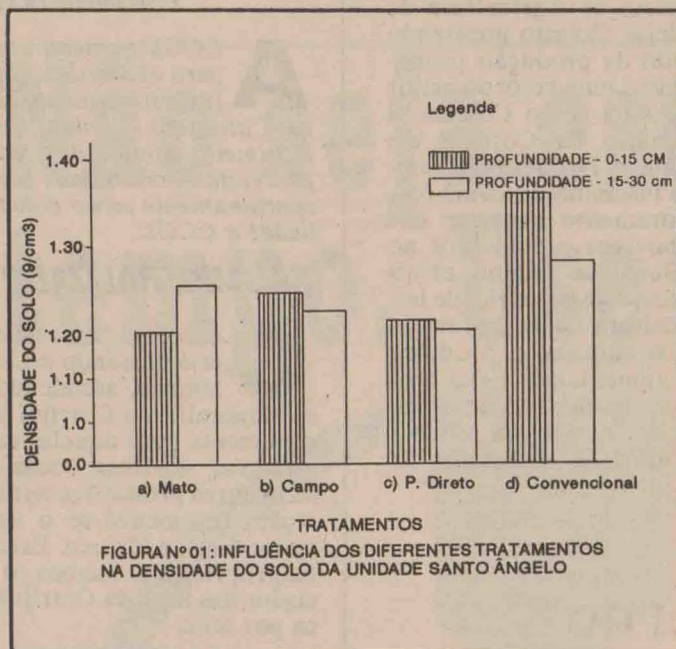
Assim, se considerarmos como macroagregados aqueles superiores a 1 mm e portanto mais estáveis, e microagregados aqueles inferiores a 1 mm, para um solo de mato temos 77 por cento de macro-

agregados, enquanto no preparo convencional este número cai para 35 por cento de macroagregados. O plantio direto praticamente se iguala ao solo de mato, com 70 por cen-

to de macroagregados.

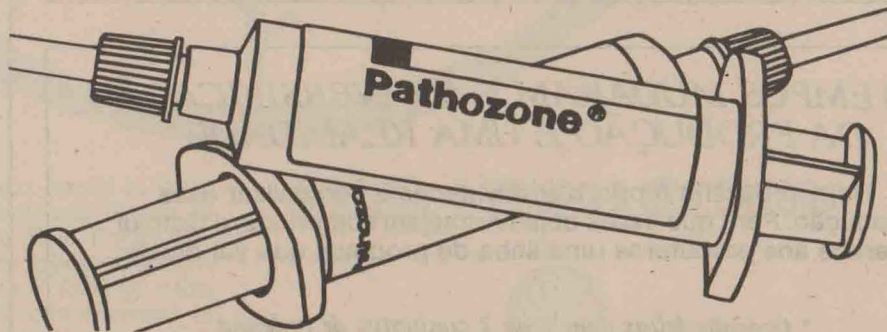
Concluindo, além da análise de solo, procure também conhecer as suas características físicas, tão importantes quanto a fertilidade.

Alberto Rossetto é engenheiro agrônomo do departamento técnico da Cotrijuí de Augusto Pestana.



Lembrou Pathozone® Esqueceu da Mastite

- Dose única
- Menor período de retirada



© Pfizer Inc. © Copyright Laboratórios Pfizer Ltda. Todos os direitos reservados PAT 01/92



Laboratórios Pfizer Ltda.
Divisão Agropecuária
Rod. Pres. Dutra, km 225 - CEP 07034/902
Cx. P. 143 - CEP 07111/970 - Guarulhos - SP
Tel. (011) 208.8022 - 208.8244
Telex 11-65131 Fax (011) 940.4678

pfizer

INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

Aprimoramento genético

Cotrijuí e Prefeitura Municipal de Ajuricaba assinam convênio para prestação de serviços de inseminação artificial em bovinos e suínos

A Prefeitura Municipal de Ajuricaba assinou convênio com a Cotrijuí para a prestação de serviços de inseminação artificial em bovinos de leite e suínos. O projeto de lei foi aprovado pela Câmara de Vereadores e o convênio assinado pelo prefeito Deniz Espedito Serafini e pelo diretor presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva. A assinatura do convênio vai possibilitar a continuação do serviço de inseminação artificial no município.

A Cotrijuí continuará mantendo o convênio com a Associação de Inseminador Pioneira para a execução, tanto nas sedes como no interior dos serviços de inseminação. Caberá a Cotrijuí, dentro do acordo estabelecido, o fornecimento de equipamentos - botijões, entre outros materiais necessários, sêmen de alto padrão genético, controle e administração dos serviços, cursos, treinamentos aos técnicos e produtores. Ao município caberá a responsabilidade de pagamento do sêmen utilizado pelos inseminadores da rede Cotrijuí, Unidade de Ajuricaba. Pelo sêmen bovino, a Prefeitura vai pagar em torno de 6 dólares ou o equivalente a Cr\$ 33.000,00 e 2 dólares pelo sêmen de suínos ou o equivalente a Cr\$ 10.980,00 até o dia 20 de outubro. O produtor pagará o

deslocamento do inseminador até a sua propriedade e o serviço da mão-de-obra. Mas para ter direito a este subsídio que vem sendo pago desde o início de agosto pela Prefeitura Municipal, os criadores de bovinos ou suínos terão que ser, necessariamente associados da Cotrijuí na Unidade ou então estar previamente cadastrados na Secretaria Municipal de Agricultura.

APRIMORAMENTO GENÉTICO - "Esse convênio vai possibilitar que pequenos e médios produtores tenham acesso a inseminação artificial", comemora o secretário de Agricultura de Ajuricaba, Edelar Colatto apostando num incremento da produção primária do município e num retorno maior de impostos. Assim como Colatto, o médico veterinário da Cotrijuí em Ajuricaba, Cláudio Ivo Setovski também aposta na inseminação como forma de aprimoramento genético dos rebanhos de bovinos e de suínos no município. "Buscando novos níveis de produtividade, seja na atividade leite ou na suinocultura via melhoramento genético dos animais, o produtor não só estará aumentando a sua renda familiar, como também tendo maiores condições de investir na atividade", observa ainda o secretário de Agricultura.

DIAS DE CAMPO

Culturas de inverno em avaliação

A Cotrijuí, através da sua diretoria Agrotécnica, estará realizando, em outubro e novembro próximos, vários dias de campo em propriedades demonstrativas de inverno. Nestas áreas os produtores poderão observar o desempenho de novos materiais genéticos - trigo, aveia, centeio, triticale, entre outros -, o uso de tecnologia e ainda aspectos relacionados com os benefícios da rotação de culturas, destaca o engenheiro agrônomo da Cotrijuí Francisco Tenório Falcão Pereira, da Área de Produção de Sementes.

Relação dos dias de campos em propriedades demonstrativas com Culturas de Inverno - Área de Ação da Cotrijuí

DATA	PROPRIEDADE	LOCALIDADE	MUNICÍPIO	HORÁRIO
Em outubro				
Dia 13	Guerrido Moresco	São Jacó	Stº Augusto	14:00 horas
Dia 20	Elio Simionato	São João	Cel. Bicaco	14:00 horas
Dia 21	Celso B. Sperotto	Tiradentes	Stº Augusto	9:00 horas
Dia 21	Adolino Weiller	Santa Lúcia	São Martinho	14:00 horas
Dia 21	João Bruisma	Sede Velha	A. Pestana	14:00 horas
Dia 22	Waldomiro Schiavo	Vila Stº Antônio	Ijuí	14:00 horas
Dia 28	Milton Sochinski	Vila Mauá	Ijuí	14:00 horas
Dia 29	Hermes Coró	São João	Mirim Jóiá	14:00 horas
Em novembro				
Dia 5	Jorge Eickoff	Coronel Lima	Jóiá	14:00 horas

OS TEMPOS MUDARAM E A DIVERSIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO É UMA REALIDADE

Hoje, o desafio é priorizar atividades e verticalizar essa produção. Para que esses objetivos sejam cumpridos, a Cotrijuí oferece aos produtores uma linha de produtos que vai desde:

- * Ordenhadeiras com 1 ou 2 conjuntos de ordenha
- * Resfriadores de leite de 300 e 500 litros
- * Produtos veterinários



LOJAS COTRIJUI

COLUNA DO LEITE

Coordenação: Médico veterinário Otalíz de Vargas Montardo, com a colaboração do Engenheiro Agrônomo Jair Mello e de Rosenei Jaime Agostini, da Área de Leite da Cotrijuí

LEITE EXTRA COTA - PREÇO DO LEITE

Conforme anunciamos na edição anterior, a partir de primeiro de outubro estará sendo aplicado o leite extra-cota. Até o momento em que escrevemos esta coluna ainda não foram definidos os percentuais de aplicação e nem preço do leite extra-cota. Assim que houver uma definição, repassaremos a informação através dos programas de rádio. O preço do leite cota, a partir de 1.10.92, é de Cr\$ 1.300,00.

PAGAMENTO DE LEITE POR QUALIDADE

CCGL nomeou uma comissão de técnicos das cooperativas filiadas para elaborar um plano de pagamento por qualidade. Essa comissão está constituída por técnicos das seguintes cooperativas: Cotrijuí, Cotrimaio, Coolan, Cotripal, Comtul, Coopermil, Cotrirosa e Cotribá. A primeira reunião da comissão aconteceu no dia 6.10.92 na sede da Cotrijuí. Nesta oportunidade foram definidas algumas linhas gerais do plano que oportunamente serão colocadas à consideração das demais cooperativas filiadas a CCGL.

SAL MINERALIZADO E CONCENTRADO MINERAL COTRIJUI

Conforme já havíamos informado em edições anteriores, a Cotrijuí está entrando no mercado de suplementos minerais para o rebanho leiteiro, atendendo a uma antiga reivindicação dos produtores. O sal mineralizado Cotrijuí já vem pronto para o uso e é recomendado principalmente para aquelas categorias animais de menor exigência, tais como terneiras, novilhas, vacas secas e vacas de baixa produção. Para as vacas de maiores produções leiteira - acima de 10 litros - e que estiverem em gestação, recomenda-se o uso do Concentrado Mineral Cotrijuí, que tem maior teor de fósforo. Este concentrado deve ser misturado com sal comum na propriedade. Ambos os produtos já estão à disposição dos nossos associados nas lojas da Cotrijuí, bem como podem ser adquiridos através da troca por leite.

EXPO-FEIRA AGROPECUÁRIA

No momento em que esta edição do Cotrijornal estiver circulando, já está em pleno andamento a 8ª Expo-feira Agropecuária. Teremos 88 bovinos leiteiros em exposição, dos quais 50 serão comercializados em remate no dia 17/10, a partir das 9 horas. A propósito, é bom lembrar aos criadores de bovinos leiteiros para prepararem seus animais para a 2ª Mostra da Terneira e da Novilha Leiteiras da Cotrijuí que acontecerá em julho do próximo ano.

SEGUNDA INSEMINAÇÃO - CORREÇÃO

As vacas passíveis de segunda inseminação são aquelas que retornam ao cio em até 24 dias após a realização da primeira inseminação e não "em até 24 horas" como foi publicado por engano na coluna do leite na edição anterior.

COMPORTAMENTO DA PRODUÇÃO LEITEIRA NO MÊS DE AGOSTO-92

Unidades	Produção	% Prod. total	Nº Prod.	Litros prod. dia
Ijuí	1.550.574	29,54	1.258	39,8
Stº Augusto	565.081	10,76	446	40,9
T. Portela	539.991	10,29	906	19,2
Jóiá	270.659	5,16	240	36,4
Cel. Bicaco	120.900	2,30	140	27,8
Chiapetta	189.289	3,61	152	40,2
Ajuricaba	1.006.376	19,18	738	44,0
A. Pestana	1.005.037	19,16	799	40,6
Total	5.247.907	100,00	4.679	36,2

APOIO PENTABIÓTICO VETERINÁRIO

Uma segurança a mais para sua criação

Cultivares de verão disponíveis para a próxima safra

Renovar o material genético disponível na propriedade - sementes - é importantíssimo para o sucesso de qualquer lavoura, seja ela de soja, feijão, arroz, milho ou até de forrageiras. A troca de variedades ou a aquisição de sementes fiscalizadas é uma atitude que pode levar o produtor a reduzir os custos de produção, uma vez que tem uma garantia de qualidade. A orientação é do engenheiro agrônomo da Cotrijui, Francisco Tenório Falcão Pereira. Para as forrageiras de verão, ele recomenda o escalonamento de plantio, "obtido desta forma, um maior período de pastejo" - de setembro a maio - explica lembrando que o milheto, por exemplo, pode ser plantado até o mês de fevereiro, minimizando o período crítico de oferta de pastagens que normalmente ocorre nos meses de abril e maio.

Para a próxima safra de verão, a Cotrijui está colocando à disposição de seus associados, em todas as suas Unidades, sementes de soja, milho, arroz, feijão e forrageiras, das seguintes variedades, segundo mostram os quadros abaixo.

FORRAGEIRAS

- * Milheto
- * Sudão
- * Teossinto
- * Sorgo Forrageiro
- * Crotalaria
- * Mucuna
- * Feijão Porco
- * Pensacola
- * Braquiária
- * Tobiatá
- * Guandu

MILHO

Materiais

- * Agrocere
- AG-64; AG-28; AG-303;
- * Braskalb
- XL-510; XL-520; XL-560;
- XL-599; XL-678
- * Cargill
- C-501; C-511; C-525; C-555;
- C-606; C-701; C-801; C-805;
- C-955
- * Dinamilho
- Dina-170; Dina-771
- * Germinal
- G-85; G-600; G-5555
- * Pioneer
- 3069; 3072; 3230
- * CEP
- 304
- * BR
- 451 (Branco)

CULTIVARES DE SOJA DISPONÍVEIS NA COTRIJUI E ALGUMAS DE SUAS CARACTERÍSTICAS

CULTIVAR	CICLO	COR		TAMANHO	DOENÇAS				NEMATÓIDES		
		Pubescência	Flor		CH	PPH	MOR	MC	CB	MJ	MI
IAS-5	Precoce	Cinza	Branca	Médio	MH	S	S	S	R	S	-
Iguaçu	Precoce	Cinza	Branca	Médio	S	HS	R	R	S	-	-
IAS-4	Médio	Cinza	Branca	Grande	MS	AS	S	R	R	S	-
Bragg	Médio	Marrom	Branca	Grande	S	S	S	S	S	MR	MR
BR-4	Médio	Cinza	Púrpura	Grande	R	S	S	R	R	S	MR
BR-6	Médio	Marrom	Branca	Médio	S	AS	R	S	S	R	-
BR-16	Médio	Cinza	Branca	Médio	R	R	R	R	-	S	R
CEP-12	Médio	Cinza	Púrpura	Médio	S	MS	S	S	S	S	S
RS-7	Médio	Cinza	Púrpura	Grande	MS	R	R	R	S	S	MR
CEP-20	Semi-Tardio	Marrom	Branca	Médio	R	S	R	S	S	S	R
Cobb	Semi-Tardio	Cinza	Branca	Médio	MS	AS	S+R	S	S	S	S
RS-9	Semi-Tardio	Cinza	Branca	Médio	-	S	-	-	-	-	-
FT-Abyara	Semi-Tardio	Marrom	Púrpura	Médio	R	R	R	R	S	S	R
BR-32	Semi-Tardio	Cinza	Branca	Médio	-	S	R	-	S	-	R

OBS.: Reações R = Resistente; AS = Altamente Suscetível; S = Suscetível; MR = Moderadamente Resistente; MS = Moderadamente Suscetível.
 CH - Câncer da haste - campo;
 PPH - Podridão Parda da haste;
 MOR - Mancha olho-de-rã;
 MC - Mosaico Comum;
 CB - Crestamento bacteriano
 MJ - Meloidogyne Javanica
 MI - Meloidogyne incognita

ARROZ

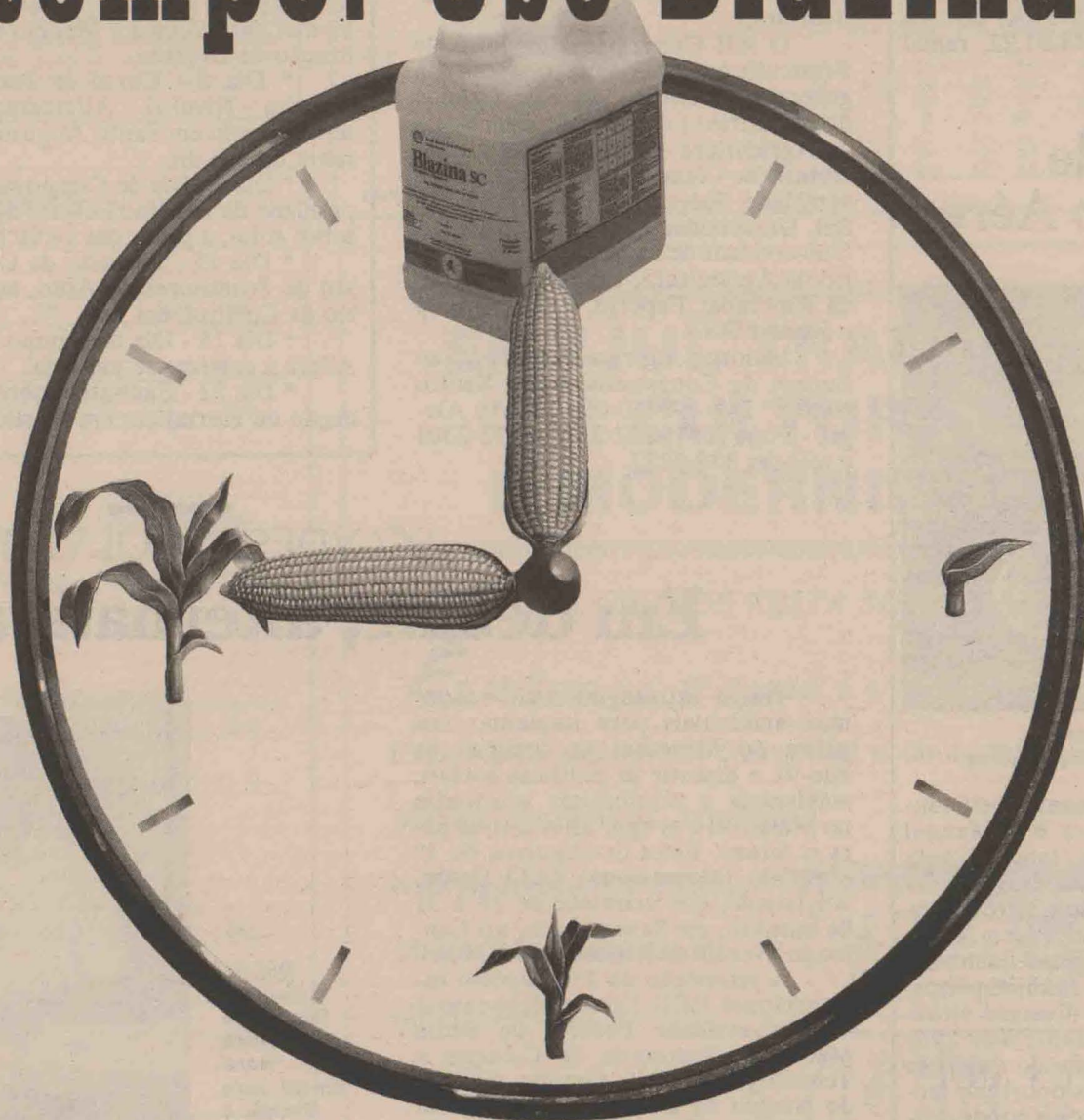
Sequeiro
Cultivar Guarany
Irrigado
Cultivar Irga - 410

FEIJÃO

Cultivares

- * Macanudo
- * Minuano
- * Maravilha
- * Rio Tibagi
- * FT - 120
- * Empase - 201
- * Barriga Verde

Não seja escravo do tempo. Use Blazina.



Agora você tem mais tempo para limpar as ervas daninhas da face da sua terra. Basta usar Blazina no milharal. Blazina é o herbicida da Shell. É pré e pós-emergente. Se não der tempo para aplicar no plantio, não se desespere: você tem até a 4ª folha do milho para fazer isso. Blazina controla com eficiência as ervas de folha larga e estreita, inclusive a braquiária. Seu efeito residual é longo para o milho fechar no limpo. Com Blazina você pode ser dono de um belo milharal. Mas nunca escravo do tempo.

BLAZINA. O TEMPO A SEU FAVOR.



PLANTANDO CONFIANÇA



Siga sempre as instruções do Engenheiro Agrônomo. Ele o orientará sobre a aplicação correta, as indicações de uso, os cuidados com a saúde humana, dos animais e com o meio ambiente. Lembre-se também de sempre utilizar roupa protetora, luva, chapéu, bota, máscara, etc., quando estiver manuseando o produto.

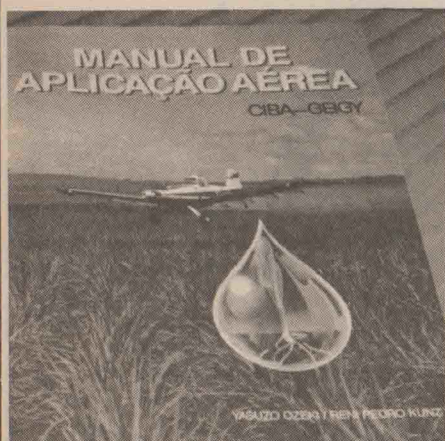
NOVIDADES

Infecções Urinárias em Fêmeas Suínas

O Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves - CNPSA/Embrapa, localizado em Concórdia, Santa Catarina, está lançando publicação sobre **Infecções Urinárias na Fêmea Suína**. A publicação traz informações relativas a definição, ocorrência, etiologia, epidemiologia, sintomatologia, lesões, diagnóstico e controle de infecções urinárias em suínos, procurando dar ênfase às cistites inespecíficas e às cistites causadas por *Corynebacterium suis*. Embora não venham sendo estudadas com a mesma intensidade como são em seres humanos, até pelas dificuldades de diagnósticos, as infecções urinárias em suínos estão sendo apontadas por alguns pesquisadores como causas de falhas reprodutivas nos suínos, influenciando, consequentemente, na produtividade do rebanho.

Os interessados em adquirir a publicação **Infecções Urinárias na Fêmea Suína** podem solicitá-la ao Setor de Difusão e Transferência de Tecnologia do CNPSA, através do telefone (0499) 44.01.22, ramal 278.

Manual de Aplicação Aérea



Ciba-Geigy lança...
... Manual de Aplicação Aérea

Mais um novo manual está sendo lançado. Desta vez é o Manual de Aplicação Aérea, lançado pela Divisão Agro da Ciba-Geigy e de autoria dos engenheiros agrônomos Yasuzo Ozeki e Reni Pedro Kunz. Formado por 48 páginas ilustradas por fotos e tabelas, o Manual procura mostrar as mais diversas situações que ocorrem durante uma aplicação a campo, abordando questões como o momento mais oportuno tecnicamente até a aspectos topográficos do terreno. É um manual de Aplicação Aérea que pode ser consultado por todos aqueles que lidam com as chamadas grandes culturas, como a soja, milho, arroz, citros, algodão, cana-de-açúcar e pastagens. Também traz um alerta para os riscos envolvendo o meio ambiente, com diversas informações de como proceder para evitá-los. Interessados na aquisição do Manual de Aplicação Aérea deverão escrever para a Ciba-Geigy Química S/A, Divisão Agro/Comunicação, sito a Av. Santo Amaro, 5.137 - São Paulo -, CEP 04706-900.

Reuniões... Cursos... Dias de Campo... Reuniões...

Congresso de fruticultura em Porto Alegre em janeiro

A Sociedade Brasileira de Fruticultura vai promover em Porto Alegre, no período de 17 a 23 de janeiro do próximo ano o XII Congresso Brasileiro de Fruticultura, em dependências do Campus Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O evento deverá reunir em torno de 1.500 participantes, segundo previsão dos organizadores, constituindo-se de sócios da Sociedade Brasileira de Fruticultura além de fruticultores, viveiristas, empresários, industriais do setor, engenheiros agrônomos, pesquisadores, professores, extensionistas e estudantes em geral. Mas além destas categorias, alertam os organizadores que qualquer pessoa, mediante inscrição, poderá participar do congresso.

Paralelamente, será promovida exposição de frutas da época e seus subprodutos, além de máquinas, equipamentos e insumos utilizados na fruticultura.

O XII Congresso Brasileiro de Fruticultura conta com o apoio do governo do Estado do Rio Grande do Sul, através da Cientec, Secretaria da Agricultura e Abastecimento, Secretaria de Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Pelotas, Universidade de Santa Maria, Ministério da Agricultura, CNPFT, CNPQV, da Embrapa; Fapergs, CNPq, Finep e Emater/RS.

Maiores informações junto ao Bureau de Congressos, à rua Santos Neto nº 247 - 90460-090 - Porto Alegre - Fone (051) 332-2277 e 332-2361 e tele-fax 332-2277.

AGENDA

OUTUBRO

Centro de Treinamento da Cotrijuí

- * De 5 a 9 - Curso de Cooperativismo e Diversificação Agrícola.
- * Dia 22 - Encontro de Olericultura - Cultivo de Hortalças em Plasticultura.
- * De 21 a 23 - Curso sobre Produção de Peixes.
- * De 25 a 30 - Curso de Cooperativismo e Diversificação Agrícola.

Eventos Regionais

- * Dia 6 - Dia de Campo na propriedade de Lucídio Seibert, de Ijuí, sobre Cebola. A partir das 14:00 horas.

- * Dia 8 - Dia de Campo na propriedade de Cláudio de Jesus, de Ijuí, sobre Alho e Cebola. Horário: às 14:00 horas.

- * Dia 8 - Curso de Suinocultura - 7ª Fase. Afucotri de Ijuí, durante todo o dia. Palestras: Manejo Ambiental para Suínos e Manejo e Utilização de Dejetos.

- * Dia 8 - Curso de Pecuária Leiteira - Nível II - Alimentação, a ser realizada em Santo Augusto, durante todo o dia.

- * Dia 9 - Dia de Campo na propriedade de Adelino Fabrín, de Ijuí, sobre Alho, a partir das 14:00 horas.

- * Dia 15 - Reunião da Comissão de Produtores de Alho, auditório da Cotrijuí, em Ijuí.

- * Dia 15 - Dia de Campo sobre Alfafa a realizar-se em Jóia.

- * Dia 22 - Encontro sobre Produção de Hortalças em Plasticultura

ra no CTC, às 14:00 horas.

- * Dia 28 - Reunião da Comissão de Produtores de Suínos, na Afucotri de Ijuí, às 14:00 horas.

Eventos nas Unidades

- Coronel Bicaco -

- * Dia 7 - Reunião Grupal sobre Construções e Instalações em Suinocultura, em Dois Irmãos, às 14:00 horas.

- * Dias 15 e 16 - Curso sobre Piscicultura - manejo, alimentação, doenças e construção de açudes -, na Afucotri, a partir das 9:00 horas.

- Ajuricaba -

- * Dia 8 - Dia de Campo na propriedade Demonstrativa de Leite do associado Arnaldo Renke, a partir das 14:00 horas.

- * Dia 30 - Programação na Área de Hortigranjeiros - Colheita e Armazenamento, às 14:00 horas.

- Tenente Portela -

- * Dia 9 - Dia de Campo sobre Plasticultura, às 14:00 horas.

- * Dia 15 - Dia de Campo sobre Alimentação da Terneira na localidade de Nossa Senhora da Saúde, às 14:00 horas.

- Jóia -

- * Dias 15 e 16 - Curso sobre Cultivo e Utilização de Alfafa na Produção de Leite.

- * Dia de Campo sobre Inseminação Artificial em Suínos, às 14:00 horas.

ECO/DESENVOLVIMENTO

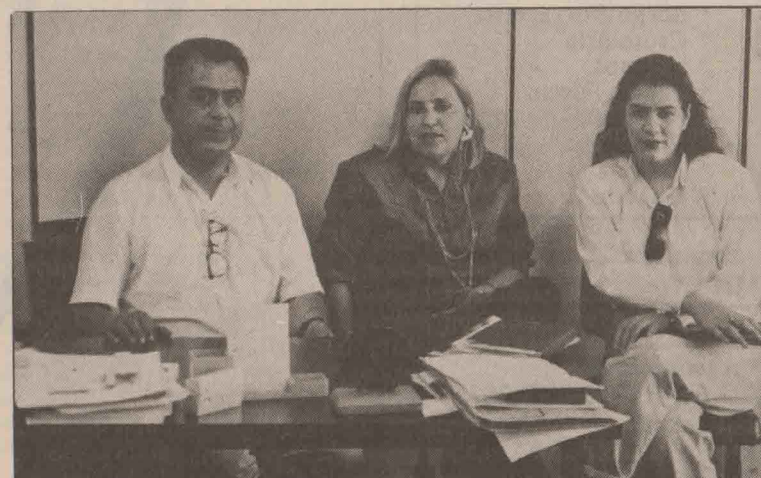
Em debate, alternativas de futuro

Traçar estratégias sócio-econômico-ambientais para implantar nos países do Mercosul as decisões da Rio-92 e discutir as políticas sociais, ambientais e econômicas praticadas no Mercosul e propor alternativas para o futuro. Estes os objetivos do 1º Simpósio Internacional ECO Desenvolvimento, que acontece de 28 a 31 de outubro, em Santa Maria, no Centro de Eventos do Itaimbé Palace Hotel.

A promoção do 1º Simpósio Internacional ECO Desenvolvimento é da Universidade Federal de Santa Maria, da Secretaria de Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Sul; do Núcleo de Estudos sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento; da 8ª Delegacia de Educação; da Associação de Integração Regional Universitária; do Conselho Regional de Desenvolvimento Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa.

A idéia dos organizadores do 1º Sieco não é o de apenas fazer um diagnóstico dos problemas atuais ou questionar o modelo de desenvolvimento. "Não queremos apenas fazer a defesa do verde pelo verde", explicou o professor Noli Brum de Lima, presidente da Comissão Organizadora do evento, apontando para a necessidade de se criar espaços que permitam avançar na direção de uma socie-

Noli de Lima, Lili Trindade e Mônica Pons
Em Ijuí, para divulgar o evento



dade sustentável, capaz de determinar uma melhor qualidade de vida, sem fugir de questões ambientais e econômicas.

O professor Noli Brum de Lima, a jornalista Lili Trindade e a relações públicas Mônica Elisa Dias Pons, estiveram em Ijuí, em fins de setembro, divulgando o evento. Além da Unijuí, onde mantiveram reunião com a Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão, a comitiva ainda visitou a Cotrijuí, onde foi recebida pelo diretor Agro-técnico João Miguei de Souza, a Câmara de Vereadores, Prefeitura Muni-

cipal e os jornais Cidade e Jornal da Manhã.

Os interessados em participar do 1º Sieco, poderão fazer suas inscrições de comunicados técnico-científicos na Universidade Federal de Santa Maria, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, no Campus Universitário, Santa Maria - CEP: 97.119-900. Ou ainda pelos telefones (055) 226-1616, ramais 2213 - 2214 e 2595 ou (055) 226-1955. As inscrições também poderão ser feitas via fax (055) 229-1975.

ECONOMIA RURAL



Ordenação: Luis Juliani
Economia Rural
Divisão Agrotécnica - Cotrijui

ÍNDICES ECONÔMICOS

ÍNDICES %	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.
IPC-IBGE	25,92	24,48	21,62	20,84	22,70	20,85	22,08	22,38		
IPM-FGV	23,63	27,86	21,39	19,84	20,43	23,61	21,84	24,63		
IPV-FGV	26,84	24,79	20,70	18,54	22,45	21,42	21,69	25,54		
IPR	25,48	25,61	24,27	21,08	19,81	21,05	23,69	23,22		
IR Cr\$	597,06	749,91	945,64	1.153,96	1.382,79	1.705,05	2.104,28	2.531,89	3.135,62	
POUPANÇA	26,11	29,95	23,63	21,68	20,40	21,63	24,31	23,84		
DÓLAR Cr\$										
Mínimo/mês	1.319,45	1.630,85	1.988,10	2.396,10	2.849,10	3.446,65	4.204,60	5.130,50		
Médo mensal	1.197,37	1.478,65	1.814,21	2.196,77	2.628,65	3.149,76	3.829,19	4.459,72		

Fonte: Suma Econômica e Cotrijui
Banco Comercial

PREÇOS MÍNIMOS - SAFRA 1991/1992 - EM Cr\$

PREÇOS MÍNIMOS - SAFRA 1991/1992 - EM Cr\$

Produto	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.
Irrigado	9.823,00	12.326,00	15.240,50	19.240,50	23.296,00	27.911,00	33.786,50	41.790,00	51.493,50
Sequeiro	6.624,40	8.187,00	10.284,00	12.780,00	15.473,40	18.538,80	22.441,80	27.757,80	32.491,90
	7.975,20	10.007,40	12.570,00	15.621,00	18.913,80	22.660,20	27.430,00	33.928,20	41.806,20
	27.205,80	34.138,20	42.880,80	53.288,40	64.521,60	77.303,40	93.576,00	115.744,20	142.660,00
	7.393,80	9.277,80	14.067,60	17.481,60	21.166,80	25.360,20	30.698,40	37.971,00	46.787,40
				15.733,20	19.050,00	19.050,00	27.628,20	34.173,00	

Fonte: Conab

EVOLUÇÃO DOS PREÇOS AGRÍCOLAS

— SOJA US\$/Saca

	Jan	Fev	Mar	Abr	Maio	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Mediana	10,76	10,42	10,68	10,84	11,04	10,82	10,59	11,11	11,24	11,37	10,03	11,11
1992	10,11	9,50	9,24	8,72	9,12	10,10	9,79	10,19	—	—	—	—

Preço e dólar médio do mês

— MILHO US\$/Saca

	Jan	Fev	Mar	Abr	Maio	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Mediana	6,68	6,36	6,32	6,27	6,40	6,70	6,26	6,26	6,51	6,72	6,97	6,75
1992	5,62	4,72	4,23	—	5,43	5,43	5,84	5,95	—	—	—	—

Preço e dólar médio do mês

— TRIGO US\$/Saca

	Jan	Fev	Mar	Abr	Maio	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Mediana	10,80	10,01	—	12,45	12,42	12,17	12,27	11,18	11,83	11,70	11,51	11,31
1992	—	—	7,97	7,88	8,04	8,07	9,55	8,14	—	—	—	—

Preço e dólar médio do mês

— SUÍNOS US\$/KG

	Jan	Fev	Mar	Abr	Maio	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Mediana	0,71	0,74	0,79	0,74	0,77	0,83	0,75	0,73	0,71	0,72	0,67	0,70
1992	0,54	0,58	0,53	0,52	0,51	0,56	0,55	0,57	—	—	—	—

Preço e dólar médio do mês

— BOVINOS US\$/KG

	Jan	Fev	Mar	Abr	Maio	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Mediana	0,67	0,62	0,62	0,60	0,60	0,65	0,69	0,75	0,76	0,76	0,68	0,74
1992	0,57	0,51	0,46	0,47	0,60	0,56	0,79	0,79	—	—	—	—

Preço e dólar médio do mês

— LEITE US\$/LITRO

	Jan	Fev	Mar	Abr	Maio	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Mediana	0,23	0,22	0,22	0,24	0,27	0,22	0,21	0,22	0,20	0,21	0,19	0,19
1992	0,18	0,18	0,19	0,18	0,21	0,20	0,18	0,17	—	—	—	—

Preço e dólar médio do mês

Fonte: DIVISÃO AGROTÉCNICA/COMERCIALIZAÇÃO

Setembro/92

QUANTO VALE O SEU PRODUTO

Produto	Base de Comparação	Média dos últimos 10 anos	Jan.	Fev.	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Ago
Feijão	Quanto sacos são necessários para adquirir:									
	* 1 tonelada de calcário	0,4	0,8	0,8	—	1,0	0,8	0,9	1,0	1,00
	* 1 ton de Super Fosfato Simples	4,3	7,9	7,5	—	10,1	9,2	9,5	9,9	9,2
	* 1 t de adubo	—	—	14,6	11,6	11,7	11,1	11,0	11,5	11,7
Milho	Quanto sacos são necessários para adquirir:									
	* 1 automotriz	7.137,0	—	—	—	—	10.018	9.626	10.974	10.913
	* 1 trator médio	3.455,5	—	—	—	—	6.527	6.052	6.238	6.592
	* 1 ton de uréia	46,3	42,2	43,7	62,9	—	42,8	40,4	42,5	42,2
	* 1 ton Super Fosfato Triplo	25,7	20,3	19,3	38,7	—	42,9	40,9	42,6	42,9
	* 1 ton de calcário	2,9	2,1	2,9	3,1	—	2,6	2,9	2,9	3,0
	* 1 saca de soja	1,7	1,8	2,0	2,2	—	1,7	1,9	1,8	1,7
	* 1 ton de adubo	32,1	43,3	52,2	46,0	—	34,6	33,3	34,2	34,5
	* 100 litros de óleo diesel	4,0	3,9	5,4	6,1	—	4,9	5,1	8,4	6,5
	Quanto sacos são necessários para adquirir:									
	* 1 automotriz	4.261,3	—	—	—	6.186,0	5.962	5.173	6.203	5.286
Soja	* 1 trator médio	2.182,6	—	—	—	3.708,0	3.885	3.252	3.526	3.193
	* 1 ton Super Fosfato Triplo	—	26,9	29,4	29,0	30,9	25,5	22,0	24,0	21,2
	* 50-Kg de semente	1,14	—	—	—	1,2	1,2	1,2	1,3	1,4
	* 100 litros de óleo diesel	2,4	2,6	2,7	2,8	2,9	2,9	2,7	4,7	4,1
	* 1 ton de adubo	19,5	22,0	23,7	19,7	21,4	20,4	17,2	18,6	16,4
	Quanto sacos são necessários para adquirir:									
Trigo	* 1 automotriz	4.911,7	—	—	—	6.864,0	7.323	7.037	7.952	7.977
	* 1 trator médio	2.199,6	—	—	—	4.115,0	4.772	4.424	4.559	4.819
	* 1 ton de uréia	21,0	46,5	44,3	37,3	32,9	31,3	30,0	30,8	30,9
	* 1 ton de calcário	1,6	2,1	2,4	1,8	1,9	1,9	2,1	2,1	2,2
	* 100 litros de óleo diesel	2,3	3,8	3,7	3,1	3,2	3,4	3,7	6,6	4,7
	* 1 ton de adubo	20,5	43,1	48,3	27,3	24,0	25,3	23,8	20,2	25,2
Leite	Quanto litros são necessários para adquirir:									
	* 1 saca de milho	29,6	31,2	26,2	22,3	—	26,5	32,9	29,7	35,0
	* 1 saca de soja	49,6	58,2	52,8	48,6	48,9	44,4	61,3	52,4	59,9
	* 1 Kg de bovino	3,1	3,2	2,8	2,4	2,6	2,9	3,4	4,3	—
	* Quantos litros são adquiridos									
	c/Salário Mínimo	309,8	410,4	296,4	123,1	101,1	198,3	166,7	144,0	140,0
	* 1 ton de uréia	1.372	1.566	1.544	2.092	—	1.304	1.351	1.307	1.457
	* 1 t de Super Fosfato Triplo	—	1.504	1.314	1.306	1.485	1.108	1.348	1.309	1.482
	* 100 litros de óleo diesel	119,0	146,0	142,0	136,0	141,0	126,0	168	259	227
	Quanto se adquire c/1 Kg de suíno									
Suíno	* Kg de milho	6,9	6,0	7,3	7,6	—	5,6	6,2	6,1	6,3
	* Kg de soja	4,8	3,2	3,6	3,5	3,5	3,4	3,3	3,4	3,6
	* Litros de leite	3,8	3,0	3,2	2,8	2,8	2,4	3,4	3,0	3,4
	* Kg de bovinos	1,0	0,9	1,1	1,2	1,1	0,9	1,0	0,7	—
	* Kg de concentrados	2,7	1,7	1,9	1,7	1,7	1,9	1,6	1,9	1,8
	* Kg de ração de crescimento	3,8	2,1	3,5	3,4	2,2	3,3	2,9	3,4	3,1
	* Kg de ração terminação	4,0	2,8	3,8	3,8	3,7	3,6	3,2	3,7	3,5

Fonte: Divisão Agrotécnica — Economia Rural

EM IJUÍ, TRABALHO, CULTURA E MODERNIDADE.

UMA GRANDE FESTA SE ANUNCIA...

É a 5ª Expo-Ijuí, 6ª Fenadi e 4ª Movest.

Exposição industrial, comercial e de agropecuária, shows folclóricos, comida e

bebida típicas das etnias,

confeções, shows da

MPB nacional e muito

mais.

Só falta você nesta

grande festa. Participe!



REALIZAÇÃO:

ACI

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE IJUÍ



APOIO:

BANCO DO BRASIL

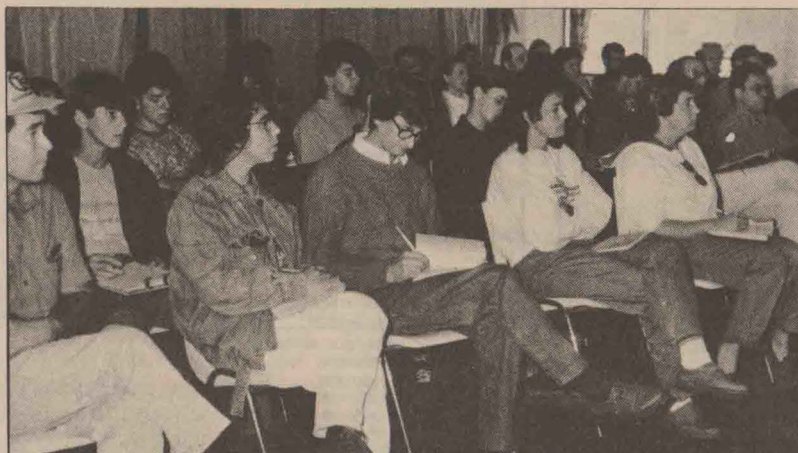
SUINOCULTURA

Prevenir é o melhor remédio

O produtor não pode substituir a boa assistência técnica na produção por generalidade, ou seja, em suinocultura, a ocorrência de doenças deve ser vista mais pela adoção de técnicas de manejo e de condições ambientais do que pela administração de medicamentos caros. Esse, em síntese, o recado deixado pelos palestrantes da 6ª etapa do curso de atualização em suinocultura realizado no dia 16 de setembro na Afucotri de Ijuí. O encontro iniciou com a palestra sobre problemas do sistema reprodutivo, pela médica veterinária da Cotrijuí, Ivone Suffert, seguida pelos pesquisadores do Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves da Embrapa de Concórdia, Nelson Mores, que abordou os problemas do sistema digestivo e de Itamar Piffer, que falou sobre os problemas do sistema respiratório.

LEITEGADAS MAIORES - Leitegadas maiores em um menor espaço de tempo é o fator que determina a rentabilidade da suinocultura e por isso é importante que o produtor conheça as medidas de controle capazes de evitar as possíveis falhas reprodutivas, destacou a veterinária da Cotrijuí. Ivone lembrou que problemas como amestramento; ausência de demonstração de cio; retorno ao cio pós-cobrição; falsa gestação, mumificações ou aborto, entre outros, estão em grande parte ligados aos aspectos genéticos, nutricionais, ambientais, tóxicos e infecciosos da criação.

"É muito difícil controlar essas enfermidades ou defeitos de reprodução pela progênie dos animais - origem genética -, avaliou a veterinária,



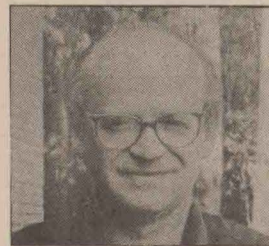
Curso na Afucotri
Discussão
sobre as
principais
doenças

dizendo no entanto, que o acompanhamento do desempenho reprodutivo das porcas e dos cachos na propriedade, proporciona o descarte rápido dos animais transmissores de defeitos como aprumos deficientes e pequeno número de leitões nascidos.

A nutrição balanceada, por sua vez, é um aspecto fundamental para evitar muitas das enfermidades reprodutivas. Quantidades corretas de ração e níveis recomendáveis de micronutrientes, nas diferentes fases do ciclo reprodutivo das porcas são importantes para apressar o retorno ao cio e aumentar o número de óvulos liberados, citou Ivone. Lembrou ainda que especialmente no sistema de confinamento total das criações maiores devem ser tomadas medidas especiais, como o uso de cochos individuais para um acompanhamento nutricional diferenciado para cada porca.

Ivone disse ainda que é impres-

cindível para essas criações o controle de temperatura, ventilação e da umidade nas instalações, "pois destes fatores dependem as boas condições ambientais da produção". Como exemplo da necessidade de os suínos contarem com um ambiente limpo e confortável, a veterinária citou os germes comensais como fungos, que proliferam em ambientes de pouca higiene e sem desinfecção e que podem trazer problemas com infecções uterinas e urinárias. Um exemplo completo da influência de todos os fatores de riscos citados anteriormente para a ocorrência dos problemas reprodutivos é o Amestramento pós-desmame, que somente pode ser evitado com nutrição adequada durante a lactação; flushing - maior quantidade de ração após o desmame - especialmente para porcas muito emagrecidas durante a lactação; exposição do cachaço às porcas; e alojamento, com ventilação e temperaturas adequadas.



Itamar Piffer
Falta de
controle afeta
melhoramento
genético

Os prejuízos da superpopulação

O manejo sanitário em instalações adequadas foram também apontados pelo pesquisador do CNPSA - Concórdia, Itamar Piffer, como medidas preventivas para segurar a expansão das doenças respiratórias. Essas doenças, das quais se salientam a rinite atrofica, a pleuropneumonia e a pneumonia enzoótica, estão associadas a criação intensiva dos suínos e provocam grandes prejuízos na produção, uma vez que influem nos dois principais fatores de desenvolvimento do animal: a conversão alimentar e o ganho de peso médio diário.

"Já se constatou em pesquisas realizadas em Santa Catarina que de 49 animais terminados, um é perdido por ano, em função da rinite atrofica", exemplificou Piffer, antes de apresentar alternativas que possam minimizar os efeitos dessa e das demais doenças respiratórias. Uma delas, sem dúvida, é a utilização do sistema tudo dentro tudo fora na criação, que obriga o produtor a fazer um vazio sanitário e a manter a independência dos animais em cada uma das fases de crescimento.

Essa alternativa que já demons-

trou ser bastante eficiente é aprimorada agora por nova tendência em nível mundial: a produção de suínos em três sítios, ou seja, quando o rebanho de reprodutores fica numa propriedade, a creche em outra e a recria e terminação em uma terceira.

A disposição das instalações com maior distância possível é prioritário para quebrar o ciclo das doenças, afirmou Piffer porque, segundo ele, os fatores de riscos nesse tipo de enfermidade, são basicamente provocados pela superlotação. Em outras palavras, a manifestação das doenças respiratórias não é mais do que a revolta dos animais com as instalações e ao mesmo tempo pela coibição do produtor de colocar 150 ou 200 matrizes numa granja projetada para 100 animais. "Aí não se faz o vazio sanitário e os fatores de riscos como a falta de manejo dos dejetos e o prejuízo na qualidade do ar entram em ação, desencadeando as doenças".

ERRADICAÇÃO - Não podendo escapar do ataque das doenças, resta ao produtor procurar erradicar as enfermidades através de sistemas como o desmame precoce medicado ou o siste-

ma Zimmermann, mais utilizado nas pequenas criações. O primeiro método consiste no seguinte: detectada a doença no rebanho reprodutor, os leitões são separados precocemente - desmame aos 7 ou dez dias - para serem criados numa outra granja livre de doenças. Já o segundo sistema se dá com a eliminação de todos os animais jovens, mantendo somente as fêmeas com 14 dias.

Finalizando a sua explanação, o pesquisador da Embrapa reafirmou que o controle das doenças respiratórias é fundamental numa criação comercial. Isso porque é ali, na área do produtor ou mesmo nos rebanhos de multiplicação que receberam animais imunizados das granjas núcleos, que os agentes patogênicos das doenças podem entrar em ação quando encontram as condições de ambiente favoráveis. Com uma grande incidência, alertou o pesquisador, as doenças respiratórias não só abalam o desenvolvimento dos animais afetados como comprometem os programas de melhoramento genético, já que dificultam a avaliação de desempenho dos animais melhorados.



Nelson Mores
Especialista em
patologia do
CNPSA-Concórdia

SAÚDE NA MATERNIDADE - Depois de garantir uma boa leitegada, o produtor precisa ficar atento à saúde dos leitões, levando em consideração sempre os cuidados de manejo e meio ambiente. O alerta foi feito pelo pesquisador Nelson Mores, que abordou os principais tipos de diarreia - colibacilose, rotavirise e a coccidiose - os seus prejuízos e as medidas para evitar a sua ocorrência.

Segundo o pesquisador, as perdas por diarreias podem ficar em níveis aceitáveis de 10 por cento de mortalidade dos leitões, podem atrasar o desenvolvimento da criação, mas também podem provocar uma mortalidade severa ao redor de 80 por cento dos leitões. O ideal, afirmou Mores, é que o produtor evitasse totalmente a diarreia. Porém, como isso é muito difícil, já que os agentes - micróbios - estão presentes em todas as propriedades e os fatores de riscos - aqueles que provocam a ocorrência da doença - estão intimamente ligados ao manejo, a nutrição e ao ambiente, o produtor tem que pelo menos, procurar manter uma taxa de mortalidade na maternidade a mais baixa possível.

Para conseguir uma menor taxa de mortalidade, algo em volta de seis por cento, por exemplo, o produtor não pode descuidar de 16 fatores de riscos, entre os quais, Mores cita com destaque as oscilações de temperatura, muito comuns na região sul, e que se tornam um fator estressante, favorecendo a ocorrência da diarreia. Além disso é preciso considerar a faixa de conforto térmico exigida pelo suíno, onde se sabe que, para os leitões recém-nascidos fica entre os 28 e os 32 graus, sendo necessário por isso, o uso de escamoteador no inverno.

A higiene nas instalações também é um fator destacado pelo pesquisador. Sem vazios sanitários, disse Mores, as grandes criações certamente vão sofrer uma contaminação ambiental crescente ao ponto de favorecer a ocorrência de problemas patológicos. Essas mesmas instalações têm que ser estruturadas conforme planejamento técnico, a fim de assegurar ventilação e um bom manejo dos dejetos.

Por fim, o pesquisador apontou os cuidados nutricionais, chamando atenção para a diarreia do desmame. Além da idade do desmame que pode vir a se configurar em fator de risco - o animal muda de local e se separa da mãe - o leitão passa a receber uma alimentação sólida. O mais indicado, recomendou o pesquisador, é fazer o desmame dos 28 aos 35 dias, e daí em diante fornecer uma dieta especial à base de derivados de leite com soro ou leite em pó. Mas, além desta dieta, os cuidados ambientais na creche devem ser igualmente mantidos, evitando principalmente, a superlotação das baias e fornecendo água potável aos leitões.

Cotrisol

SUPLEMENTO INFANTIL — ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU
FRANCISCO DE ASSIS — FIDENE/UNIJUÍ

Elaboração:
Rosane Nunes Becker
Montagem:
Z Comunicação

O que ocorrer com a terra recairá sobre os filhos da Terra...
"... somos parte da terra e ela faz parte de nós. O homem
não tramou o tecido da vida. Ele é simplesmente um
de seus fios. Tudo o que fizer ao tecido fará a si mesmo"...

Trecho da carta do chefe indígena Seattle.

Conheça um pouco do Sol

O Sol é uma estrela. Ao contrário da Terra e da Lua, que não tem luz própria, as estrelas emitem luz. O centro do Sol mantém sempre uma alta temperatura; é como se ali acontecessem sucessivas explosões que são a causa de seu brilho e sua fonte de energia. Ele é feito na sua maior parte de uma substância gasosa que se parece com o ar que respiramos. O gás que forma o Sol chama-se hidrogênio. É o mesmo gás com que se enchem os balões coloridos dos parques de diversões, aqueles que sobem para o céu quando o soltamos.

Lá no Sol a temperatura é muito alta. Imagine umas 150 vezes o dia mais quente do verão. Mais ou menos 6.000 graus.

O centro do Sol é o lugar onde se concentra a maior temperatura - 30 milhões de graus.

Aqui na Terra somente as bombas atômicas, por um instante muito pequeno, atinge uma temperatura próxima ao do centro do Sol.

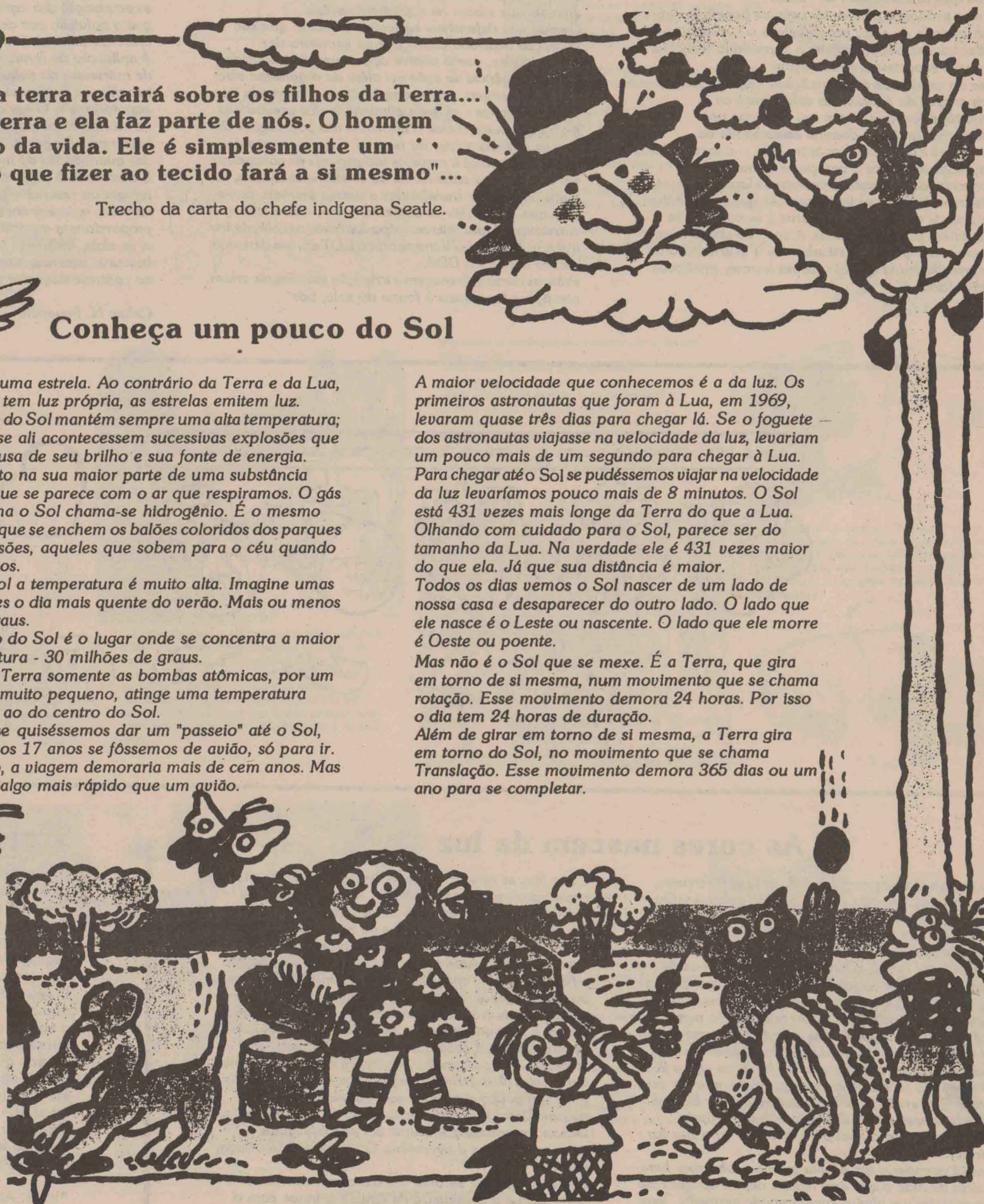
Agora, se quiséssemos dar um "passeio" até o Sol, levaríamos 17 anos se fôssemos de avião, só para ir. De carro, a viagem demoraria mais de cem anos. Mas imagine algo mais rápido que umavião.

A maior velocidade que conhecemos é a da luz. Os primeiros astronautas que foram à Lua, em 1969, levaram quase três dias para chegar lá. Se o foguete dos astronautas viajasse na velocidade da luz, levariam um pouco mais de um segundo para chegar à Lua. Para chegar até o Sol se pudéssemos viajar na velocidade da luz levaríamos pouco mais de 8 minutos. O Sol está 431 vezes mais longe da Terra do que a Lua. Olhando com cuidado para o Sol, parece ser do tamanho da Lua. Na verdade ele é 431 vezes maior do que ela. Já que sua distância é maior.

Todos os dias vemos o Sol nascer de um lado de nossa casa e desaparecer do outro lado. O lado que ele nasce é o Leste ou nascente. O lado que ele morre é Oeste ou poente.

Mas não é o Sol que se mexe. É a Terra, que gira em torno de si mesma, num movimento que se chama rotação. Esse movimento demora 24 horas. Por isso o dia tem 24 horas de duração.

Além de girar em torno de si mesma, a Terra gira em torno do Sol, no movimento que se chama Translação. Esse movimento demora 365 dias ou um ano para se completar.

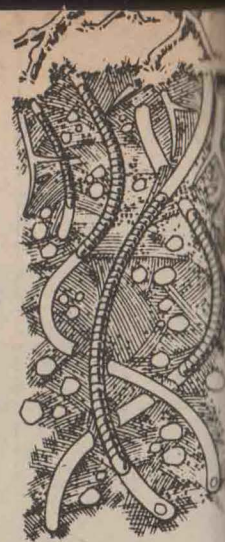
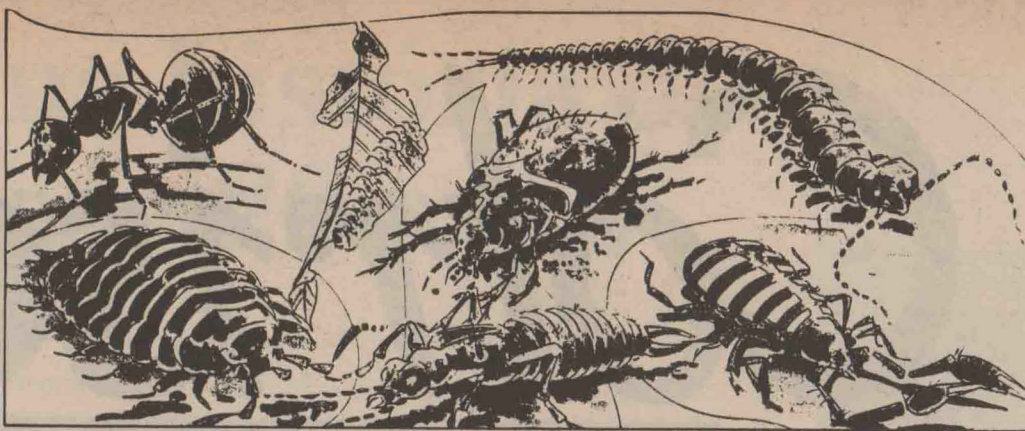


A fauna do solo e as práticas agrícolas

A distribuição dos animais no solo está condicionada por fatores ecológicos, tais como: tipo de porosidade, umidade, aeração e temperatura. Num corte vertical, o solo não se mostra homogêneo, mas sim estratificado. A fauna, portanto, é aí influenciada, verticalmente, por esses fatores ecológicos, em horizontes sucessivos. A camada mais superficial do solo - ou horizonte - é formada basicamente por restos provenientes da cobertura vegetal local, e recebe a denominação de manta, folheto ou folhiço. Nessa camada, plantas e animais mortos na superfície, bem como as fezes destes, constituem a fonte primária de energia das chamadas comunidades do solo. O processo de decomposição é iniciado pela atividade enzimática de microorganismos - como bactérias, fungos e protozoários -, capazes de digerir a celulose, tornando-a assimilável pelos demais organismos. Diversos animais fitófagos obtêm seu alimento de parte da manta ainda fresca, como fazem as minhocas, lesmas e alguns artrópodos do solo; ou de substâncias assimiláveis de plantas vivas, como fazem os nemátodos parasitas e insetos que se alimentam de raízes.

Algumas práticas agrícolas têm efeitos benéficos sobre a comunidade do solo, promovendo o aumento geral das densidades populacionais e permitindo inclusive que novas espécies se estabeleçam.

O uso do arado acarreta condições desfavoráveis a certos grupos de animais do solo, como os microartrópodos, que vivem em camadas não perturbadas, onde predomina estabilidade de temperatura e umidade. Por outro lado, o solo revolvido e mais solto aumenta a aeração e drenagem, proporcionando o estabelecimento de larvas de insetos (dípteros, coleópteros e lepidópteros), que se alimentam amplamente de raízes de culturas e se constituem portanto em pragas agrícolas. A ação do arado resulta também em expandir verticalmente a distribuição de membros da fauna do solo, como lesmas, minhocas e nematódos.



As monoculturas, assim como a rotação de culturas, diminuem a diversidade de espécies, mas favorecem as populações de larvas de insetos e nemátodos que se alimentam de raízes.

A aração e o cultivo, aumentando as possibilidades de erosão, provocam também a remoção de muitos animais que vivem na superfície do solo.

Quanto aos defensivos agrícolas, é sabido que sua utilização ocasiona alterações na estrutura das comunidades, como ocorre com o uso de inseticidas, cuja abrangência de ação vai além do organismo alvo, podendo romper, por exemplo, com sistemas do tipo predador/praga - aí, pela eliminação dos predadores mais suscetíveis, dá-se o aumento das populações de pragas a níveis acima do normal. Alguns grupos de minhocas, lesmas e caracóis são capazes de concentrar em seus corpos altos níveis de substâncias tóxicas, as quais podem ser transferidas a outros animais, como pássaros, que deles se alimentam. Por outro lado, entretanto, alguns microartrópodos como os colêmbolos e alguns ácaros, podem quebrar o DDT em um derivado menos tóxico - o DDE.

Práticas como a drenagem e irrigação geralmente criam condições favoráveis à fauna do solo, por

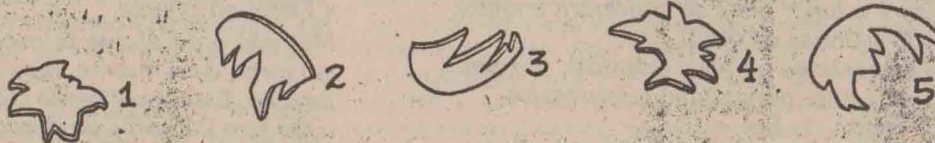
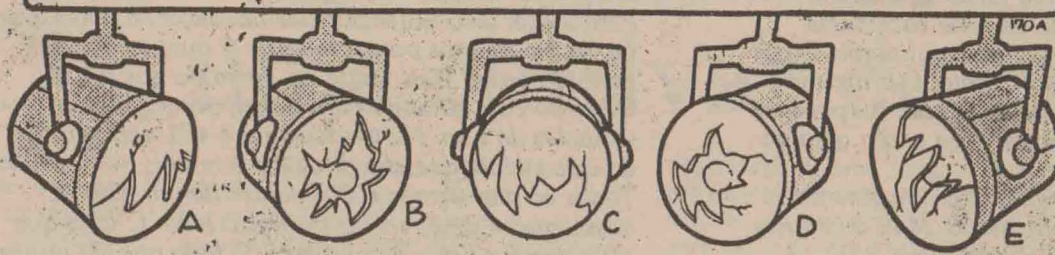
proporcionar-lhe níveis adequados de umidade. No entanto, o uso de águas servidas e efluentes de esgotos reduzem a diversidade de espécies, favorecendo apenas aquelas tolerantes à acidez. A poluição atmosférica frequentemente causa alterações no caráter da vegetação, com conseqüente mudança na densidade e composição das espécies da fauna do solo, enquanto que a poluição por detritos industriais também tem o efeito de diminuir-lhes a diversidade.

A aplicação de fertilizantes, aumentando o conteúdo de nutrientes do solo, geralmente oferece um efeito benéfico na sua fauna, com o aumento das densidades populacionais. O enriquecimento obtido com o uso de esterco e composto promove maior atividade das bactérias e fungos do solo, provocando aí o aumento das quantidades de material nitrogenado.

É destacado o papel das cercas vivas com habitat, refúgio ou reservatório de populações de pragas da lavoura; mas, em contrapartida, essas sebes proporcionam aumento da diversidade da fauna, que aí se aloja, incluindo invertebrados predadores, como besouros, aranhas, moscas, etc. - importantes justamente no controle daquelas pragas.

Celuta H. Paganelli

VAMOS DESCOBRIR OS CACOS QUE CORRESPONDEM A CADA REFLETOR QUEBRADO?



SOLUÇÃO:
1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100

As cores nascem da luz

Não podemos imaginar o mundo sem cor. Árvores, flores, roupas, animais... tudo branco ou preto. Ou será que sem a cor não haveria mundo? Que doidice! Se as cores sumissem do mundo não veríamos nada. Só escuridão. Por que? Porque a escuridão é justamente a ausência de cor. E o branco é a união das cores. Deu para entender? Não? Então pense comigo: quando o sol está bem forte em cima de nós, a sensação que temos é que as coisas ao nosso redor estão mais coloridas do que nunca. Mas à tardinha quando o sol está indo embora, já não distinguimos bem o verde do azul, o amarelo do vermelho. As cores agora já não estão tão nítidas, e quando o sol desaparece vem a noite. E aí então já não é possível ver cor alguma. É que tudo que nos rodeia não tem luz própria. Necessitam da luz do sol para aparecer com sua cor e forma.

Se você acender a luz de seu quarto e observar bem as cores de tudo o que está nele, e depois apagar essa luz e acender um abajur com lâmpada vermelha, verá que as cores sofreram algumas alterações de tonalidade.

E por fim, se apagar todas as fontes de luz, o preto, o escuro, será a cor dominante. A luz do sol muda como você mudou as luzes no seu quarto.

A luz branca tem as sete cores do arco-íris (vermelho, amarelo, alaranjado, verde, azul, anil e violeta). E quando esta luz bate sobre alguma coisa, esse objeto reflete a sua cor, aproveitando a luminosidade. E as outras cores que não fazem parte do arco-íris nascem da mistura de três cores básicas - vermelho, amarelo e azul. E da mistura dessas nascem todas as demais. Aposto que você sabe que cor dá misturando azul e amarelo - azul e vermelho, vermelho e amarelo. Pense um pouco. Nada? Então pegue uma rola e as tintas. Pinte um pouco com cada cor, vá misturando aos poucos. Descubra tonalidades de verde, roxo e laranja. Depois experimente misturar em porções iguais o azul, o amarelo e o vermelho. O resultado? Um lindo marrom.

E para completar, escolha um dia com bastante sol e calor, pegue a mangueira de água e brinque com o arco-íris direcionando jato de água ao sol.

Travessuras no céu

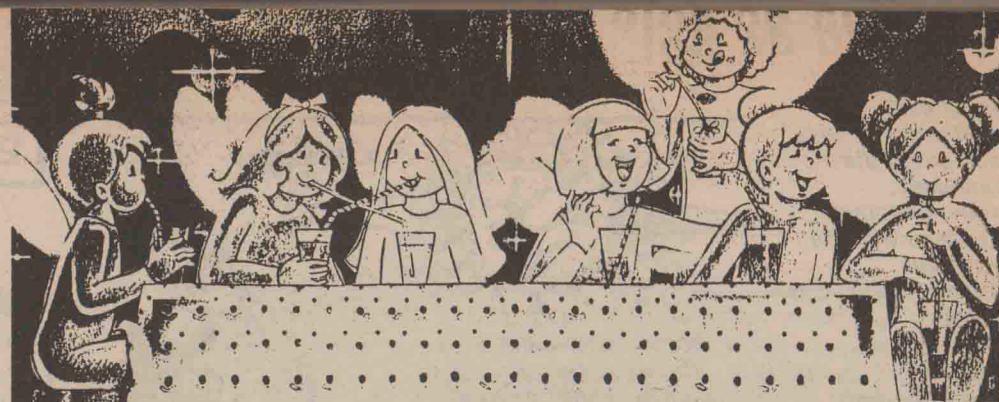
O sol levantou cedinho de bom humor, cheio de amor. Quería fazer um carinho, secar o orvalho da terra, esquentar cada cantinho. Mas, como é que ele podia? O céu estava tão escuro que nem parecia dia... o sol logo fez um furo numa nuvem encardida buraco que, outro ali fez cócegas na bandida até ela morrer de rir, foi aí que de repente o céu parou de roncar o sol se abriu a brilhar e a terra acordou contente.

Aluno: Alziro Roziel Toso

O vermelho virou verde

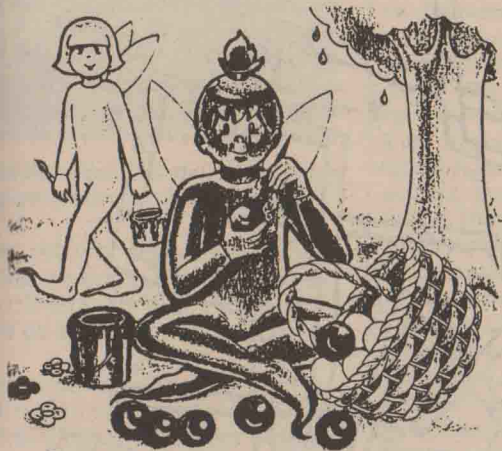


As cores moravam com Mamãe Luz numa casinha colorida. Dava gosto ver as sete irmãs, de manhã, em volta da mesa do café, que tinha de tudo, menos café...

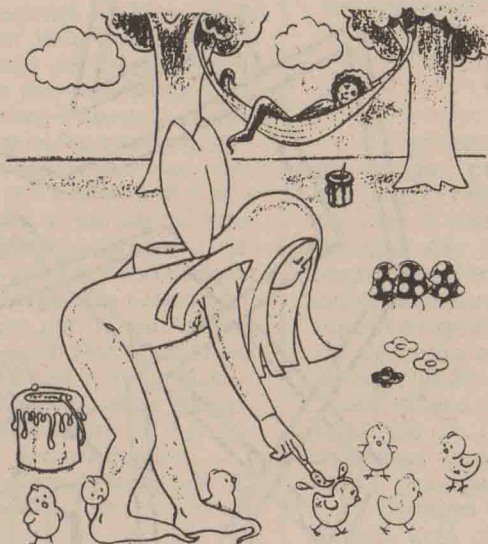


Sentadas sempre nos mesmos lugares, pareciam o arco-íris: vermelha, alaranjada, amarela, verde, azul, anil e roxa.

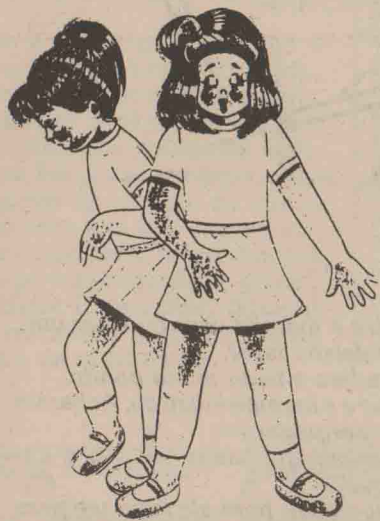
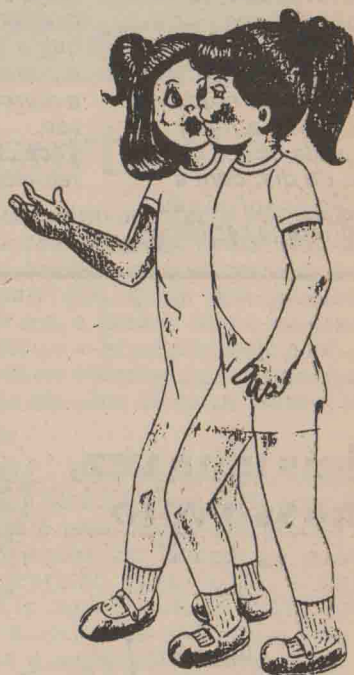
A vermelha, muito viva, tomava logo seu suco de tomate. A alaranjada e a amarela bebiam suco de laranja. A verde só gostava de suco de espinafre. Anil e roxa tomavam suco de uva. A azul era novidadeira, experimentava de tudo, até suco de flor e de orvalho.



Todas tinham seu lugar certo, que não podia ser mudado, e horário para tudo. Um dia a vermelha atrasou no trabalho. Ela estava caprichando na pintura de uns tomates maduros e ainda faltavam muitos. Aí, pediu à verde, que já tinha pintado árvores e grama, que tomasse banho em seu lugar.



A amarela estava pintando pintinhos. Ainda faltavam sete que não paravam quietos... Ela viu que a azul já tinha acabado de colorir o céu e estava na rede, muito folgada. Pediu: - Azulzinha, faça o favor de tomar banho no meu lugar hoje. E foi assim que começou a confusão. As irmãs gostaram das brincadeiras e trocaram de lugar o tempo todo. O que era azul ficou amarelo. O amarelo ficou azul. O vermelho virou verde. O verde virou vermelho. Mamãe Luz, que tinha saído bem cedo, não sabia de nada. Era o dia do aniversário da cidade onde as cores moravam. Ia haver festas e desfiles das escolas. Carolina e Mariana foram para a escola de uniforme novo: saia de xadrez azul e branco e blusinha branca.



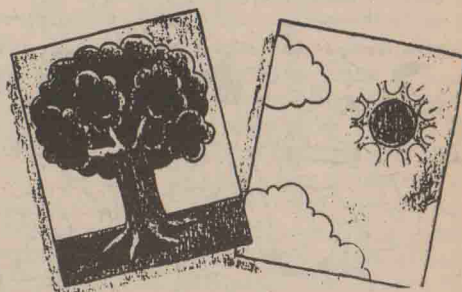
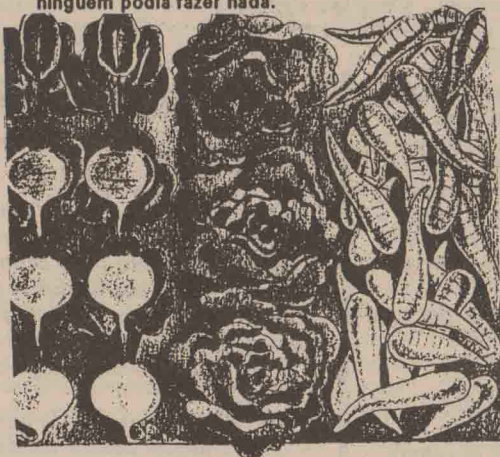
Quando chegaram, animada, a professora disse: - Que é isso? Por que não vieram de uniforme? As meninas olharam para suas saias e ficaram espantadas: eram de xadrez amarelo e branco! E as outras crianças também estavam assim.



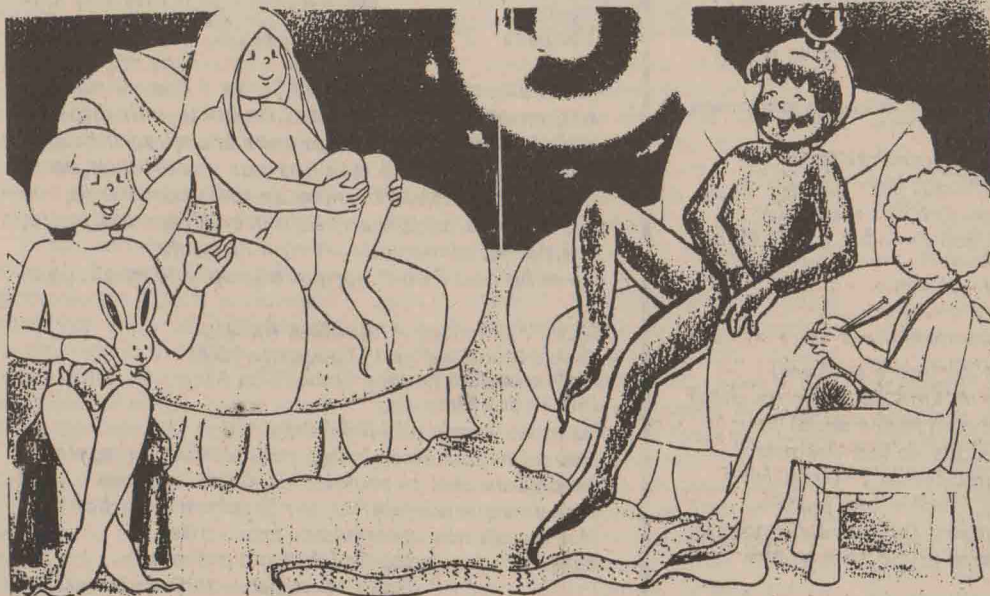
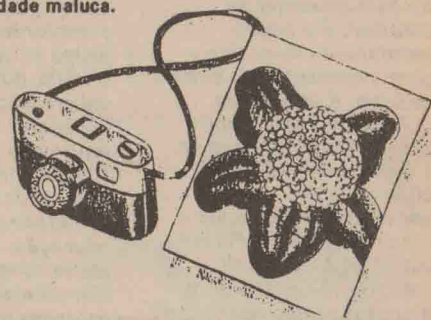
O professor de música ficou assustado quando olhou para o céu. O céu estava amarelo. E o verde dos campos, vermelho! E lá vinha correndo o jovem professor de ginástica. Todas as garotas da cidade admiravam os seus cabelos loiros. Ele não queria mais participar das festas porque sem mais nem menos seus cabelos tinham ficado azuis.

Nas casas, a confusão era enorme. As crianças reclamavam:

- Não quero gemada azul, mamãe!
As empregadas falavam para os verdureiros:
- Esta alface não presta: está vermelha!
Onde já se viu beterraba verde?
As pessoas iam pegar os carros, mas eles estavam de outra cor.
Até os carros dos bombeiros tinham ficado verdes! Todo mundo estava espantado.
As pessoas iam reclamar para a polícia, mas ninguém podia fazer nada.



E a festa? Como é que iam mostrar para o pessoal que vinha da capital aquelas árvores com folhas vermelhas e as hortênsias amarelas? E o sol azul num céu também amarelo. Todos tiravam fotografias coloridas daquela cidade maluca.



Não parava de chegar gente para ver e crer. Isso continuou até Mamãe Luz voltar para casa. Já de fora ela percebeu que as cores da casa estavam diferentes. Quando entrou, viu a verde bem sossegada no lugar da vermelha. A azul na cadeirinha da amarela. E a vermelha e a amarela batendo papo, sentadinhas nas poltronas da verde e da azul. Mamãe Luz pediu para todas voltarem para seus lugares. Na cidade, de repente, tudo ficou como antes. A festa foi muito, muito animada. Mas até hoje ninguém entendeu o que aconteceu naquele dia. É bom tomar cuidado: outro dia as irmãs roxa e alaranjada estavam cochilando e rindo muito. E só Mamãe Luz desculdar e vamos ter confusão...

Teresa Noronha



Relógio de Sol

Manoel está trabalhando na roça desde que o dia amanheceu. Parou de capinar, descansou e olhou para o sol. - Já são 11 horas, disse Manoel. E foi para casa almoçar. Manoel não tem relógio. Mas vê as horas olhando para o sol. Você também pode aprender a calcular as horas olhando para o sol. As sombras das coisas e das pessoas mudam de tamanho e lugar de acordo com as horas do dia, com a posição do sol no céu. Coloque uma cartolina



branca num lugar aberto, pátio ou quintal. Entie no centro da cartolina uma vara de um metro de comprimento. Consultando um relógio, marque na cartolina a sombra que a vara faz sobre o papel. Anote, sobre a marca, que horas são. Você construiu um relógio de Sol.

Mais uma vez, nosso voto



Política, segundo um povo muito antigo chamado gregos, é a arte de bem governar as cidades. É a busca permanente de meios para a realização do bem comum. É através da política que se organiza a sociedade civil, que se estabelecem as condições de convivência, os planos e metas de governo. Parece complicado isto tudo, mas na vida precisamos de pessoas que nos representem. Que levem nossas idéias, já que não é possível cada pessoa falar com o prefeito do município, com o governador do Estado ou com o presidente do país. Fazer política hoje é mais fácil que 20 anos atrás, época da ditadura militar. Temos maior liberdade de denunciar os desmandos, a corrupção. Cresce cada vez mais a participação política e o povo colaborando através de associações, sindicatos, grupos comunitários. Eleição após eleição são elaboradas diversas cartilhas de orientação política, buscando esclarecer o eleitor para o voto livre, consciente, em candidatos que apresentam não só

requisitos de honestidade e competência, mas que tenham o testemunho de um passado comprometido com as justas causas populares. Um dia, quem é pequeno vai crescer. Vai votar e vai ajudar a decidir o futuro das coisas que acreditamos serem essenciais para a qualidade de vida - educação, moradia, saneamento, saúde, alimentação. E aí vamos entender que ninguém vota apenas nas pessoas, mas no partido a que o candidato pertence; é com o partido ou grupo de partidos - no caso das alianças - que o prefeito formará o seu governo ou é através da soma dos votos, obtidos por seus candidatos que o partido formará a sua legenda, assegurando um número maior ou menor de vereadores. Dia 3 de outubro aconteceram as eleições municipais. Agora nossa responsabilidade de eleitor não terminou. Vamos continuar acompanhando e fiscalizando os novos governantes, através das associações de moradores, conselhos municipais, denunciando abusos e omissões.

Pés no chão, não no tapete

Os tapetes existem desde a antiguidade. Entre os gregos, o tapete era considerado artigo de alto luxo. Mileto foi o centro de fabricação mais conhecido. O uso do tapete somente ganhou o ocidente na época das cruzadas. Os tapetes do antigo oriente sempre foram famosos por suas decorações de figuras com influência chinesa, pela decoração floral, tradição persa. No século XV, a arte do tapete foi praticada à imitação do oriente na Itália e na Espanha, onde os árabes haviam instalado oficinas para sua fabricação. No século XVII, surge a primeira manufatura real de tapete. O desenvolvimento do aparelho mecânico permitiu a indústria do tapete. Hoje o tapete reflete influência cubista e das artes exóticas. Entre os tapetes existem os feitos a mão e os fabricados mecanicamente. Os executados a mão são praticamente todos os "pontos ligados", sendo definidos pelo número de carreiras de nós que comportam por metro. Os principais centros de produção são o Irã, a Ásia Menor e a África do Norte. Se classificam: - tapetes aveludados - tapetes rás - tapetes Moquetas (se faz em tear e em tiras) - tapetes Lagartos (usados ao lado da cama, no chão) - tapetes Jaspeados (feitos com restos de lã) - tapetes Escoceses (fabricados no tear Jacquard). E os alunos da Escola Municipal de 1º Grau João XXIII, de Rincão dos Pires, resolveram, junto a professora Senhorinha Siqueira, fazer tapetes originais. Leiam só a experiência desse grupo com os fios.

O tapete

Um dia eu pedi para a mamãe para eu fazer um tapete e a mamãe deixou fazer. Então comecei o tapete e ficou muito bonito. Chegou uma mulher e a mamãe mostrou. Acharam coisa mais linda e perguntaram: - Quem fez? A mamãe respondeu: - A Vanessa. Por que? - Não, porque eu vou pedir para ela fazer um para mim. Tchau. Minha filha, vão pedir para você fazer um tapete. - Quem? A Neusa. - Oi, tudo bem, eu vim pedir para você fazer um tapete para mim. Eu me encantei com aquele tapete que você fez para sua mãe. Então eu faço um para a senhora. E fiz. Ficou bem bonito.

Escola Municipal de 1º Grau João XXIII
Professora Senhorinha Siqueira da Silva
Rincão dos Pires

Vanessa - 2ª série

Nós fizemos um tapete de bolsa e depois nós contamos oito em oito fios da bolsa e tiramos dois fios da bolsa e ficou com uns quadrinhos. Daí nós atamos os retalhos nos quadrinhos da bolsa, os retalhos bonitos de toda cor: verde, cor-de-rosa, azul, marrom, cinzento, branco, preto, vermelho, alaranjado, roxo e amarelo. Eu acho que é bom porque nós aprendemos mais.

Cátia, Franciele, Angelita e Rodrigo
Escola Municipal de 1º Grau João XXIII
Professora Senhorinha Siqueira da Silva
Rincão dos Pires

Na nossa escola não tinha tapete. Nós ganhamos umas bolsas para fabricar os tapetes, juntamente com as professoras. Como eram os primeiros que nós fabricamos não saíram muito bonitos. Mas depois nós conseguimos fazer certo. Agora nós temos tapete fabricado por nós.